



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL DE SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL
(PROFSOCIO)

MANOEL XIMENES AZEVEDO NETO

UMA REFLEXÃO SOBRE JUVENTUDE, ESCOLA E EDUCAÇÃO:
RELAÇÕES, DILEMAS E TENSÕES

FORTALEZA

2024

MANOEL XIMENES AZEVEDO NETO

UMA REFLEXÃO SOBRE JUVENTUDE, ESCOLA E EDUCAÇÃO: RELAÇÕES,
DILEMAS E TENSÕES

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO) da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Sociologia. Área de concentração: Ensino de Sociologia.

Orientador: Prof.^o Dr. Irapuan Peixoto Lima Filho.

FORTALEZA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

N385r Neto, Manoel Xímenes Azevedo.
 Uma reflexão sobre Juventude, Escola e Educação: : relações, dilemas e tensões. / Manoel Xímenes
 Azevedo Neto. – 2024.
 152 f. : il. color.

 Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação,
 Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional, Fortaleza, 2024.
 Orientação: Prof. Dr. Irapuan Peixoto Lima Filho.

1. Juventudes. 2. Escola. 3. Educação. 4. Identidade. 5. Sociabilidades. I. Título.

CDD 301

MANOEL XIMENES AZEVEDO NETO

UMA REFLEXÃO SOBRE JUVENTUDE, ESCOLA E EDUCAÇÃO: RELAÇÕES,
DILEMAS E TENSÕES

Dissertação apresentada ao Mestrado
Profissional de Sociologia em Rede
Nacional (PROFSOCIO) da Universidade
Federal do Ceará, como requisito parcial à
obtenção do título de Mestra em Sociologia.
Área de concentração: Ensino de Sociologia.

Aprovada em: 28 / 06 / 2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Irapuan Peixoto Lima Filho
Orientador Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Danyelle Nilin Gonçalves
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Isaurora Cláudia Martins de Freitas
Universidade Estadual Vale do Acaraú (UEVA)

Dedico essa pesquisa a minha mãe Elenice Azevedo e meu pai Orlando Oliveira, meus familiares em nome das minhas saudosas avós Antônia Mota, Maria da Conceição (Maria do Lau) e a todos que tem consigo o desejo supremo de transformar a nossa sociedade em um lugar mais justo, respeitoso e equânime.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Elenice Azevedo e Orlando Oliveira, seres humanos extraordinários, exemplos, amigos, confidentes, motivadores, cuidadores, protetores, verdadeiros anjos que fazem parte intrinsecamente deste processo, sendo, portanto, coatores desta jornada que é minha vida.

Aos meus saudosos avôs: Antonia Mota, Maria do Lau (in memoriam) e (Lau Farrapo) que depositaram em mim todo afeto necessário para alguém viver.

Ao meu avô Manoel Paula a quem recebi, com muita honra meu nome.

Aos meus irmãos: Diego, Darckyara e Cesário pelo companheirismo e por acreditarem e mim e meus sobrinhos: Orysson, Áryssa e Maria Antonia que partilham do mesmo sonho comigo e são reais motivos de estar de pé e trilhar um caminho para um futuro melhor para eles.

Ao meu companheiro Derlan pelo apoio e por torna-se unido a mim, vivenciando os doces e amargos da vida.

Aos meus familiares, meus sogros, cunhados e amigos - em nome da minha mãe de fé Fatima Sousa a quem convive comigo em oração, fé e afeto - alunos e alunas, pais e mães, as escolas e seus grupos de docentes e discentes, colegas de trabalho, amigos e todo ser humano que partilha desta jornada humana.

RESUMO

Este trabalho visa levantar uma discussão sobre as categorias ou elementos aplicados para compreender e analisar a interface entre juventudes e escola, vislumbrada pela relação direta com meu agir diário enquanto professor da educação básica. Tal pesquisa tem por finalidade ser respaldo para construção de material referencial útil para os estudos em curso ou outros que porventura poderão surgir sobre a área e o estudo. Neste trabalho, busca-se salientar a relação com as questões pertinentes de desigualdades sociais, educação, ensino de sociologia, juventude e escola. A sociedade atual é complexa e dinâmica, afinal, as relações sociais se reorganizam de forma rápida em todo momento e âmbito da vida social. Nela, estão estratificadas diversas relações, destas, muitas vezes, norteadas por instituições, grupos e organizações; constituem “signos” (formas de sociabilidade) que condicionam os grupos sociais, principalmente os mais desfavorecidos historicamente que, no caso desta pesquisa, se deterá em torno das juventudes. Isso se configura no cotidiano de desigualdades sociais, no qual nos deparamos todos os dias. Segundo Giddens (2002), a sociedade moderna traz consigo elementos das sociedades pré-modernas, contudo, transformadas por variantes únicas dos tempos atuais: industrialização, globalização e tecnologia. Diante disso, é, de toda forma, necessário se reportar a concepção sociológica do mesmo para compreender ou analisar tal sociedade atual, o ato de reflexividade. Por fim, permeado pelas categorias, método e conceitos sociológicos, busca-se compreender a relação, tensões e dilemas entre as juventudes e a escola, dentro e fora do seu espaço, especificamente com as juventudes do litoral oeste cearense, da cidade de Trairi, por meio de duas escolas: Maria Celeste de Azevedo Porto (integral) e Padre Rodolfo Ferreira da Cunha (regular), usando metodologias quantitativas e qualitativas.

Palavras-chave: juventudes; escola; identidade, educação.

ABSTRACT

This paper aims to raise a discussion about the categories or elements applied to understand and analyze the interface between youth and school, as seen through the direct relationship with my daily actions as a basic education teacher. The purpose of this research is to support the construction of useful reference material for ongoing studies or others that may arise in the area and the study. This paper seeks to highlight the relationship with pertinent issues of social inequalities, education, teaching sociology, youth and school. Today's society is complex and dynamic, after all, social relations are reorganized rapidly at all times and in all areas of social life. In it, various relationships are stratified, often guided by institutions, groups and organizations; they constitute “signs” (forms of sociability) that condition social groups, especially the most historically disadvantaged ones, which, in the case of this research, will focus on youth. This is configured in the daily social inequalities that we encounter every day. According to Giddens (2002), modern society brings with it elements of pre-modern societies, however, transformed by unique variants of the present times: industrialization, globalization and technology. In view of this, it is, in any case, necessary to refer to the sociological conception of the same to understand or analyze such current society, the act of reflexivity. Finally, permeated by sociological categories, methods and concepts, it seeks to understand the relationship, tensions and dilemmas between young people and school, inside and outside its space, specifically with young people from the western coast of Ceará, from the city of Trairi, through two schools: Maria Celeste de Azevedo Porto (full-time) and Padre Rodolfo Ferreira da Cunha, using quantitative and qualitative methodologies.

Keywords: youth; school; identity, education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 – Mapa do Ceará em destaque do município de Trairi.....	11
Imagem 2 – Registro feito na Praia de Flecheiras.....	14
Imagem 3 – Vista do Barra do Mundaú.....	14
Imagem 4 – Vista do Barra do Mundaú.....	15
Imagem 5 – Circuito de Surf.....	18
Imagem 6 – Tradicional carnaval de Flecheiras.....	18
Imagem 7 – Populares sentados no final da tarde na zona urbana de Trairi.....	19
Imagem 8 – Apresentação do material didático – sequência didática.....	129
Imagem 9 – Atividade realizada pelo estudante do material didático.....	133
Imagem 10 – Atividade realizada pelo estudante do material didático.....	134
Imagem 11 – Atividade realizada pelo estudante do material didático.....	135

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Renda familiar e projeção de futuro.....	57
Gráfico 2 – Renda desejada pós-ensino médio.....	62
Gráfico 3 – Escola que estudam.....	62
Gráfico 4 – Idade dos estudantes.....	67
Gráfico 5 – Série dos estudantes.....	68
Gráfico 6 – Renda familiar dos estudantes.....	69
Gráfico 7 – Composição familiar.....	70
Gráfico 8 – Escolaridades dos responsáveis dos estudantes.....	71
Gráfico 9 – Motivação da família ais esrtudantes.....	71
Gráfico 10 – Motivação das escolas para com os estudantes	72
Gráfico 11 – A escola como espaço seguro para os estudantes.....	75

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Cor/raça por seriação.....	55
Tabela 2 – Religião por seriação.....	55
Tabela 3 – Renda familiar.....	56
Tabela 4 – Projeção de vida e religião.....	58
Tabela 5 – Profissão desejada e renda familiar.....	59
Tabela 6 – Perspectiva de vida pós-ensino médio e renda.....	61
Tabela 7 – Apoio familiar e estímulo ao estudo.....	64
Tabela 8 – Acredita no projeto profissional.....	64
Tabela 9 – Formulário para fundamentar o material didático.....	87
Tabela 10 – Estrutura do material didático: sequência didática.....	91

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	16
2	APRESENTAÇÃO E METODOLOGIA	20
3	ANÁLISE DO ESPAÇO ESCOLAR COMO LOCAL DE SIGNIFICADOS	45
4	UMA REFLEXÃO SOBRE JUVENTUDE E ESCOLA.....	59
5	PROPOSTA DA PRODUÇÃO DE UMA CARTILHA DIDÁTICA: “CAMINHOS DA JUVENTUDE”	93
6	PROPOSTA DA CARTILHA EM FORMATO DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA .	103
7	ANÁLISE E REFLEXÃO SOBRE A APLICAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO	136
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	146
	REFERÊNCIAS.....	149

1 INTRODUÇÃO

Para iniciar a discussão sobre o tema, é preciso, primeiramente, salientar que este projeto de pesquisa está relacionado com as questões pertinentes às desigualdades sociais, educação, ensino de sociologia, juventude e escola. Os pontos mencionados estão ligados com a linha de pesquisa: Educação, Escola e Sociedade. Ademais, é importante evidenciar algumas questões das quais norteiam, ou pelo menos fundamentam, o pilar investigativo deste projeto. Dessas questões estão: o que é escola afinal de conta? Quais sentidos a escola floresce no imaginário da sociedade? Quem são os estudantes? Jovens? E o que é juventude? E o que pode ser juventudes? Que cultura se pode formular na escola e de que maneira isso pode ocorrer? A escola oprime, liberta, cerceia, amplia, apoia, silencia ou normatiza?

Antes que me detenha a narrar sobre a pesquisa propriamente dita, é útil elencar neste início de texto sobre a relação da pesquisa com minha trajetória profissional. Isso contribui para ler e visualizar para além da escolha do tema e do ambiente de pesquisa, portanto, a pesquisa se adequa a minha realidade profissional: sou professor de Sociologia em uma escola de tempo integral vinculada à rede estadual de ensino do estado do Ceará. Contudo, minha experiência inicia muito antes, em meados de dois mil e quatorze, pois, desde então, venho vivenciando as realidades do ambiente escolar e suas múltiplas facetas.

Nesse sentido, o objetivo de estudo e o grupo pesquisado também é levado em consideração a minha relação com os estudantes, desde início de minha jornada profissional e acadêmica. O tempo me colocou numa condição possível para compreender a juventude, ou mesmo, as juventudes e suas inúmeras maneiras de expressões. Outro ponto de relevância a ser inserido para contextualizar é que leciono disciplinas de cunho aberto e que dão possibilidade de levar aos alunos/as variadas e amplas questões do meio social, o que se relacionam com a linha abordada na pesquisa. Diante disso, retomo a discussão para dar materialidade à pesquisa.

O objetivo geral é compreender a relação que se estabelece entre as juventudes e a escola e quais dilemas, tensões e imaginários percorrem esse espaço. Além disso, há outros caminhos que contribuem para tal, como: identificar as juventudes que ocupam esses espaços; entender que espaços são esses e como se manifestam; analisar as escolas e a relação entre seus alunos e alunas. Essas indagações, portanto, tornam possível um enquadramento para a pesquisa.

Com isso, vivemos em uma sociedade complexa e dinâmica, afinal, as relações sociais se reorganizam de forma rápida em todo momento e âmbito da vida social, sobretudo neste mundo globalizado. Nela, estão estratificadas diversas relações, muitas vezes norteadas por instituições, grupos e organizações que constituem “signos” (formas de sociabilidade) que

condicionam os demais grupos sociais, principalmente os mais desfavorecidos historicamente, que, no caso desta pesquisa, se deterá em torno das juventudes.

Diante disso, é necessário se reportar essa concepção sociológica para compreender ou analisar tal sociedade atual, o ato de reflexividade. Até agora, alcança-se as duas categorias da pesquisa: desigualdades e juventudes, sendo possível visualizar no momento em que essas juventudes constituem relação com a escola, ou seja, vivenciam e ocupam este espaço, tornando-se possível sua visualização, sobretudo, por mim, pesquisador.

Além disso, outro aspecto de importância para essa pesquisa é o conceito de educação – processo intrínseco a vida humana – como também um tanto complexo de se discutir, pelas suas contínuas ou descontínuas transformações e projetos ao longo dos anos, em especial neste país, como visto após a ditadura militar. Tal discussão também é agregada a essa pesquisa com o intuito de subsidiar e contextualizar as observações aqui levantadas. Com isso, busca-se compreender a concepção da juventude pela ótica sociológica e, porquanto, a percepção das juventudes para esse aspecto da vida humana, por meio de sua interação social.

Arelado ao conceito de educação, outro aspecto de relevância para o estudo iniciado é a escola. Esse espaço de sociabilidade e socialização revela a sociedade e como as juventudes se constroem ou elaboram suas performances, enxergam-se ou, até mesmo, como estas são subalternizadas pelo ambiente escolar. O tema se torna visível quando vinculamos todos os elementos apresentados no primeiro parágrafo e relacionamos com a escola e juventude, para uma possível compreensão de como as relações, interações, tensões, percepções ou não. Assim, são pensadas, analisadas, recebidas e codificadas, tanto pelos agentes (os que estão construindo as relações) como as agências que acabam as construindo.

Atentando-se ao ponto chave desta pesquisa, que foi analisar como as juventudes do litoral oeste cearense, da cidade de Trairi, se relacionam/ocupam as escolas que fazem parte, neste caso, serão duas escolas: Maria Celeste de Azevedo Porto (integral) e a Escola de Ensino Regular Padre Rodolfo Ferreira da Cunha. E, partir daí, perceber como essas escolas são compreendidas nesses espaços educacionais, assim, detectando por sua vez, quais dilemas ficam no em torno delas, sobretudo como percebem a escola. Quando levanto tais categorias ou elementos que poderão ser aplicados para compreender ou/e analisar meu objeto de pesquisa: juventudes e escola, é preciso, sobretudo, se munir de alguns questionamentos que perturbam meu olhar enquanto pesquisador, desta forma, esses nortearam a pesquisa e darão corpo a mesma.

Além disso, é importante também retomar a concepção de que o meu desejo como pesquisador vislumbra também uma relação direta com meu agir diária, afinal, sabemos que as

pesquisas na área de ciências sociais requerem também a importância do interesse do pesquisador e como o cenário acadêmico recebe esse objeto de estudo. No meu caso, estes objetos de estudo, juventudes e escola, são categorias sociológicas novas. Nesse sentido, há total necessidade de que sejam voltadas pesquisas sobre tais temáticas, até mesmo para fins de construir um material referencial que possa ser consolidado e útil para os estudos em curso ou outros que por ventura poderão surgir.

Como Simone Meucci (2015) e Ileizi Fiorelli (2015) já trouxeram em ensaios e artigos, as escolas no Brasil, mais objetivamente o sistema educacional, passaram por inúmeras transformações, como também tensões. Essas transformações impactaram o que hoje vivemos, por isso, é preciso parar para pesquisar sobre tal, afinal, o futuro poderá depender das reflexões aqui atualmente expostas. Além do sistema, também já se abordavam sobre o conceito de juventude que, por sua vez, é uma categoria sociológica relativamente nova, a qual requer um olhar acadêmico preciso e cuidadoso para se pensar. Ademais, outro aspecto da vida atual que eleva questionamentos e curiosidades é o período pandêmico, a pandemia de Coronavírus suscitou em nós, estudiosos, uma latente preocupação sobre o contínuo pensar. Afinal, estes anos sob a pressão dessa pandemia, refez, ressignificou e transformou as relações até então postas como normais.

Portanto, conforme elencado anteriormente, pensar nesses questionamentos e elementos da vida social moderna são necessários, afinal, vivemos, pelo menos no meu ver, um dos momentos de maior embate entre as juventudes e as relações dos outros aspectos da vida social. Por fim, tais observações contribuem intrinsecamente para que a pesquisa se desenvolva, o que nortearão, como também constituirão, o cerne do estudo.

Quando volto a pensar sobre meu objeto de estudo, como também os conceitos que o circundam, deparo-me com uma necessidade ampla das observações. Pegando primeiramente do arcabouço metodológico para a área das Ciências Sociais, assim, serão inseridos nesta pesquisa observações e métodos de teóricos da sociologia que tanto contribuíram e contribuem para o pensamento crítico da sociedade.

Reafirmo, portanto, que o objetivo desta pesquisa é compreender como os jovens estudantes das Escolas de Ensino Médio do Município de Trairi, localizada na região leste do Estado, se relacionam com a escola: pertencimento na escola, tensões (conflitos entre as regras institucionais e os desejos dos jovens) e performances (construção de suas identidades). Por exemplo, como *Margarida* se entende como jovem e se essa identidade passa pela presença da escola, como também cruzar a fala dela com a dos seus familiares para perceber se tais falas têm afinidade ou não para a representação da escola na construção de sua identidade. Após,

todas as discussões e os percursos perpassados ao longo da pesquisa , é atribuído a mesma, ao final, um produto, ou seja, todo o material levantado na pesquisa contribuiu para a construir um material didático que possa ser usado na rede de ensino e apoio didático aos professores/as.

Esta pesquisa se estrutura em sequência, o que possibilitará ao leitor uma melhor compreensão do que será posto e uma maior visualização das questões pertinentes abordadas como base da discussão deste material acadêmico. Primeiro capítulo: a introdução, momento posto para compreender o problema, a justificativa, o espaço e a relação da trajetória profissional com a pesquisa; segundo capítulo: metodologia e cronograma das ações, como também a descrição do espaço de pesquisa; terceiro capítulo: voltado para discutir as questões pertinentes sobre espaço escolar como objeto de reflexões sociológicas; quarto capítulo: voltado para discutir sobre os conceitos de juventude e escola; quinto capítulo: para análise e construção da intervenção didática, como produto do resultado da pesquisa e das discussões levantadas em tal. Além disso, serão destinadas algumas páginas para dados, anexos e demais informações pertinentes que sejam úteis para os leitores e sua devida compreensão do teor discutido nesta dissertação. Por fim, as considerações finais, que servirá como espaço para reforçar os aspectos levantados pela escrita e a sequência didática.

2 APRESENTAÇÃO E METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida no Município de Trairi, região litorânea do Estado do Ceará, especificamente, litoral oeste. Tal desejo de realizar a pesquisa nesse município se dá pelo fato da minha realidade como residente da cidade. Portanto, as escolas escolhidas para a observação são localizadas em Trairi e, por sua vez, também têm outra particularidade: todas são escolas estaduais de ensino médio. Tal especificidade se dá pelo público da pesquisa, os grupos em *lócus* estão matriculados nestas instituições de ensino. A escolha é por decorrência também das possibilidades: escolhi apenas duas escolas para que possa realizar tais contatos e que torne exequível a pesquisa. Das instituições escolhidas, uma será com a modalidade de Ensino em Tempo Integral e outra na modalidade regular com período diurno e noturno.

Dessa forma, trago ao texto o mapa do Ceará e a localização do Município de Trairi para contextualização e localização geográfica por parte de quem se interessar em ler este escrito.

Imagem 1 – Mapa do Ceará com a localização geográfica do Município de Trairi



Fonte: Extraída pelo site da Google (2023).

Pensar na pesquisa é também pensar no espaço em que ela se desenvolve. Usando-se do olhar sociológico e antropológico, neste momento, traço uma descrição – um tanto etnográfica – do município que desenvolve a pesquisa: Trairi. Assim, busco discurrir aspectos que suscitem no leitor um imaginário sociológico sobre o espaço e, com isso, compreender a relação entre a pesquisa e os sujeitos de pesquisa.

Para início, é importante situar a localização do município de Trairi que fica no litoral oeste do Estado do Ceará, há 120 km da capital Fortaleza. É um município litorâneo, tem como principal característica econômica o turismo, o que desenvolve e envolve boa parte da população do município, contudo, diante sua vasta extensão territorial, há outras características que tornam tal espaço dinâmico. Além da atividade turística, o trabalho relacionado à agricultura familiar é outro aspecto de relevância no município, ao perceber as falas e conhecer os habitantes, é fácil conhecer uma pessoa agricultura, seja na zona rural como também no espaço urbano. Assim, a prática do cultivo de legumes, verduras, milho, coco, batata, mandioca e outros alimentos torna também o comércio aquecido e a produtividade do município em alta.

Ainda sobre o comércio, diferente de outros municípios, a feira livre, ou seja, manifestação social que concentra a venda de materiais, produtos, alimentos e demais artefatos (materiais) e também imaterial (elementos culturais), é algo forte, afinal, acontece todos os dias da semana, inclusive no domingo. Durante a semana, no período da manhã, a cidade (espaço urbano) concentra uma enorme e frenética presença de pessoas que circulam no espaço denominado pelos habitantes de “centro do Trairi”, onde concentra os comércios, serviços públicos, instituições bancárias e a própria feira livre.

Nesse espaço, é possível ver uma das características mais elementares da população: o fascínio pelo comércio e a aptidão na modalidade da venda e do comércio. Esse comércio contempla uma gama de produtos e serviços, além dos alimentos descritos anteriormente, o setor de confecção, farmácia, mercados/supermercados e restaurantes são pontos muito fácil de encontrar e constroem a identidade visual do município, não só no centro, mas em todos os bairros e localidades, o comércio, seja de qualquer natureza, prevalece de uma forma particular e intensa.

Com isso, conseqüentemente ao processo vivo do comércio, o município de Trairi também tem consigo algo peculiar, uma relação diversificada de pessoas, seja relacionado a religião, política, social, econômico e culturalmente, como também de diversos Estados e municípios. Em decorrência do litoral, do comércio e do turismo, o município se tornou um alvo para o setor hoteleiro e também na produção de energia eólica, diante disso, é visível a inserção de pessoas de países e estados brasileiros da região norte, sul e sudeste, como pessoas

do continente europeu. Isso tudo amplia ainda mais o processo cultural do município, as relações vão se construindo, com elas, familiares, modos, costumes e dinâmicas se ressignificam sempre, mas sem perder a realidade sociocultural do próprio município.

Esse elemento cultural é simbólico e presente, por exemplo, as danças populares como reisado, dança de coco, forró e grupos de quadrilha são presentes e concentram a participação de pessoas em grande escala. Permitido pelo processo de interação social, a presença da dança contemporânea também é considerado um marco do município, ainda mais com a presença de eventos internacionais, como a Bienal Internacional de Dança. Além disso, historicamente, há a presença de movimentos teatrais no município com grupos de dramistas (pouco presente atualmente) e teatro de rua.

Ademais, o artesanato é outro ponto que se envolve e participa da vida cotidiana do povo de Trairi, aqui, as rendeiras e os demais artesãos de material rústicos concentram presença forte no comércio local. Aqui há a presença de artesãos que usam desde coco, madeira, renda e palha, também usa escama de peixe para produção de produtos, considerados por eles, como artefatos de arte e que trazem elementos simbólicos do contexto cultural local.

A religião, por sua vez, tem a predominância do cristianismo, tanto na vertente católica como protestante, a Igreja católica concentra a história antiga do município, afinal, ela se confunde com a historicidade e início – conforme descrito pelos autores locais – da formulação do município, sendo até citada no hino do município. Como uma boa parte dos municípios brasileiros, a igreja católica do município exerce um papel de guardião da história local e mantém os resquícios do passado. Porém, também relacionado a dinâmica brasileira, após anos 90, o movimento protestante tomou corpo e força, sobretudo no município, no qual se encontra também várias igrejas ou templos protestantes, mesmo que não de forma tão visível socialmente. Além disso, a presença de grupos de matrizes africanas e movimentos espíritas também se permeiam no município, com templos localizados em bairros e localidades do município. Esse aspecto traz luz a outros ramos da vida cotidiana, o que também condicionam o perfil local.

Para findar essa descrição etnográfica – no sentido da descrição – a presença das classes sociais com menos provimentos e recursos são consideráveis, os familiares da agricultura familiar e dos demais cultivos da zona rural formam maioria no conjunto de habitantes, agregados aos comerciantes e demais setores da vida social, como o setor turístico. Por sua vez, a população é ativa, tornando vivo suas localidades e construindo perfis culturais próprios e específicos, o que, ao analisar de forma macro, dão materialidade a identidade cultural do município.

A juventude, por sua vez, encontra-se em todos os espaços, elas se manifestam em todos os âmbitos da vida social de Trairi, tanto na religião, no turismo, na agricultura, no comércio, mas, principalmente, como agentes culturais. As juventudes de Trairi permanecem vinculados ao movimento contínuo de participação de elementos culturais do município, que constroem a vida social e os movimentos e grupos. Além disso, como nas demais cidades, esses grupos se ligam às características da modernidade atual, é também possível identificar os variados grupos juvenis que desenvolvem suas culturas por meio da música, da arte, da política, da religião e de outros signos que dão vida às suas próprias características.

Todos esses elementos juntos contemplam um pouco do que é perceptível no município e na população, o que agregam valor, sentido e dinâmica ao povo e ao município em si. Além disso, agrego mais aspectos, para maior contextualização e percepção conceitual da descrição acima realizada do espaço vivido, a partir de agora discorro os aspectos históricos, geográficos e fatos culturais que são pertinentes no espaço de Trairi-CE.

Após essa leitura sociológica e interpretação, acho pertinente a leitura também dos aspectos abaixo, neles, além do que foi mencionado, há um fundamento documental, descritos para reafirmar ou contribuir para continuação da imaginação do município em que se desenvolve a pesquisa a seguir. Portanto, abaixo é possível observar as praias, as festas e manifestações culturais, ambientes e movimentos presentes. Além disso, aspectos da história do município, que pode ajudar para o leitor perceber ainda mais sobre o município e a própria pesquisa: sujeito e realidade.

Imagem 2 – Registro feito da Praia de Flecheiras – Trairi



Fonte: Extraída pelo Perfil virtual da rede social Instagram: *Trairiceará_oficial* (2023).

A fotografia registra a Praia de Flecheiras, um distrito do município considerado, tanto pelos nativos, como também pelos turistas, como a praia mais visitada e procurada para banho, hospedagem, bares, etc. Um aspecto importante é que mesmo sendo uma das praias mais visitadas e procuradas, a ocupação dos jovens nativos é pouco visível nela, tendo em vista o uso contínuo e excessivo dos turistas no ambiente, inclusive, os jovens que também estudam nas escolas pesquisadas aqui.

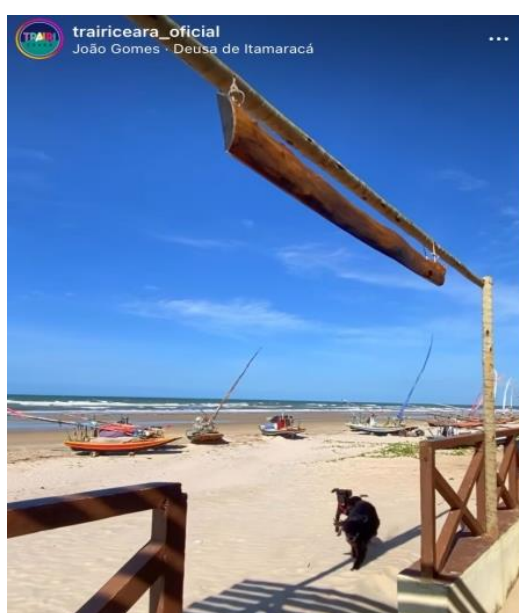
Imagem 3 – Vista da Barra do Mundaú, Trairi-Ce



Fonte: Extraída pelo Site: *Cidades do meu Brasil* (2023).

O Mundaú é outro distrito do município de Trairi que concentra, segundo populares, o segundo maior contingente de habitantes do município, perdendo apenas para Canãa. Essa praia é localizada na margem do rio Mundaú que percorre a fronteira entre os municípios de Itapipoca e Trairi, a imagem retrata apenas a parte pertencente à Trairi. Ressalto ainda que os jovens que estarão nesta pesquisa também são residentes deste distrito. Abaixo é outro registro também de Mundaú. Hoje, com um equipamento social feito pelo governo do Estado, o calçadão que percorre toda a costa de praia em que localiza o distrito.

Imagem 4 – Vista da Barra do Mundaú, Trairi-CE



Fonte: Extraída do perfil da rede social Instagram:
 @trairiceara_oficial (2023).

Dando continuidade à descrição do espaço em que se desenvolve a pesquisa, é importante trazer mais informações sobre o município de Trairi, que está localizado na Região Metropolitana de Fortaleza (RMF).

Durante a década de 1990 não houve uma ação política voltada para a integração das cidades metropolitanas. Somente em 1997 a Região Metropolitana de Fortaleza volta ao debate na mídia com a criação da ONG Planefor que foi apoiada pelo Centro Industrial do Ceará para realizar ações de planejamento da Metrópole. Mesmo assim, sem força política nem presença na mídia local, o Planefor não tem se mostrado alternativa para o desenvolvimento da região e os municípios envolvidos. Formada por cinco cidades: Fortaleza, Caucaia, Maranguape, Pacatuba e Aquiraz, a região metropolitana aglomerava uma massa populacional de aproximadamente 1 milhão de habitantes. Em 1983, Maracanaú, também por lei federal, passou a fazer parte da Região Metropolitana de Fortaleza. Em 1987 foi adicionado mais um município, Eusébio. Em 1992 Itaitinga e Guaiúba. A partir de 1999, mais quatro cidades passaram a integrar. Em 2009 o governo estadual incluiu mais duas cidades à Região Metropolitana de Fortaleza, Pindoretama e Cascavel. Em 2014, o

governador Cid Gomes incluiu as cidades de Paracuru, Paraipaba, Trairi e São Luís do Curu (REGIÃO METROPOLITANA DE FORTALEZA, *in*: Wikipédia, acesso: 10. JAN. 2023).

Segundo o Instituto Brasileiro Geografia e de Estatística (IBGE), no Censo de 2022, Trairi tem atualmente 58.415 habitantes, sua maioria localizada na zona rural e a menor parcela na zona urbana. O município faz limite com os municípios de Itapipoca, Paraipaba, São Luís do Curu e Tururu, sendo um dos mais extensos territorialmente da região em que faz parte.

Trairi situa-se no centro-norte do Estado do Ceará, localizando-se entre os meridianos de 39°31'37'' e 39°09'02'' de longitude a oeste de Greenwich e os paralelos de 03°10'10'' e 03°35'57'' de latitude sul. Ocupa uma área de aproximadamente 924,56 km², que corresponde a 0,62% do território do Estado. Possui 48 km de extensão linear na direção norte-sul e 41 km na direção Leste-Oeste. À distância angular na direção norte-sul é de 25°40'' e na direção Leste-Oeste é de 22°57''. Limita-se ao norte, com o município de Itapipoca e o oceano Atlântico, ao sul com o Município de São Luís do Curu, a sudeste, com o município de São Gonçalo do Amarante, a sudoeste, com o município de Tururu, a oeste, com o município de Itapipoca e a leste com município de Paraipaba. A divisão territorial do município compreende 05 distritos: a Sede, o distrito de Mundaú, o distrito de Canaã, o distrito de Córrego Fundo, o distrito de Flecheiras e o distrito de Gualdrapas (Consórcio Público de Saúde, 2023).

Segundo o site do Consórcio Público de Saúde, o município de Trairi é originário de um povoamento indígena do ano de 1608, logo no início da ocupação do território brasileiro pelos europeus, datada de um século antes, mesmo sabendo que a região já era habitada pela população aborígene local. Segundo a descrição, os europeus se instalaram e avançaram na ocupação deste espaço. Dessa forma, o município tem consigo o processo similar às demais áreas brasileiras, em especial, por sua condição litorânea.

Segundo a historiadora Maria Pia de Sales, Trairi nasceu como aldeia em 1608, com a chegada dos Pitiguaras às margens do rio Trairi. Entre o século XVI e a metade do século XVII, ainda se encontrava nesta mesma situação. No final do século, começaram a chegar portugueses que se estabeleceram, constituindo famílias. A ocupação se intensifica no município em meados do século XVIII, quando os colonos Nicolau Tolentino, Marinheiro Cunha, Manuel Barbosa, Xavier de Sousa, João Verônica e Antônio Barros de Sousa estabeleceram fazendas na região. O povoado é elevado a categoria de Vila e posteriormente a Município. A sua evolução política é marcada por uma trajetória repleta de instabilidades, sendo alvo de constantes alterações, onde, após ter chegado à condição de município, em novembro de 1863, tem essa condição suprimida e restaurada em várias ocasiões, vindo a ser restaurado definitivamente somente em 22 de novembro de 1951 e instalado em 25 de março de 1955 com o desmembramento do município de Paracuru (Consórcio Público de Saúde, 2023).

Fruto de disputas históricas para emancipação, o relato acima demonstra que boa parte de sua existência foi no controle e domínio de outro município. Outro ponto de importância no município, além de sua historicidade, é sobre seu aspecto litorâneo, o qual atribui a ele uma

característica turística, aspecto pertinente para a construção da identidade local e de um fluxo de pessoas diferente das demais regiões ou municípios que não tenham praia, afinal, o turismo eleva o nível populacional como também a circulação de pessoas no município. Atrelado a isso, se firma a socialização e a sociabilidade entre as pessoas, construindo relações e historicidade dinâmica e contínua. No trecho abaixo se apresenta as informações sobre o litoral trairiense, compreende, portanto, as suas praias:

Praia de Flecheiras: O grande atrativo são as piscinas naturais formadas pelos recifes na maré baixa. O visitante desfruta de boas pousadas à beira-mar e pode fazer uma longa e revigorante caminhada. Há também diversão, alegria, boas comidas e festas. Flexeiras ainda conta com um Réveillon incrível. Praia de Mundaú Está a apenas 17 km do centro da cidade de Trairi. Ali, combinaram-se vários elementos, num encontro de rara beleza: o rio, o mar, as dunas e os coqueirais. Um passeio de barco pelo rio é uma boa maneira de conhecer as belezas do local. Praia de Guajiru: apenas 18 km do centro da cidade de Trairi, com acesso por estrada asfaltada de excelente qualidade. Tem dunas móveis de areias brancas com lagoas inter dunares e uma vasta faixa de areia emoldurada pelo coqueiral. Na mare baixa os turistas e nativos aproveitam um delicioso banho nas piscinas naturais. Artes plásticas como pinturas em telas e esculturas em raízes de coqueiros. Esportes: Surf, Kitesurf, Stand up, Mergulho, Pesca, Futebol, Vôlei e etc (Consórcio Público de Saúde, 2023).

Além das praias como aspecto turístico, econômico e de lazer, há também as festividades que são pertencentes e próprias da comunidade, dando um sentido de vida solidária, cooperativa, cultural, social e coletiva entre a população para a construção dos seus vínculos afetivos, culturais e sociais. Dentre essas festividades, alguns têm maior visibilidade e envolvimento por parte dos populares, como o Réveillon, considerado um momento em que se concentra o ápice do turismo, ou seja, maior contingente de pessoas hospedadas e frequentando as praias.

Logo após, há festividades como o Carnaval, Festa de São José (padroeiro do distrito de Canãa), que envolve toda a população, sobretudo, a juventude. Há também a Festa do Camurupim, na qual reúnem amostras gastronômicas, música, arte, vestimenta, desfiles, etc. Em setembro, tem as Vaquejadas da Independência, Festa do Caju, além das atividades religiosas da padroeira do Município (Nossa Senhora do Livramento), realizada no final de dezembro e início de janeiro. Com isso, o município é contemplado por cultura e que, ao longo do tempo, vem dando sentido e significado às gerações. Tal informação é fundamental para compreender o grupo pesquisado, tendo em vista que esses consomem tais espaços e festividades locais tornando um espaço vivo e dinâmico, como também constrói as suas trajetórias e identidades sociais (pertencimento).

Imagem 5 – Circuito de surf



Fonte: Extraído do perfil na rede social
Instagram: @Trairiceará_oficial (2023).

Imagem 6 – Tradicional carnaval de Flecheiras



Fonte: Extraído do perfil na rede social instagram: @Trairiceará_oficial (2023).

Imagem 7 – Populares sentados no final da tarde



Fonte: Extraído do perfil na rede social Instagram: @Traiceará_oficial (2023).

Diante da contextualização geográfica e historiográfica do Município de Trairi, parto agora para a descrição e apresentação dos locais em que se desenvolve a pesquisa. Para escolha do espaço, tive que levar em consideração a exequibilidade da pesquisa diante do contexto como professor efetivo em sala de aula e a acessibilidade aos espaços. Dessa forma, foi necessário repensar sobre a locomoção até a escola, como também a acessibilidade com a gestão, no sentido do acesso à escola e suas dependências. Além disso, outro aspecto de importância na escolha foi o perfil da instituição, quer dizer, busquei analisar uma relação entre a escola de tempo integral e uma escola de tempo parcial (regular), portanto, escolhi duas escolas: Escola de Ensino Médio e Tempo Integral Maria Celeste de Azevedo Porto e a Escola de Ensino Médio Padre Rodolfo Ferreira da Cunha.

Antes de descrever as Unidades Educacionais que se sucederam a pesquisa, é importante salientar sobre o sistema de ensino presente no Município. Conforme todos os Municípios do Estado do Ceará existe A rede de Ensino Municipal, na qual compreende as escolas: pré-escola, educação infantil, fundamental I e II (1º ao 9º ano) e Centro de Educação de Jovens e Adultos. Já a Rede de Ensino Estadual está presente no município por meio de cinco escolas instaladas de várias modalidades: 01 Escola Profissional, 03 Escolas regulares e 01 Escola de Tempo Integral (EMTI), contemplando jovens de 15 a 18 anos com as séries finais da educação básica: 1ª, 2ª e 3ª série. A pesquisa se desenvolve na Rede de Ensino Estadual, e que contempla, portanto, em torno de 800 estudantes.

A Escola de Ensino em Tempo Integral Maria Celeste de Azevedo Porto está localizada na zona urbana do Município de Trairi, no Bairro Planalto Norte, em frente à Avenida/CE que liga a sede às praias de Guajiru, Flecheiras, Emboaca e Mundaú, respectivamente. A escola não se encontra localizada no centro da cidade, é construída no bairro que faz divisa com o centro e fica à margem da sede, ou seja, quase próximo à área que compreende fora da zona urbana, portanto, em sua extremidade.

A escola foi construída no padrão do Ministério da Educação, conforme estabelecido pelo órgão em meados dos anos de 2000, década em que foi construída. Teve a conclusão da obra ano de 2002 (faz parte do período de renovação das estruturas escolares adotadas pelo Ministério da Educação vinculado ao Governo Federal do Brasil). Há uma história curiosa sobre o nome dado à Instalação: foi escolhido em decorrência do prefeito da época (Mauro Azevedo, como é conhecido), filho da Sra. Maria Celeste de Azevedo Porto, ele que queria homenagear sua mãe. Nesse sentindo, o Mauro Azevedo fez um acordo com o Governo do Estado à época, em que a Prefeitura doava o terreno, contudo, o nome da Instituição deveria ser escolhido pelo Prefeito. Sobre a Senhora Maria Celeste de Azevedo Porto, essa nada teve a ver com a profissão de professora ou algo similar, era servidora pública, prestando serviço junto aos Correios do Município. Diante disso, percebe-se a relação e a influência política e o quanto os nomes dados às instituições trazem consigo historicidade e identidade locais. Essa escola foi uma das últimas escolas construídas no Município referente a Instituições de Ensino de nível Médio.

Sobre a estrutura da Unidade de Ensino, a escola tem salas equipadas com lousas brancas, cadeiras e mesas padronizadas e ar-condicionado. O tamanho é padrão em todas elas, janelas retangulares e coloração padrão da instituição: marrom, verde e branco. Além das salas de aula, existe o Laboratório de Ciências – LEC, Laboratório de Informática – LEI, Sala de biblioteca e Sala de Vídeo – MULTIMEIOS, Sala para os professores, Sala adaptada para jogos, Quadra esportiva (descoberta), Pátio, Refeitório com mesas e cadeiras, Cozinha, Banheiros (masculino e feminino), espaço aberto com vegetação, como também a Área administrativa: Secretaria, Diretoria e Coordenação e a Sala do AEE/SRM – Sala Especializada Educacional/Sala de Recursos Multifuncionais, para o apoio pedagógico e especializado aos alunos com alguma deficiência estabelecida/reconhecida pela Organização Mundial da Saúde em regulamentação com as diretrizes do Ministério da Saúde em nível nacional.

Além disso, a escola tem cerca de 430 (quatrocentos e trinta) alunos/as matriculados, com no mínimo de trinta por série e no máximo de quarenta e cinco alunos, sendo onze turmas, divididas em: quatro 1ª série, quatro 2ª série e três 3ª série. A diretora escolar atualmente é a senhora Norma Lúcia Maciel, apoiada por duas coordenadoras pedagógicas, são mais ou menos

trinta profissionais da educação (professores/a), além dos demais funcionários/servidores que ocupam os variados postos de trabalho no ambiente escolar.

É pertinente observar que, enquanto pesquisador, reconheço tal espaço de forma a pensar para além de sua estrutura física e organizacional. Há aspectos não visíveis que precisam ser evidenciados, esses contribuem para a compreensão desta pesquisa, sobretudo, do *lócus* dado a ela. A EEMTI Maria Celeste de Azevedo Porto, conforme descrito anteriormente, teve início na modalidade regular – modalidade que compete ao atendimento aos alunos num dado período escolar que pode ser diurno, vespertino e noturno, tendo cinco horas aulas por dia, totalizando vinte e cinco horas aulas por semana – ficando com essa natureza até o ano de 2017, pois, em 2018, é contemplada pela Secretaria da Educação Básica Estadual para se tornar uma escola de tempo integral, respaldando as diretrizes da Lei 16.287 de 2017, sancionada pelo então governador do Estado do Ceará, Camilo Santana:

LEI N.º 16.287, de 20.07.17 (D.O. 21.07.17) INSTITUI A POLÍTICA DE ENSINO MÉDIO EM TEMPO INTEGRAL NO ÂMBITO DA REDE ESTADUAL DE ENSINO DO CEARÁ. O GOVERNADOR DO ESTADO DO CEARÁ. Faço saber que a Assembleia Legislativa decretou e eu sanciono a seguinte Lei: **Art. 1º** Fica instituída a Política de Ensino Médio em Tempo Integral no âmbito da Rede Estadual de Ensino do Ceará objetivando a progressiva adequação das escolas já em funcionamento, ou que vierem a ser criadas, para a oferta de Ensino Médio em Tempo Integral, com 45 (quarenta e cinco) horas semanais. **PALÁCIO DA ABOLIÇÃO, DO GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ**, em Fortaleza, 20 de julho de 2017 (GOVERNADOR DO ESTADO DO CEARÁ, 2017).

Uma das particularidades desta escola é sua recém-adesão ao tempo integral, ou seja, mais ou menos quatro anos nessa modalidade. Ainda é perceptível as adaptações ao decorrer do processo educativo dos alunos e alunas nessa realidade, e das inquietações e adequações que gerou, como também na comunidade escolar.

Outro aspecto de relevância sobre a escola é que recebe, em sua maioria, jovens oriundos da zona rural do município, tendo, portanto, quase 90% das matrículas advindas dos espaços mais longínquos e diversificados possíveis. Além disso, é importante salientar a questão do perfil socioeconômico dos estudantes, pois, em sua maioria, possuem renda mensal de até dois salários mínimos.

Ademais, a escola adota como processo de ingresso por meio da entrega de fichas aos responsáveis. Os responsáveis legais que procuram a escola para matricular seus/suas filhos/as, antes já tentaram a matrícula na Escola de Ensino Profissionalizante, e que, não tendo acesso à vaga, se destinam à escola Maria Celeste de Azevedo Porto, sendo a segunda mais procurada pela comunidade. A escola se desenvolve sob um regime democrático, colaborativo entre as partes constituintes da escola. Além disso, tem o uso do fardamento escolar como uma marca

social de compromisso e organização institucional, dando um status social a instituição. Tal percepção se dá tanto pelo visual, como também pelas falas dos professores/as e dos responsáveis dos alunos/as.

Nessa escola, os jovens tendem a ocupar os momentos de intervalo, que compreendem o período do lanche da manhã, período antes do almoço e após almoço, como também o período do lanche da tarde, nos ambientes comuns da escola. São nesses momentos em que os grupos juvenis conseguem se organizar e se manifestar em suas diversas maneiras dentro do espaço escolar. Portanto, são esses momentos em que me detenho a observar e que suscitaram as análises mais precisas e necessárias a pesquisa. Claro, não subalternizando os momentos em sala de aula, também são relevantes à percepção desse paralelo entre os sentidos de “estudante”, “aluno” e “juventude”.

Diante disso, inicialmente, reconheço essas descrições acima como pertinentes, até mesmo como procedimento metodológico para que seja possível visualizar melhor o cenário.

Enquanto pesquisador é importante perceber a escola também, não apenas no aspecto físico-estrutural, mas também no que envolve o imaginário da escola e do seu projeto político pedagógico, na perspectiva do pesquisador, é claro. Para ressaltar, portanto, esses aspectos, detenho-me, primeiro, a escola, essa consiste em um processo de organização pautada no fardamento, ou seja, padronização do perfil dos docentes e dos discentes: vestimenta e atuação (identidade), estrutural (ambiente) e acesso aos espaços e às ações (devem estar adequados a dinâmica do calendário), por vezes, se tornando um tanto rígida para agregar participação ou movimentos externos da escola; segundo, o interesse aos exames externos, a escola traz um histórico de ações e resultados crescentes, atingindo metas estabelecidas pelos órgãos mantenedores: Seduc e Crede.

Com isso, esse alinhamento as práticas dos resultados são notórias e fortes, na atuação pedagógica dos/das professores/as como também dos estudantes que verbalizam tais características nos seus interesses e no que eles estudam. Além disso, a escola não tem a presença de projetos educacionais com demandas diversificadas, percebe-se que não tem projetos como sarais, culturais ou alusivos, porém, é forte apenas a presença de alguns momentos: Superação - projeto voltado para ações dos/das estudantes - Festival de Música, um específico cristão e a feira do NTTPS, focada na iniciação científica e a introdução ao mundo acadêmico, sendo o principal evento da instituição. Além disso, é preciso mencionar a atuação ou quaisquer ações que se possa realizar dentro da instituição, requer, primeiro, análise coletiva por parte dos professores e professoras, ou seja, tudo acontece de forma dialogada com estes

segmentos (mesmo que ocorra disputadas de narrativas e direcionamento das ações a serem desenvolvidas).

Por fim, é perceptível o olhar da juventude que compõe essa pesquisa, primeiro, essa juventude é diversificada, de idade, cor/raça, orientação sexual e gênero, classe social, como também das regiões/localidades, sendo a única escola que tem a maior contingente de localidades e distritos. Porém, mesmo com toda essa gama, a uniformização desses jovens se torna perceptível que a escola propõe uma cultura filosófica pautada em resultados (SPAECE), o que contribui para que os espaços e a atuação destes jovens se tornem sem grandes disparidades ou multiplicidades. Isso também é colaborado em decorrência da corrente preponderante de segmentos religiosos no espaço escolar, agregado aos projetos que dão essa identidade: organizada, padronizada e controlada. Mesmo assim, nos corredores, nas salas, nos intervalos, pode-se perceber a presença dos vários grupos, signos e manifestações de culturas juvenis presentes e que se desenvolvem, mesmo que não tão perceptíveis ou aceitas nitidamente no espaço escolar.

A segunda escola que também servirá de espaço para pesquisa é a Escola de Ensino Médio Padre Rodolfo Ferreira da Cunha, uma das mais antigas do Município no que compete ao ensino, sobretudo no ensino médio regular. Tem aproximadamente setenta anos de existência e atua com a modalidade regular desde sua fundação. Em decorrência da ausência de documentos da época, muito das informações aqui descritas se dão pela oralidade dos funcionários, como também de pessoas que estudaram na instituição e narraram, as quais uso como fonte também. Durante seus anos de existência e funcionalidade, contemplou nas décadas de 60, 70 e 80, inclusive o ensino fundamental, somente a partir da década de 1990 se volta exclusivamente ao Ensino Médio, vinculado à Rede Estadual de Ensino do Ceará.

Ademais, a escola está localizada na zona rural do município, no distrito mais antigo da Cidade, Canãa, com o maior contingente de habitantes, aproximadamente 15 km de distância da sede, e mais próximo das praias. Recebeu o nome de um dos padres mais remotos da região, conhecido como pioneiro no município, foi um líder religioso e comunitário, segundo fontes da escola, ele contribuiu com a comunidade local, servindo como sacerdote na Paróquia de São José, localizada em Canãa, evangelizando nas diversas comunidades próximas do distrito. Além disso, foi símbolo da luta pela educação aos menos favorecidos, tornou-se referência para educação do município, juntamente com o Padre Tomás e outras personalidades.

A escola tem matrícula de quinhentos alunos/as, oriundos da região próxima de Canãa, mais de vinte localidades e comunidades rurais. Possui um diretor escolar, Sr. Clécio, dois

coordenadores pedagógicos, mais ou menos vinte professores, técnicos administrativos, além dos demais servidores/ funcionários.

A estrutura física da escola é pequena e não reformada, mantendo-se nos padrões remotos de sua construção, com salas de aulas sem ar-condicionado, cadeiras e mesas quebradas, pichadas e danificadas, lousas brancas e com resquícios ainda das lousas de giz, estruturas comprometidas, expostas, danificadas, sem ventilação adequada, com uma sala de laboratório pequena, uma biblioteca pequena e com pouco acervo literário, sem quadra poliesportiva, com uma cantina, sem pátio e com banheiros visivelmente comprometidos e sem adequação para uso. Tem sala da direção escolar, juntamente com a secretaria.

Um aspecto que trago é sua estrutura ser fechada, ou seja, sem acesso ou visão para o ambiente externo da rua: os estudantes não têm acesso algum ao mundo externo ou espaços abertos para socialização, além dos corredores, abertos e expostos à luz solar. É perceptível uma precariedade no ambiente estrutural da escola, ademais, tem um dos índices mais baixos dentre as escolas estaduais do Município, segundo relatos da direção escolar, e percebido por mim após realização da visita e conversa com o gestor. Esses resultados se encontram exposto em um quadro com os dados referentes ao processo de rendimento. É pertinente, também, elucidar o que me refiro por desempenho, distante do conceito amplo e subjetivo, traça uma associação ao sentido usado para demonstrar como a escola se encontra em relação às habilidades e competências de duas disciplinas, matemática e língua portuguesa.

Referente ao observado nessa escola, o que se torna útil para essa pesquisa, é que os estudantes que estão matriculados nesse espaço são oriundos de famílias com renda mensal de até dois salários mínimos e uma parte significativa estar associada a programas sociais do governo. Não usam uniformes padronizados, segundo o Diretor, não há como pedir ou impor isto ao grupo atendido, portanto, os jovens usam roupas diversas, sem uso padrão de vestimenta. Segundo a fala da gestão, além do fardamento, outro ponto significativo é compreender que os jovens usam o espaço escolar para consolidar suas relações afetivas e sociais, ou seja, se torna um espaço de sociabilidade latente entre o público. Considero, neste caso, um aspecto importante para a pesquisa.

A escola Padre Rodolfo, como popularmente conhecida, traz elementos diferentes da outra escola pesquisada. Primeiro, a escola está localizada fora da zona urbana da cidade, na zona urbana distrital, ou seja, há outro modelo, mesmo que do mesmo município, de se formular e se organizar socialmente, culturalmente, economicamente e politicamente; segundo, a escola possui, segundo descrição dos professores e no contato que tive da gestão e das pessoas e estudantes, uma maior contemplação aos projetos, assim, torna-se mais acessível e presente.

Por exemplo, na escola uma das notas do estudante é atribuída a partir de projetos que são desenvolvidos, os estudantes realizam tais projetos e os resultados são quantificados como nota. Segundo narrativa dos sujeitos, os projetos são de diversas áreas, mas todos visam à identidade local (fala do diretor) e que agucem o pertencimento local.

Outra percepção importante é que, diferentemente da outra escola, a escola Padre Rodolfo traz uma identidade visual dos/das estudantes de forma nítida plural, ou seja, primeiro o fardamento não é aplicado como norma padrão, como também os grupos juvenis são mais organizados e perceptíveis, assim, suas culturas juvenis são manifestadas, tanto pelo signo (símbolos e formas) como por ideais (valores e sentidos), além de expressões (formas de sentar, organizar, ocupar os espaços, falar, etc). Por fim, a escola Padre Rodolfo tem características e elementos diferentes e que dão uma formulação particular à instituição.

Conforme descrito anteriormente, um elemento para pesquisa e para quem ler, é de que, das duas escolas, apenas a EMTI Maria Celeste de Azevedo Porto utiliza a política educacional para uso de fardamento, condicionado como requisito para inserção do jovem no espaço escolar, dando uma ideia de uniformidade entre os estudantes e um caráter disciplinador, ao passo que a escola regular, localizada no distrito de Canaã, não se utiliza da mesma política. Isso se refere às particularidades das instituições e remetem aos sentidos e filosofias que são construídas em seus espaços, tanto pelos profissionais como os estudantes. Usando-se da fala colhida do gestor, o não uso do fardamento não se reduz a uma política educacional, mas associado a questões socioeconômicas das famílias dos estudantes e as características culturais das comunidades.

Um olhar para o público-alvo das escolas também é necessário ser ressaltado. Ao observar os dois grupos dessas escolas, em sua maior parte, são oriundos das escolas das regiões e bairros periféricos, com alunos de rendimentos menores das demais escolas do município. Além disso, há uma característica comum: ambas as escolas não dispõem de quadra esportiva coberta e equipada, isso, portanto, compromete a Educação Física dos estudantes. Em contrapartida, ao observar os estudantes, em sua maioria gostam da disciplina, principalmente as aulas práticas em que podem se mexer e também socializar uns com os outros. É relevante, também, elucidar que outro aspecto invisibilizador é que ambas as escolas, mesmo estando uma localizada na zona urbana e outra no maior distrito do município, socialmente não dispõem de grande reconhecimento social. É notória a predominância de outras instituições em detrimento destas.

Mostro, portanto, neste texto, a descrição a priori das escolas que servem como base e *locus* desta pesquisa e, portanto, justificar tal desejo pelos dois espaços. Diante do que foi dito até aqui, considero relevante ressaltar dois aspectos de acentuada importância para a pesquisa:

primeiro, a possibilidade da aplicabilidade e execução, pela locomoção e acesso aos ambientes, em decorrência do diálogo positivo com os gestores escolares. Outro ponto é que há similaridades como também antagonismos possíveis entre as duas escolas, o que se torna pertinente para pesquisa, como: recebem jovens que não são admitidos pela escola profissionalizante do município, recebem jovens de todas as localidades ou maior parte do município, tem um perfil socioeconômico das famílias e dos estudantes semelhantes. Já os antagonismos estão nas políticas educacionais que constituem o fazer pedagógico, o “discurso pedagógico” dentro das escolas, uma buscando a uniformidade e resultados e outra na busca do atendimento às necessidades básicas da educação. Desta forma, este tópico se faz uma introdução importante, é permitido identificar e visualizar as discussões levantadas nesta pesquisa com base nessa descrição inicial.

Antes de avançar em outra parte, quero abrir um parêntese para um ponto observado por mim, e que se torna uma inquietação para além da pesquisa. Refiro-me a minha descrição sobre as escolhas das escolas, que, ao fazê-la, evidencio uma problemática relevante: a dificuldade de nós, professores e professoras da educação básica, desenvolvermos pesquisas acadêmicas. Isso por diversos fatores, desde ausência de tempo ou exclusividade para tal, como aceitabilidade de estarmos na condição de pesquisador e apoio. Considero, portanto, uma inquietude para outros trabalhos, e para os leitores, que possam por acaso se reconhecer, ser positiva ou usual.

Após essa descrição e observações sobre as unidades de ensino nas quais se desenvolvem a pesquisa, traço a partir de agora uma apresentação metodológica. Essa discussão se sucederá, inicialmente, por meio da construção do referencial teórico, tendo em vista a necessidade de se munir da ciência e dos conceitos para que o campo seja mais bem compreendido. A importância do estudo, da leitura e da escrita é fundante para o exercício do pesquisador: não há como ir a campo sem ter munção teórica que sensibilize, limpe e consiga nortear de forma assertiva o fazer do pesquisador, do observador, do cientista. Com isso, a literatura científica colabora para que sejam retirados do pesquisador seus sentidos comuns, os quais podem limitar uma percepção efetiva e comprometer, portanto, a pesquisa e seus objetivos. Desta forma, após o estudo dos conceitos, busca-se ir a campo com o olhar mais aguçado.

Sobre a ida ao campo, como falado na Antropologia, isso se deu por meio da estreita relação a ser constituída entre pesquisador e o objeto de estudo. Neste caso específico, por meio das idas, visitas, observações e acompanhamentos às escolas e, conseqüentemente, o contato direto com os sujeitos da pesquisa, os estudantes. Nesse sentido, usei procedimentos básicos das Ciências Sociais, como a observação de campo, base desta pesquisa, atrelada às interações

com a juventude da escola e a própria escola (agentes que a compõe), além da aplicação de questionários, tendo em vista a precisão em captar dados mais objetivos das narrativas dos sujeitos e análises mais profundas. Todos esses passos se sucederam nas escolas mencionadas na problematização, ambiente no qual me detenho na pesquisa, como descrito por Fagundes (2016, p. 5):

Mais uma vez, pesquisa-ação serviu para nomear um movimento que se origina partindo de professores e do conhecimento que possuem sobre seus espaços de trabalho e os alunos que se encontram nele, estendendo-se ao contexto de produção de conhecimento na universidade. Não há um projeto de pesquisa-ação definido como metodologia de pesquisa que tenha sido pensado para suprir as necessidades trazidas pelos professores. Há, isso sim, um processo de sensibilização de especialistas envolvidos com a produção de conhecimento para e na educação que, diante dos fatos trazidos pelos professores, reconheceram a importância de reformularem suas hipóteses a respeito daquilo que toca o aprendizado no contexto de sala de aula. A inter-relação estabelecida entre os professores da educação básica e os professores universitários com um objetivo em comum pôde também ser reconhecida como pesquisa-ação.

A atuação do professor em pesquisar é, sobretudo, uma ação de reflexão que permite compreender seu objeto de estudo e, assim, observar de forma mais próxima à realidade a contextualização que envolve todas as demandas reveladas no campo da pesquisa. Dessa maneira, formulando uma escuta sobre a trajetória das escolas e entender os seus públicos; usando as disciplinas e espaços escolares como escuta e observação dos jovens; convivendo com os estudantes; aplicando pesquisas quantitativas; e que ao final elaborei um produto didático, ou seja, um material que colabore com o desejo e a contínua abordagem sobre o tema: juventude na escola.

A pesquisa teve como característica um viés metodológico qualitativo, contudo, com dados estatísticos para embasar tal discussão, o seu teor qualitativo serviu como pilar. Isso se dá pela concepção de que, em todo momento, o meu fazer enquanto pesquisador se deu por meio da observação no ambiente de estudo, pois, como o ambiente escolar é tão habitual a mim, precisando me desprender de um olhar naturalizado para algumas questões peculiares. Nesse sentido, a observação dos fatos, das questões, das falas e das expressões foram às ações centrais desta pesquisa, para a construção da tessitura desse projeto.

Este procedimento metodológico, vindo das Ciências Sociais, é algo peculiar e muito importante, sobretudo quando detemos um olhar de forma sociológica. Tal procedimento deu também encorpamento às ações como a escuta aos jovens, familiares, comunidade escolar, profissionais e todo ator que, porventura, possa contribuir para a análise da pesquisa. Esta em todo momento, mesmo oficial descrita e demonstrada ao sujeito de pesquisa, como também de

forma informal, ao se encontrar em determinado momento. Além disso, outros pontos descritos acima também serão relevantes.

O pesquisador que se dispõe a realizar uma pesquisa etnográfica assume uma visão holística com vistas a obter a descrição mais ampla possível do grupo pesquisado. A descrição pode incluir múltiplos aspectos da vida do grupo e requerer considerações e ordem histórica, política, econômica, religiosa e ambiental. Os dados obtidos, por sua vez, precisam ser colocados numa perspectiva bem ampla para que assumam significado. Por outro lado, é preciso garantir que os resultados da pesquisa privilegiem a perspectiva dos membros do grupo investigado. (Gil, 2010, p. 127).

Com isso, ao juntar os dados levantados, constrói-se o corpo do texto que contemplar, portanto, a pesquisa em si. E, como resultado desta pesquisa, a construção de uma cartilha sobre o tema explorado.

Assim, é preciso reconhecer a importância das pesquisas, a relevância delas para o mundo acadêmico, para ciência e também para existência da vida cotidiana. Dessa maneira, o resultado desta pesquisa é a construção de uma cartilha em formato de sequência didática voltada para trabalhar questões e conceitos ligados diretamente à juventude, ou às culturas juvenis que forem evidenciadas pela pesquisa, discutidas de forma didática, o que pode se transformar em um material viável para uso na disciplina de Sociologia, assim como em outros componentes para professores. Esse material tem como estrutura básica: introdução ao tema, estatísticas oriundas desta pesquisa, *box* informativos, conceitos, atividades e pesquisas práticas que envolvam os jovens, a escola, os profissionais e a comunidade escolar.

Este produto se encontra no final da pesquisa, após os capítulos de apresentação, como este, metodológico, conceituais e reflexivos sobre o tema da mesma. Mas, para que fique, no primeiro momento evidente, vou descrever de forma sucinta como seu de a produção do material. Conforme compreendido até aqui, todos os conceitos, práticas, reflexões e análises levantadas nesta pesquisa, foram primordiais para a consolidação deste produto final, isso, pois, todo o arcabouço constituído deu envergadura para a cartilha e seu conteúdo. Antes do produto em si, faço um capítulo para subsidiar e apresenta-la de forma mais detalhada, contudo, para início a mesma foi construída pensando na união do objeto desta pesquisa de campo, com o tema e todos os conceitos e categorias sociológicas decorrentes do tema, para que os jovens, professores e demais atores das escolas possam consumir um material calcado entre a teoria, à reflexão e ações práticas que elucidem o protagonismo dos jovens a pensar sobre si mesmo. A cartilha está constituída em: na capa, sumário, apresentação: como uma espécie de carta aos leitores e que desejar consumi-la, e percursos, na qual cada um deles tem eixo a seguir: o primeiro o que é pensar sobre juventudes, trazendo marcos legais e conceitos sociológicos sobre

o tema; o segundo pensando juventudes e culturas, na qual, leva os estudantes e professores promoverem uma reflexão de si e sobre isso; o terceiro percurso é sobre onde encontra-se as juventudes, usando como espaço: a escola; o quarto percurso é uma proposta de pesquisa que culmine em uma ação robusta na escola e que mobilize todos os atores para um espaço que pense, dialogue e reflita sobre eles e suas pesquisas e produções. Todo o material vem com atividades e práticas para colaborar com o que é proposto na discussão. Além de trazer também parte da pesquisa como um material de análise autoral.

Diante desse processo exposto e descritivo, também é necessário dar subsídio teórico a esse procedimento metodológico da pesquisa. Nesse sentido, buscarei sucintamente estabelecer uma relação entre o fazer do sociólogo, antropólogo e do cientista social para construção de análise de seu campo de observação, relacionado ao meu fazer enquanto pesquisador. Para isso, evidencio a relação do sociólogo e do antropólogo no seu ambiente de pesquisa à historicidade das Ciências Sociais, sobretudo, à Antropologia Social e à renovação do viés epistemológico do pesquisador.

Tanto a Sociologia como a Antropologia são marcadas por modificações na atuação de como pesquisar e levantar dados que possam ser concisos, fidedignos à realidade do objeto de pesquisa. Além disso, o pesquisador precisa também se distanciar do seu espaço habitual, no meu caso, em específico, preciso realizar ainda mais conscientemente esse procedimento, tendo em vista a minha aproximação com o campo de observação, que é o mesmo em que atuo profissionalmente. Isso, é claro, não nega ou sujeita o papel de pesquisador como uma atuação não profissional, mas fiz a ressalva para vislumbrar a importância desta constante reavaliação dos papéis e das atuações. Dessa maneira, compreendo que consigo estabelecer um distanciamento e analisar os dados levantados, como também a experiência no campo de estudo, de maneira mais eficaz possível ao que me proponho a fazer.

Recordo-me, nesta fala anterior, sobre a ação da observação participante, como procedimento metodológico atribuído à Antropologia e sua virada de constituição científica. Dessa forma, elucido o autor Janote Pires Marques (2016) em seu diálogo com a obra clássica de Malinowski, sobre o trabalho de campo:

Foi no ano de 1922 que o antropólogo polonês Bronislaw Malinowski publicou o livro *Argonautas do Pacífico Ocidental*, que se tornaria um clássico das obras de não-ficção. Considerada precursora no uso da etnografia, a pesquisa de Malinowski aborda o kula, ou seja, um sistema de trocas circular existente entre os nativos das Ilhas Trobriand, na Polinésia. O trabalho de campo para tal pesquisa foi desenvolvido no período de 1914 a 1918. Malinowski (1978) inicia a obra tecendo considerações sobre a sociedade estudada, populações costeiras de ilhas do sul do Pacífico ocidental. São os papua-melanésios – artesãos, comerciantes e hábeis navegadores. Esta última característica remete ao título da obra, inspirado nos “argonautas” – tripulantes da nau

“Argos” – e na mitologia grega. Malinowski (1978) registra que as regras de troca que aconteciam no kula implicavam em relações sociais interligadas a aspectos econômicos, mas também a aspectos míticos. Assim, tal fenômeno social somente poderia ser compreendido a partir da totalidade integrada da vida nativa. Este sistema comercial, o Kula, é o tema que me proponho descrever neste volume e tornar-se-á evidente que se trata de um fenômeno econômico de considerável importância teórica. Reveste-se de um significado extremo na vida tribal dos nativos que vivem dentro do seu circuito, sendo a sua importância totalmente reconhecida pelos próprios, cujas ideias, ambições, desejos e vaidades estão diretamente relacionados com o Kula (Marques, 2016, p. 226).

Ao descrever sobre o papel e o resultado da ação metodológica do autor polonês, Marques (2016) descreve sobre o quanto é importante e cheia de resultados o processo da etnografia como atuação da observação de campo. Com este ato da área das Ciências Sociais, em especial a Antropologia e a Sociologia, tal procedimento se torna essencial e com ele conseguimos elucidar os pontos mais intrínsecos da vida cotidiana. Saindo do senso comum, conseguimos perpassá-lo, mas mantendo-se com elementos analíticos e observadores dos fenômenos sociais.

Portanto, mais do que fornecer uma simples descrição, Malinowski se propõe a compreender o kula não apenas como uma troca econômica, mas também como uma instituição movida por outros sentidos e motivações. Assim, se os nativos do Sul recebiam braceletes brancos dos nativos, também os presentavam com colares vermelhos, constituindo uma regra clara de relação de troca para o resto da vida. Malinowski (1978) percebe o Kula como um fenômeno social vivificado por meio de um sistema ritualizado de trocas que, por sua vez, permite a construção de um mundo repleto de significados que vão muito além do campo econômico. Antes de tratar propriamente do Kula, Malinowski apresenta uma descrição dos métodos utilizados na coleta do material etnográfico. No começo do trabalho de campo nas Ilhas Trobriand, Malinowski conta sobre a dificuldade de empreender contatos mais intimistas ou conversas mais detalhadas com os nativos (Marques, 2016, p. 226-227).

Por meio disso, atrelo-me ao fazer sociológico, sendo também útil para os trabalhos desta disciplina e área do conhecimento humano, especialmente para esse trabalho, a etnografia. Pela perspectiva sociológica, tal ferramenta se torna primordial e consegui compreender, não só os movimentos, mas também os significados e atuação destes no processo de construção dos fenômenos, como objetivo principal da história sociológica.

Na percepção de Malinowski (1978), existe uma diferença enorme entre um contato esporádico com os sujeitos pesquisados e o contato real com eles. O que significa isso? Da parte do etnógrafo, significa que a sua vida na aldeia – no início, uma aventura muitas vezes estranha e desagradável; outras vezes, intensamente interessante – assume depressa um curso natural, em harmonia progressiva com aquilo que o rodeia. Malinowski conta que, pouco tempo depois de se estabelecer em Omarakana (Ilhas Trobriand), começou a participar na vida da aldeia, a esperar com impaciência pelos acontecimentos importantes ou festivos e a interessar-se pelas pequenas ocorrências locais. Acordava todas as manhãs para um dia que se lhe apresentava mais ou menos semelhante ao de um nativo. Saía de debaixo do seu mosquiteiro e observava a vida da aldeia. À medida que dava o seu passeio matinal pela aldeia, podia apreciar detalhes íntimos da vida familiar, de higiene corporal,

cozinha ou culinária; podia observar os preparativos para o dia de trabalho, as pessoas iniciando as suas incumbências ou grupos de homens e mulheres ocupados com algumas tarefas artesanais. Brigas, piadas, cenas familiares, acontecimentos triviais, mas sempre significativos, constituíam a atmosfera da sua vida diária, tal como a dos sujeitos que observava. Com o tempo, os nativos passaram a ver com certa naturalidade sua presença, que deixou de se constituir num elemento perturbador da vida tribal que queria estudar, de alterá-la com a sua aproximação (Marques, 2016, p. 228).

Coloco em evidência, caso não tenha ficado explícito, que este trabalho é sociológico, mas que se utiliza de recurso metodológico da Antropologia, tendo em vista o reconhecimento histórico relevante da participação da Antropologia, como da Antropologia Social do qual se firmou no seio do papel científico da área das Ciências Sociais e Aplicadas.

É nesse processo, ainda segundo Malinowski (1978), que o pesquisador adquire a sensibilidade e a capacidade para apreciar a companhia dos sujeitos pesquisados e para partilhar alguns dos seus jogos e diversões; enfim, que começa a se sentir em verdadeiro contato com os nativos. Esta é, para Malinowski, a condição prévia para poder se levar a cabo, com êxito, o trabalho de campo. É por meio desse processo que o pesquisador vai perceber a “imponderabilidade da vida real”, pois existem muitos fenômenos importantes que não podem ser captados por meio de questionários ou pela análise de documentos, mas que têm de ser apreendidos em pleno funcionamento. Esses fenômenos devem ser “cientificamente” registrados, mas é necessário que isso seja feito não através do registro superficial, mas sim com esforço de penetração na “atitude mental” que tais fenômenos expressam. Mas, alerta Malinowski, nesse tipo de trabalho, é ainda aconselhável que, de vez em quando, o etnógrafo ponha de lado a máquina fotográfica, o bloco de notas e o lápis e intervenha no que se está a passar. Pode participar nos jogos dos “nativos”, acompanhá-los nas suas visitas e passeios, sentar-se, ouvindo e partilhando as suas conversas (Marques, 2016, p. 228).

Outro aspecto de relevância para ser suscitado é que este procedimento metodológico possibilita a atuação participante, que, na sua maneira, torna possível que o pesquisador vivencie a realidade social dos seus pesquisados, com isso, permeie todas as nuances que envolvem o grupo. Isso, ao meu ver como pesquisador, é fundante quando estabelecemos maior relação, ou pelo menos contínua, com o sujeito pesquisado, saindo do campo restrito da observação esporádica, como o texto menciona. Referindo ao processo metodológico, conforme Bourdieu (1989 *apud* Wacquant, 2006, pág. 13-14):

A vocação antropológica de Bourdieu cristalizou-se, e a sua aprendizagem sobre pesquisa empírica foi literalmente gerada “no campo”, como a própria expressão indica. Ou seja, através da imersão continuada nas realidades diárias de uma sociedade aflita, apanhada nas convulsões do colonialismo decadente, das vagas do nacionalismo e do caos nascido da sua inevitável conflagração. O retorno às primeiras incursões etnológicas de Bourdieu também sugere que a estranha “experiência epistemológica” que ele levou a cabo em 1959-1961, a qual consistiu em conduzir um trabalho de campo concorrente e paralelo num mundo exótico e distante – a Cabília da Argélia colonial – e num outro mais próximo e mais familiar – a sua própria aldeia de infância, no sudoeste da França –, foi crucial para os dois movimentos que, subsequentemente, acabaram por definir todo o seu projeto científico. Primeiro, a utilização de cada situação como um laboratório vivo para a análise cruzada e

permitiu descobrir a especificidade da “lógica universalmente pré-lógica da prática”, além de ter permitido iniciar o corte decisivo com o paradigma estruturalista, deslocando o seu foco analítico “da estrutura para a estratégia”, da álgebra mental mecânica das regras culturais para a fluida ginástica simbólica dos corpos socializados. Segundo Bourdieu, o redirecionamento do olhar etnológico de volta ao seu mundo nativo estimulou Bourdieu a traduzir sua inquietação existencial em relação à “postura escolástica”, – inquietação enraizada em suas disposições anti-intelectualistas herdadas de sua criação numa classe e numa posição etno-regional subordinadas –, numa reflexão metódica sobre o próprio ato de objetivação.

Neste fragmento, Pierre Bourdieu nos elucida sobre o processo etnográfico no campo da Sociologia, o método de observação é um ato preciso, objetivo e, sobretudo, importante, revisto e utilizado para relacionar o familiar e o estranho, com uma maior possibilidade de perceber o imperceptível e relacionar a lógica entre os paradigmas pré-estabelecidos, como os presentes no campo da observação e as consequências deste espaço.

Segundo Bourdieu (1989), permitir uma maior acentuação observação viva do cotidiano que, por sua vez, propicia ao pesquisador a oportunidade de revistar diariamente suas observações, como também tê-las mais próximas e nítidas ao seu olhar, como também a participação, como processo antropológico e etnográfico. Ao pensar nas juventudes, a etnografia no âmbito sociológico de Bourdieu fez com que elucidasse uma melhor categorização deste termo, e deste grupo, atribuído a possível participação recorrente de ocupar os espaços juntamente com eles.

Com isso, quando refiro-me ao fazer etnográfico, respaldando minha condução nesta pesquisa, é de que o agir do professor em sala de aula, enquanto pesquisador, requer realizar um constante movimento de desnaturalização do seu cotidiano, e tal ato se faz com maestria no campo etnográfico.

Agora, atento-me a olhar não somente o procedimento, mas também focado na atuação da observação no campo da educação. Enquanto professor, as relações são mais intensas com os sujeitos de pesquisa, portanto, preciso de ainda mais cautela em todos os dados elucidados dos fenômenos que venha a observar e objetificar perante a linha de pesquisa.

Se a observação participante implica no convívio com o grupo pesquisado, por algum tempo, muitas vezes demandando um processo, o pesquisador não se torna um “nativo”, como diria Malinowski. O observador continua sendo um indivíduo “de fora”, muitas vezes apenas “tolerado” pelo grupo observado. Cabe lembrar o alerta de Foote Whyte, ou seja, o pesquisador não pode se esquecer de que é um observador que também está sendo observado o tempo todo. Nesse processo, o pesquisador deve buscar a objetividade, cuidando da sistematização da pesquisa, por exemplo, por meio da elaboração das notas de campo (Marques, 2016, p. 268).

Observa-se que, neste trecho, o autor elucida que, nós, professores, em particular, temos o privilégio de conviver no ambiente de estudo e pesquisa, mas que também é preciso atentar à

atuação sistemática e objetiva do campo de observação, pois, como ele mesmo menciona, mesmo estando junto, podemos estar “de fora”, mas que todo caminho é ainda desafiador, tendo em vista o abismo entre o ser próximo e a relação como pesquisado e pesquisador.

Mudar é preciso, mas nem sempre é fácil, leva tempo e esforço que não podem ser exercidos somente por alguns professores. Mas quando isso ocorre, é de extrema importância, uma vez que, o indivíduo atrela teoria à prática, o que possibilita um maior desempenho de sua função de modo que, fala aquilo que sabe e experimentou, sendo capaz de criar metodologias mais eficientes para o ensino, de problematizar e encontrar respostas sobre os temas discutidos, refletindo na melhor maneira de compartilhar seus conhecimentos com os alunos (Silva; Silva; Queiroz, 2015, p. 2).

O professor como pesquisador se torna uma prática difícil e desafiadora, tendo em vista a ideia de que precisamos nos distanciar em todo momento do cotidiano pelo nosso olhar, como agente que compõe aquele espaço social. Desassociar o momento do professor e do pesquisador é, sobretudo, um dos gargalos do fazer ciência dentro do espaço escolar. Contudo, há o espaço acessível para construção de diálogos entre os grupos pesquisados, tendo em vista a relação já estabelecida dentro do espaço profissional.

Tal aproximação já estabelecida favorece para que ocorra a pesquisa mais rápida e aceitável. Além disso, também é possível uma contínua construção e reconstrução do papel do professor, a pesquisa dá ao pesquisador uma possibilidade de compreender a si, como também do espaço, algo carregado de características culturais, sociais, provindas de decisões, tensões e desejos de cunho político, social, filosófico, instrucional e orientado.

A formação do professor pesquisador pode dar condições de o professor assumir a sua própria realidade escolar como um objeto de pesquisa, de reflexão e de análise, constituindo-se em um movimento contra hegemônico, frente ao processo de desprofissionalização do professor e de instrumentalização da sua prática (Nóvoa, 2001 *apud* Silva; Silva; Queiroz, 2015, p. 3).

Sobre a prática, favorece no ato da repetição observar questões e manifestações que a atuação profissional, talvez, tenha encoberto pelo “fazer por fazer”, sem tanta reflexão, mesmo que, para mim, seja algo impossível para um professor ou professora.

Os saberes se baseiam na visualização de um fenômeno e na observação da sua repetição. O saber popular ou senso comum é aquele que se fundamenta nas experiências próprias ou de outros, que são repassadas a cada nova geração, sem comprovação científica, muitas vezes relacionando-se com a metafísica, ligada a observação e dedução de teorias que explicam determinados acontecimentos, alguns se tornando tradição outros preconceitos. Em contrapartida, o saber científico é aquele que usa a ciência como o único meio comprobatório, que utiliza experimentações, análises, observações críticas, estatísticas, testes laboratoriais e quase sempre se encontra fora do cotidiano humano, tudo em que se acredita torna-se verdade quando for comprovado pela ciência, algo exato e livre de falhas (Silva; Silva; Queiroz, 2015, p. 3).

Quero findar esse momento simples de discussão elucidando que fazer a pesquisa no campo da sociologia, na educação, como professor, é propício o uso da etnografia e da observação participante, em decorrência do quanto nós podemos estabelecer inúmeras facetas: tanto como pesquisador, professor, social ou alguém totalmente alheio à vivência e a realidade social. Entretanto, retorno a mencionar a cautela redobra, afinal, não somos acostumados a todo o momento refletir ou reconstruir nossos papéis por meio da desnaturalização e do pensamento crítico da própria atuação. Diante do exposto, quero me deter a descrever o processo metodológico no cotidiano da pesquisa, por isso, busco materializar a discussão teórica acima feita nas ações práticas da pesquisa.

3 ANÁLISE DO ESPAÇO ESCOLAR COMO LOCAL DE SIGNIFICADOS

Para pensar sobre o objeto de pesquisa deste projeto, é necessário pensar na comunidade, no contexto, de como a escola é construída e conduzida pelo seu público, como também pela sociedade. O projeto seguirá nesta linha tênue entre o que é a escola e o que esta instituição, no seu sentido mais amplo, representa para uma sociedade e para a juventude que a ocupa, perpassando por questões simbólicas (relação de poder), conforme descrita por Pierre Bourdieu (1989) quando elucida a discussão sobre o capital cultural, e também a escola como espaço de reprodução das desigualdades. Compreende-se, portanto, o imaginário da escola e a comunidade, onde desempenha um significado para o grupo em foco, no caso, os alunos e as alunas das instituições pesquisadas.

Com isso, elenco alguns questionamentos que aparecem cronologicamente na pesquisa. Primeiro: o que é juventude? Quando as Ciências Sociais iniciaram o pensamento sobre ela? Segundo: o que são as escolas? o que é educação? Como os sistemas pensaram a escola e as juventudes? Terceiro: O que existe entre a relação das escolas e a sociedade atual? Que tipos de desigualdades envolvem as escolas e as juventudes? Por fim, como as juventudes enxergam a escola? E como a mesma percebe a escola?

Pensar nesses questionamentos e elementos da vida social moderna são necessários, afinal, vivemos um dos momentos de maior embate entre as juventudes e as relações que a mesma faz com os outros aspectos da vida social. Por fim, tais observações contribuem intrinsecamente para que a pesquisa se desenvolva e construa o cerne do projeto.

Quando pensamos em desigualdades, nos remetemos à realidade criada pelo imaginário de fome e miséria entre os povos. Porém, esse sentido pode e deve ser ampliando, quando usamos da lupa metodológica das Ciências Sociais para observá-la. Entender desigualdade, acima de tudo, é entender a historicidade, acontecimentos e fatos que circulam toda uma comunidade, como também a forma pelo qual este país foi constituído. Pensando nisso, é preciso levar em consideração principalmente o contexto que a educação vem se relacionando com as inúmeras mudanças ocorridas ao longo do tempo, sendo assim Bauman diz que:

A educação assumiu muitas formas no passado e se demonstrou capaz de adaptar-se à mudança das circunstâncias, de definir novos objetivos e elaborar novas estratégias. Mas permitam-me repetir: a mudança atual não é igual às que se verificaram no passado. Em nenhum momento crucial da história da humanidade os educadores enfrentaram desafio comparável ao divisor de águas que hoje nos é apresentado. A verdade é que nós nunca estivemos antes nessa situação. Ainda é preciso aprender a arte de viver num mundo saturado de informações. E também a arte mais difícil e fascinante de preparar seres humanos para essa vida (Bauman, 2011, p. 84).

Segundo a UNICEF, temos em torno de 50 mil crianças e adolescentes nesta situação, sujeitos e longe das salas de aula que decorrem da ausência de várias ferramentas que tem consigo uma faceta de colaboração ou impedem o mesmo de alcançar a realidade educacional.

Isso serve de alerta para o fato de que pensar a juventude como uma categoria complexa não exclui a dimensão etária; apenas acrescenta outras camadas e outros significantes à vivência dessa experiência. O imaginário da sociedade, de um modo geral, ainda mantém a noção de juventude como “etapa” ou “fase” da vida, uma fase, um período. Contudo, ao mesmo tempo – e paradoxalmente – os signos do que é ser jovem extrapolam tal faixa etária e se tornam objeto de consumo de parcela da população que vai bem além daquele marco biológico. A Sociologia precisa tratar a juventude dentro dessa múltipla dimensão: como faixa etária, cronologia, estética, estilo de vida, bens culturais de consumo etc. Este é o motivo de alguns autores optarem pelo uso da expressão “juventudes”, como modo de tornar mais clara essa dimensão diversa. Como a estética juvenil é vivenciada através de expressões culturais, podemos mobilizar a categoria “juventude” por meio do conceito de culturas juvenis, que envolve práticas, saberes e agremiações que os jovens articulam em sua vivência do que é “ser jovem”. Ou seja, grupos sociais formados a partir de adesões estéticas ou políticas; movimentos organizados ou não; participação em eventuais causas etc (Lima Filho, 2014, p. 106).

A escola como espaço de construção e ligação entre as interfaces da família e sociedade faz com que facilite e estreite um laço tênue e promotor que eleva os indivíduos a se apropriarem do equipamento, pertencimento da identidade, reconhecimento e mapeamento do que é potencial na região, além do uso efetivo dos serviços para uma harmonização e transformação da realidade social, econômica, cultural, política e educacional da comunidade. Essa interação reflete às desigualdades, como traz Debora Piotto (2009) citando Bourdieu (1998): elaborado na década de 1960, esse conceito impôs-se como uma forma de explicar as diferenças de rendimento escolar obtido por crianças de classes sociais distintas; e, em consonância, opor-se às explicações provenientes da teoria do capital humano e da crença na existência de “aptidões” (Bourdieu, 1998).

Contrariamente às afirmações de que as desigualdades no desempenho escolar seriam devidas a fatores econômicos ou a “dom”, Bourdieu (1989) afirmou que essas desigualdades são frutos da distribuição, também desigual, do capital cultural entre as classes e as frações de classes: “O rendimento escolar da ação escolar depende do capital cultural previamente investido pela família” (Bourdieu, 1998, p. 74). Portanto, o projeto finca-se na ideia de compreender a desigualdade, os atores, em suas particularidades: escola, aluno, professor, gestão, servidores, pais, comunidade e Estado, problematizando o espaço de fala, escuta e protagonistas de cada um e como estes se reconhecem perante as fragilidades existentes na sociedade contemporânea.

Com base nisso, pensar na sociedade é compreendê-la de forma complexa e dinâmica, afinal, as relações sociais se reorganizam de forma rápida em todo momento e âmbito da vida social. Nela, estão estratificadas diversas relações, dessas, muitas vezes, norteadas por instituições, grupos e organizações; constituem “signos” (formas de sociabilidade) que condicionam os grupos sociais, principalmente, os mais desfavorecidos historicamente que no caso desta pesquisa se deterá em torno das juventudes.

No Brasil, como Simone Meucci (2015) e Ileizi Fiorelli Silva (2015) já trouxeram em ensaios e artigos, o sistema educacional passou por inúmeras transformações, como também tensões, essas transformações impactaram o que hoje vivemos. Nesse sentido, é preciso parar para as pesquisas sobre tal, afinal, o futuro poderá depender das reflexões aqui atualmente expostas. Além do sistema, já abordavam sobre o conceito de “juventude” que, por sua vez, também é uma categoria sociológica nova, isso requer um olhar acadêmico preciso e cuidadoso para se pensar sobre a mesma. Outro aspecto da vida atual que eleva questionamentos e curiosidades é o período pandêmico, a pandemia de Covid-19 suscitou em nós, estudiosos, uma latente preocupação sobre o pensar, afinal, esses anos sob a pressão desta pandemia refez, ressignificou e transformou as relações, até então postas como “normais”.

As reformas políticas do Estado, que ocorrem como fruto das disputas ideológicas, das classes sociais, dos projetos que contam com a influência dos intelectuais, das teorias sociais e políticas, levam à uma recomposição do campo acadêmico e do campo científico. Teorias e modelos explicativos da vida, das regras democráticas e da educação são contextualizadas (elaboradas) nas comunidades científicas e recontextualizadas nos órgãos governamentais que simplificam ainda mais as teorias sociais predominantes. Assim, cria-se uma espécie de comunicação pedagógica, com um discurso pedagógico, a partir de um regulador do dispositivo que irá predominar como senso comum nas escolas. É a partir desse dispositivo pedagógico, regulador da comunicação e da ação educativa que os saberes são reorganizados, disseminando nas escolas as novas regiões dos conhecimentos. O ensino de sociologia está inserido nesses processos de formação, elaboração, disseminação do discurso pedagógico e da organização dos saberes (Silva, 2007, p. 405).

Observa-se nessa passagem que a Sociologia como disciplina perpassa por questões de cunho maior, ou seja, no sentido da tessitura social dos embates das ideologias e grupos políticos e sociais. Além disso, a escola se encontra num ambiente de transformações inéditas, após 2008, a reinserção da disciplina leva toda a escola se modificar no que tange seu Projeto Político Pedagógico, suas diretrizes, atenções e práticas. Assim, percebemos pela presença efetiva da sociologia não apenas o aluno num espaço de reprodução conteudista, contudo, um espaço construído por narrativas, reconhecendo os participantes como agente promotor deste mesmo ambiente. Nesse sentido, compreendo que a disciplina trouxe para a escola – enquanto

instituição ou órgão – um novo patamar social, em que a sociedade se ocupa dela de forma total e efetiva, que a usa como ferramenta da construção do seu papel social e mudanças também.

E, assim, busco compreender a latente relação da escola após a reinserção da sociologia até os dias atuais, como a juventude consome e ocupa esses espaços, sobretudo também com as famílias e a sociedade. É assim que se torna perceptível uma consolidação de perfis ou identidades sociais construídas coletivamente e ressignificadas por meio da relação escola e sociedade, envolvendo totalmente o jovem como peça matriz para essa movimentação.

Os argumentos para a inclusão da sociologia são os mais variados, mas dependem muito das concepções dominantes sobre educação, sociedade, estado e ensino. Pode-se observar que dessas concepções depreendem-se modelos de currículos muito distintos ao longo da história e o papel da sociologia vai se alterando no interior desses modelos em disputa (Silva, 2007, p. 408).

Ainda com base na fala da autora, a sociologia (disciplina) traz consigo uma carga de sentido, que dependente, em sua maior parte, dos grupos agenciadores do espaço escolar. Essa perspectiva também se torna relevante para as discussões a seguir. É com base nela que também se concentra meu objeto de estudo e que também se releva. Isso foi reafirmado anos depois pela autora Monica Ribeiro (2018):

O ensino médio desde a aprovação da LDB em 1996 vem passando por um processo de acirrada disputa quanto às suas finalidades. Uma das razões para isso é a expansão do acesso que incluiu na última etapa da educação básica um número imenso de jovens que dela passavam ao largo. De pouco mais de 3.500.000 matrículas em 1991, a 9 milhões de pessoas em 2004, as perguntas em torno de “qual ensino médio” e “para quem” ocupou a cena dos marcos normativos e das ações do executivo federal (Silva, 2018, p. 7).

Conforme discutido o espaço escolar e demais tópicos anteriormente, a educação, por sua vez, também se faz útil nesta pesquisa, portanto, educação – processo intrínseco a vida humana – como mencionado anteriormente na introdução, buscará compreender a concepção da mesma pela ótica sociológica, no entanto, a percepção das juventudes para esse aspecto da vida humana por meio de sua interação social. A educação como símbolo nos permite compreender como um sistema abstrato que se configura no seio social por meio de suas representações na vida social. Dessa forma, é importante relacionar a educação como processo simbólico, ou mesmo “poder simbólico”, como cita Bourdieu (1989), no seu livro *O poder simbólico*:

A tradição neo-kantiana, trata os diferentes universos simbólicos, miro, língua, arte, ciência, como instrumento do conhecimento e de construção do mundo dos objectos, como formas simbólicas – o espectro ativo – do conhecimento [...] os sistemas

simbólicos, como instrumento de comunicação, só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados. O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnoseológica: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social) supõe aquilo que Durkhiem chama de conformismo lógico, quer dizer, uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível e concordância entre as inteligências (Bourdieu, 1989, p. 8).

A partir do exposto por Bourdieu, atrelo o conceito de educação, tendo em vista que este perpassa toda uma estrutura e se estabelece como fomento necessário da vida social. Ou seja, torna-se como a linguagem (no meu ver, a materialização da educação), um meio de comunicação que constrói o ideal de “normalidade” ou prática de convivência entre os indivíduos sociais. Além disso, a educação como poder simbólico também faz um papel de formulação e estratificação social, pois passa a ser, sobretudo na sociedade contemporânea, um instrumento de mobilidade social, como capital forte que lhe dota de reconhecimento e visibilidade social. Diante disso, ao discorrer dessa maneira, atrelo ao meu campo de estudo, em específico meu objeto, quando compreendo que a educação para os jovens toma essa proporção e se torna um ambiente no qual pode vislumbrar sua existência como também pode se negar apto a vivenciar esse espaço da vida social.

Ademais, a educação é usada também para a construção da realidade humana, no sentido que todo e qualquer indivíduo que a recebe de forma institucionalizada percebe como esta luta rever ou ressignifica a vida em sociedade. Ela, por si, consegue, conforme no trecho citado acima, colaborar para sistematização da compreensão do mundo em que interliga a vida do jovem, dando a ele a ideia de que pertence a um espaço, um tempo, uma realidade que o torna um ser social. Dessa forma, colaboro com a fala de Monica Ribeiro (2018) quando em seu artigo reafirmar que:

A implementação das mudanças são, no entanto, sempre, a cargo das escolas, e, nesse processo, terminam por redimensionar seus significados, mesmo que consideremos que a precarização a que tem sido submetida a formação dos professores os torne alvos mais fáceis de uma razão que tem limitado a possibilidade de formação cultural capaz de gerar a capacidade de reflexão e de crítica, justamente por ser administrada e controlada por critérios que se pretende sejam objetivamente mensuráveis (Silva, 2018, p. 13).

Ou seja, quando pensamos em educação como poder simbólico, é possível visualizar um sistema abstrato – como o fato social de Durkheim: externo, geral e coercitivo – que colabora para a construção do entendimento dos significados que, cotidianamente, o ser humano atribui à vida. Por fim, intrínseca a ele, este campo da experiência humana constitui uma ideia geral do mundo. Essa abstração revela-se nos discursos, como também descrito em:

A definição de competências como eixo de prescrições curriculares foi favorecida, no contexto da reforma curricular da década de 1990, em virtude de sua proximidade com a ideia de competição e de competitividade. Esse discurso, agora revigorado, é retomado em meio às mesmas justificativas, de que é necessário adequar a escola a supostas e generalizáveis mudanças do “mundo do trabalho”, associadas de modo mecânico e imediato a inovações de caráter tecnológico e organizacional. A centralidade da noção de competências no currículo, especialmente porque justificada e proposta pela via unidimensional do mercado, produz uma “formação administrada”, ao reforçar a possibilidade de uma educação de caráter instrumental e sujeita ao controle. Ignorar a dimensão histórico-cultural da formação humana, pelo caráter instrumental das proposições, gera um processo formativo voltado para a adaptação dos indivíduos em sacrifício da diferenciação e da autonomia (Silva, 2018, p. 13).

Iniciado por essa discussão sobre educação, outro aspecto de importância, vinculado ao poder simbólico descrito anteriormente, a escola, em sua particularidade e presença efetiva na vida dos jovens, precisa ser tomada como espaço de análise e observação, não apenas como equipamento social que recebe indivíduos ou forma – como parte da estrutura funcional da vida social – sobretudo, como espaço circundado por questões, pensamentos, reflexões, questionamentos, dúvidas, intencionalidades, além de projetos que atrelam uma idealização da vida social.

A escola na qual me refiro de fato é aquele prédio físico, no meu caso, localizado na região litorânea e leste do estado do Ceará, cercada de muro, tendo quadra, pátio, salas, laboratórios e espaços de socialização. Entretanto, é preciso também compreender a escola não apenas no seu espaço físico, mas sim compreender como o espaço físico se torna significativo para esses jovens.

Como esse espaço de sociabilidade e socialização, revela a nós, sociedade, um espaço vivo, permeado por imaginações que diariamente estão se reconstruindo dentro e fora deste espaço, conforme descreve no livro *O poder simbólico* diz:

[...] Explica as produções simbólicas relacionando-se com os interesses da classe dominante. As ideologias, em oposição ao mito, produto coletivo e coletivamente apropriado, servem interesses particulares que tendem a apresentar como interesses universais, comuns ao conjunto dos grupos. [...] Contra toda forma de erro (interacionista), o qual consiste em reduzir as relações de força às relações de comunicação, não basta notar que as relações de poder dependem, na forma do conteúdo, do poder material ou simbólico acumulado pelos agentes (ou pelas instituições) envolvidos nessas relações e que, podem permitir acumular capital simbólico. É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os sistemas simbólicos cumprem sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimidade da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre a outra (violência simbólica) dando o reforço a sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a domesticação dos dominados (Bourdieu, 1989, p. 10-11).

Neste trecho quero ressaltar alguns pontos que considero importantes para agregar a minha pesquisa. Primeiro, quando reafirmo que o espaço escolar, dotado de seu poder de socialização, contribui para que exista a manutenção ou reorganização dos pensamentos sociais, conforme descrito acima, tornam-se a comunicação direta e simbólica entre os grupos, na qual se torna instrumento de normalização dos sentidos desenvolvidos em coletividade. Quero assim dizer que a escola, como espaço, é importante, em decorrência de sua grande e complexa circulação de indivíduos que colaboram para que ocorra a construção ou reconstrução de saberes – pensamentos e ideologias – vindo de um capital cultural, formulados por agentes e agências que podem se tornar vivos e latentes dentro do espaço escolar (Bourdieu, 1989).

Segundo ponto é a escola também se tornar um espaço de “acúmulo” de capital, tendo em vista o citado anteriormente e também a concepção de que existe uma vivência formativa sobre aquele indivíduo, juntamente com ela, há uma carga de intencionalidade permeada pelos agentes (professores e sistema) para a constituição de um conhecimento social, segundo eles, necessário. E, em terceiro, compreender o espaço físico escolar como maneira sutil de formular na consciência coletiva dos jovens a dominação e docilização dos corpos ou até mesmo promover o sentido de rebeldia contra as amarras desta docilização ou controle do corpo.

Portanto, conforme Pierre Bourdieu (1989) menciona, a escola também possibilita ao indivíduo uma ruptura entre a cultura familiar e os designios entre o que recebe para o que projeta.

De modo semelhante, o texto “As contradições da herança” (1993), extraído do livro *A miséria do mundo*, propõe novas maneiras de abordar o peso da instituição escolar na vida dos indivíduos, notadamente o papel que podem ter seus veredictos nos processos de transmissão da herança familiar. Seus efeitos de mudança nas posições e disposições dos agentes incidem poderosamente sobre a construção das identidades individuais (Nogueira, Catani, 2015, p. 14).

Ou seja, a escola cumpre seu papel também de incorporar o capital cultural das agências e agentes externos ao espaço físico da escola, mantendo a relação entre os que a fazem e consomem uma distração do que na sociedade é perpetuado de forma impositiva.

A maior parte das propriedades do capital cultural pode inferir-se do fato de que, em seu estado fundamental, está ligado ao corpo e pressupõe sua incorporação. A acumulação de capital cultural exige uma incorporação que, enquanto pressupõe um trabalho de inculcação e de assimilação, custa tempo que deve ser investido pessoalmente pelo investidor [...] Sendo pessoal, o trabalho de aquisição é um trabalho de “sujeito” sobre si mesmo (fala-se em “cultivar-se”) (Bourdieu, 1998, p. 82-83).

Nessa maneira, eu levanto novamente o que iniciei falando sobre o espaço físico, para além dessa carga simbólica (fala, ideologia, pensamento, posicionamentos, intencionalidades),

os banheiros, o pátio, a quadra, a sala de aula, o ambiente dos corredores e os laboratórios são, por si, usados como o mecanismo que também acentua a manutenção da opressão, como também estabelecem papel duplo para a performance dessas juventudes.

Mais adiante, Bourdieu (1998), no Capítulo II do seu livro *O poder simbólico*, menciona: “Aquilo que chamarei de objetivação participante, é sem dúvidas, um exercício mais difícil que existe, porque requer a ruptura de aderências e das adesões mais profundas e mais inconscientes.” (Bourdieu, 1998, p.40). Assim, mesmo se referindo ao fazer metodológico das Ciências Sociais, adequo essa observação tênue a relação do que a escola oferta ao indivíduo, pois também exige dele essa constante ação de reflexão, uma atitude difícil, pois é preciso se desapropriar do que trouxe consigo e se reaproximar ao novo quando possível. Um paradoxo que existe, no meu ver, mais acentuado dentro do espaço escolar.

Ponto de partida possível para uma reflexão sobre a moral: a existência, universalmente atestada, de estratégias de segundo grau, metadiscursivas ou metacríticas, através das quais os agentes visam produzir a aparência de conformidade (por ato ou intenção) a uma regra universal, mesmo quando sua prática esteja em contradição com a regra ou não tenha como princípio a obediência à regra. Essas estratégias, por meio das quais “nos conformamos”, especialmente “aplicando regras”, isto é, expressando que reconhecemos a regra mesmo na transgressão, implicam o reconhecimento da lei fundamental do grupo, aquela que exige que respeitemos, senão a regra (os cabilas gostam de dizer: “Toda regra tem sua saída”; e Marcel Mauss: “Os tabus existem para serem quebrados”), pelo menos a lei fundamental que exige que expressemos nosso reconhecimento da regra. Não existe ato mais piedoso, em certo sentido, isto é, do ponto de vista do grupo, do que as “mentiras piedosas”, as “piedosas hipocrisias”: se esses enganos que não enganam ninguém são tão facilmente aceitos pelos grupos, e porque encerram uma declaração indubitável de respeito pela regra do grupo, isto é, pelo princípio formal universal (já que aplicável a qualquer membro do grupo), constitutivo da existência do grupo (Bourdieu, 1996, p. 217-218).

É importante, com base no trecho de Pierre Bourdieu (1996) no seu livro *Razões práticas: sobre teoria das ações*, também ressaltar que tudo isso pode elucidar as desigualdades, mantidas, criadas ou até mesmo recriadas pelo espaço escolar na vida do indivíduo social, ou seja, conforme ele mesmo conceitua o paradoxo da moralidade em que o jovem recai nesse marasmo e, ao mesmo tempo, frenético de recompor-se a todo o momento para melhor se impor, incorporando o capital dos grupos e espaços em que faz parte. Contudo, diante do jovem como aquele que recebe o processo simbólico, esse também toma a posição de agente produtor, no que compete a sua relação latente quando ele introduz da sua vida cotidiana um símbolo para agregação no âmbito escolar que, por muitas vezes, é visto ou negligenciado.

Isso vai de encontro em como as juventudes se constroem ou elaboram suas performances, como se enxergam, ou até mesmo, como estas são subalternizadas. Nesse sentido, o tema se apresenta quando vinculamos todos os elementos já apresentados e

relacionamos com a escola e a juventude, como as relações, interações, tensões, percepções ou não são pensadas, analisadas, recebidas, codificadas tanto pelos agentes (os que estão construindo as relações) como as agências que acabam as construindo.

Podemos também considerar a hipótese de que a escola, em alguma medida, também não era mais o lugar das elites. Não se pode esquecer que o empenho pela reintrodução da Sociologia ocorreu simultaneamente aos esforços de transformação do ensino médio em direito de todo cidadão e obrigação do Estado brasileiro. É disso que trata a emenda constitucional de novembro de 2009, que revê o artigo 208 da LDB no sentido de prever finalmente a obrigatoriedade da oferta de vagas na escola para jovens até dezessete anos e as formas de colaboração financeira entre união, estados e municípios para consecução desse fim, além do estabelecimento do plano nacional de educação, com duração decenal (Meucci, 2015, p. 255).

Nesse trecho, abrindo um paralelo, a sociologia se formula também no período que a face da escola é reconstruída e, dessa maneira, formulada por um novo grupo social que também se firmava no meio social. Portanto, outro tecido importante para construção dessa pesquisa é se atentar a concepção de desigualdade frente ao espaço escolar e como esse jovem se vincula a esse processo, a fim de compreender como esses novos grupos sociais se emergem e ao mesmo tempo ocupam a escola e os demais espaços, contudo, atenuando-se ao processo deste movimento. Nesse sentido, Pierre Bourdieu (2015, p. 45) menciona:

É provavelmente por um efeito de inércia cultural que continuamos tomando o sistema escolar como um fator de mobilidade social, segundo a ideologia da “escola libertadora”, quando, ao contrário, tudo tende a mostrar que ele é um dos fatores mais eficazes de conservação social, pois fornece a aparência de legitimidade às desigualdades sociais, e sanciona a herança cultural e o dom social tratado como dom natural.

O poder simbólico constituído por meio do capital cultural (sentimento e ideia constituída por um grupo e disseminada de maneira variada) ergueu no seio social a escola como espaço de transformação, não reduz a essa ideia, ao contrário, particularmente a vejo também desta forma. É importante salientar o que Bourdieu nos diz quando coloca em cheque o outro lado da moeda, a mesma escola como espaço de coerção e controle, sobretudo, manutenção das desigualdades vindas da estrutura social.

É preciso também parar para pensar que essa escola, conforme mencionei anteriormente, usa dos seus mecanismos e espaços para uma possível produção ou reprodução do privilégio social, como também da normatividade social acentuada por uma sociedade capitalista e cruelmente desigual. Dessa forma, exemplifico as avaliações e os métodos avaliativos e seletivos de promoção cognitiva, dotados de uma rigidez dorsal que impossibilita de reconhecer aquele jovem como parte de um todo, o que massifica num pacote único, dificultando ainda mais a aproximação do jovem com a escola ou reconhecimento de suas dificuldades.

Bourdieu (1998) afirma como meritocracia, que responsabiliza unicamente o indivíduo no seu desempenho, nega toda a existência de um sistema linear e ortodoxo existente.

A lógica da responsabilidade coletiva tende, assim, pouco a pouco, a suplantar, nas mentes, a lógica da responsabilidade individual que leva a “repreender a vítima”, as causas de aparência natural, como o dom ou o gosto, cedem lugar a fatores sociais mal definidos [...] Seria necessário mostrar aqui, evitando encorajar a ilusão finalista (ou, em termos mais precisos, o “funcionalismo do pior”) como, no estado completamente diferente do sistema escolar (Bourdieu, 1998, p. 247).

É possível, por meio de tal teoria sociológica, entender que as dificuldades ou as situações que ocasionam ou não a mobilidade de um indivíduo ultrapassa a ação individual, tendo em vista que a sociedade moderna condiciona o sozinho no grupo e, esse mesmo grupo, sofre ou não reações dependendo da sua identidade coletiva.

Além disso, é também recorrente pensar, atrelado a essa percepção sobre as desigualdades no espaço escolar, o processo de escolha ou encaminhamento do seu destino. Simone Meucci (2015) traz nas suas considerações a concepção de que a sociologia acentua ao jovem uma análise crítica e o permite identificar as estruturas que o cercam, dessa forma, pensar na escola emancipatória também é importante pensar nas forças (agentes) que elaboram dispositivos para cercear o sentido e a mudança social e de pensamento desses jovens dentro do espaço escolar, conforme discorre abaixo:

Não obstante, o curso do processo político e a clivagem atual do debate social colocam a Sociologia sob uma inquietante vigilância e seus conceitos sob ataque. Nesse aspecto, cabe notar que a Sociologia escolar aparece hoje em certos meios como um discurso imposto pelo Estado desqualificado à sociedade conservadora, ao passo que, no início do século passado, era um discurso conservador do Estado para uma sociedade desqualificada à qual, segundo a percepção da época, faltava unidade e organização (Meucci, 2015, p. 259).

Também vale salientar a concepção de Ivan Silva e Elizete Tomazetti (2013) quando dizem que a luz da escola como espaço de estabilidade social, outro paralelo também importante de se trazer para discussão.

A escola, com algumas das suas características derivadas dessas formas organizativas, oferecia, também, determinadas certezas, pois apresentava uma estrutura fortemente compartimentada e bastante rígida, a qual, para além das críticas que hoje, sob a luz das diversas teorias pedagógicas possamos fazer-lhe, oferecia condições de estabilidade, sendo um referente sólido para os alunos e suas famílias (SILVA; Tomazetti, 2013, p. 48).

A escola, sobretudo a dos anos finais da educação básica (Ensino médio), acarreta muitos casos a tortura social de muitos jovens, em decorrência pelo momento da vida tido como crucial, na qual necessariamente você precisa se perceber como agente que também é vinculado

a uma macroestrutura e que sua não ascensão pode lhe colocar na condição de subalternidade ou invisibilidade social. Por exemplo, conforme descrito por Bourdieu (2015, p. 51):

As atitudes dos membros das diferentes classes sociais, pais ou crianças e, muito particularmente, as atitudes a respeito da escola, da cultura escolar e do futuro oferecido pelos estudos são, em grande parte, a expressão do sistema de valores implícitos ou explícitos que eles devem à sua posição social. As mesmas condições objetivas que definem as atitudes dos pais e dominam as escolhas importantes da carreira escolar regem também a atitude das crianças diante dessas mesmas escolhas e, conseqüentemente, toda sua atitude com relação à escola.

A decisão, escolha ou posição coloca o jovem na condição de maturidade, em muitos dos casos, os jovens ainda nem tenham se constituído em sua totalidade, assim, implica nas variantes que nos recaí, como evasão, desistência e senso de capacidade. Tudo criado em decorrência do extremo processo diário do espaço escolar, que conciliado com o campo social impõe ao indivíduo sua própria sujeição.

Para tal, acrescento Bourdieu (1989) quando discorre sobre o conceito de *habitus*, compreendo que sociologicamente é preciso pensar no ser social como promotor de uma interação, que consiste na relação de criação, criado e recriado em que a sociedade e o indivíduo se constituem.

Os que quiserem ligar a palavra à sua origem, na intenção de a reduzir ou de a destruir, não deixarão de descobrir, por pouco inteligente que seja o modo de conduzir o inquérito, que a sua força retórica residia precisamente na direção da pesquisa por ela designada a qual está na própria origem da superação que tornou possível. Parece-me, com efeito, que em todos os casos, os utilizadores da palavra hábitos se inspiraram numa intenção teórica próxima da minha, que era a de sair da filosofia da consciência sem anular o agente na sua verdade de operador prático de construções de objeto (Bourdieu, 1989, p. 62).

Pensar na escola é um exercício desafiador, principalmente quando não a olhamos apenas como um espaço físico, mas sim como um reduto de conhecimento, mas também de construção. Diante disso, esse artigo tem como intuito discutir como a escola colabora e/ou se torna um espaço que promove e/ou permite a construção de conhecimento da cultura juvenil. Para bem formular esse percurso, é necessário sair da discussão conceitual do que se refere escola, nos seus mais amplos sentidos e significados ao longo da história humana, como também perpassar uma análise sobre juventude e compreende-la não singularmente, mas com sua pluralidade. Além disso, é válido e sociologicamente preciso ponderar observando a outra faceta: a escola como modelo de coerção do pensamento e cultural da juventude.

É importante reportar a maneira como se chegará às respostas, ou melhor, na discussão que gira entorno delas. Com isso, um dos caminhos possíveis que será usado neste trabalho é uma discussão bibliográfica de autores que já discutiram sobre o assunto, demanda ou

categorias, como também o uso de dados, fatos e/ou vivências da realidade para formular embasamento e pano para tal discussão.

Conforme dito anteriormente, pensar na escola é algo desafiador, pois ao longo das nossas vidas encontramos numa ampla e vasta concepção sobre esse espaço ou modelo. A todo o momento, ou durante as nossas fases da vida, entendemos a escola e seu significado se modifica rapidamente, numa nuance entre aspectos saborosos ou amargos, contudo necessários. Tendo primeiramente nossas experiências, a escola é algo diferente, um tanto curioso e até mesmo sombrio e incerto. Ao longo do tempo e da evolução da vida, da mentalidade e do olhar, dois destes adjetivos – pelo menos em nossas vivências – ficaram: sombrio e incerto.

Aprendemos, durante nossa vida, sobretudo pelos nossos pais e familiares, que a escola é nosso melhor espaço e iremos ficar nela um bom tempo. É notório e importante mencionar que na cultura e na história humana, a escola foi e continua sendo fundamental na vida de todos os grupos sociais, nações e sociedades. A escola como modelo de conhecimento foi atribuída por grupos e em muitos momentos algo de disputas, o que afirma o quão este espaço é latente e firme. Nóvoa (1994) menciona que

A história da escola sempre foi contada como a história do progresso. Por aqui passariam os mais importantes esforços civilizacionais, a resolução de quase todos os problemas sociais. De pouco valeram os avisos de Ortega y Gasset – e de tantos outros – dizendo que esta análise parte de um erro fundamental, o de supor que as nações são grandes porque a sua escola é boa: certamente que não há grandes nações sem boas escolas, mas o mesmo deve dizer-se da sua política, da sua economia, da sua justiça, da sua saúde e de mil coisas mais (Nóvoa, 1994, p. 03).

Percebe-se que a escola é sinônimo de avanço e desenvolvimento, sofisticação e progresso, e até mesmo solução. Não estou aqui para desconstruir esse imaginário – até mesmo eu acredito nessa concepção – contudo, neste trecho, é evidente que essa concepção social de que a escola relaciona diretamente a esses sinônimos deu a ela um papel e função social de relevância e importância coletiva. Portanto, neste primeiro momento, trazemos à luz que escola é algo bem-visto e que se torna base de uma sociedade. Ainda nesse artigo, Antônio Nóvoa (1994) diz que a escola cresceu nesta crença positivista do avanço, o que levou aos que dão materialidade e ação dela na sociedade a incumbência de se formularem para que esse imaginário se estratificasse no seio social.

Os argumentos utilizados pelos autores residem na constatação de que as formas e os conteúdos do repertório cultural na contemporaneidade não são mais ditados e transmitidos apenas por instituições tradicionais, mas também por novas matrizes e autoridades culturais que emergem e passam a desempenhar outras modalidades educativas e socializadoras, retirando da família e da escola o monopólio na formação das disposições de *habitus juvenis* (Nóvoa, 1994, p. 04).

O fragmento acima continua ainda fixado sobre a discussão dos primeiros questionamentos geradores deste artigo: os sentidos da escola. Conforme a autora Sheila Doula (2008) descreve, a escola e a família perderam espaço na produção da cultura juvenil, pode-se inferir que em algum momento da vida humana, a escola esteve no espaço de controle das formas de pensar o mundo social. Seu poderio perante a construção do papel social é notório e precisa ser levado em conta, sobretudo quando se pensa sobre esses sentidos que a escola tem para a sociedade, em especial a atual.

Os hábitos, como citado pela autora, também perpassa pelas mãos formuladoras da escola, essa dotada de leis, normas morais e condutas que levam o indivíduo a consumir e imbuir nele o sentido de validade destes dispositivos. Bourdieu (1989), no seu livro *O Poder Simbólico*, esclarece o conceito de capital cultural, como sentido que é aferido por meio de uma interação em que o indivíduo tem para com outros grupos, dessa forma, a escola, após a família, estabelece uma posição única em alguns momentos da vida humana, espaços e mecanismos de beber e formular capital cultural.

Portanto, levando em consideração da pergunta inicial, é compreensível e nítido entender que a escola não teve ou tem um sentido unificado e atemporal, ao contrário, ela ressignifica seus sentidos e a posição na sociedade ao longo dos tempos, levada pela onda das relações sociais, mas que também as formula. Nesse movimento paradoxal, mantém-se no seu espaço de privilégio na vida do ser humano, tendo uma gama de sentidos.

Ao longo do século XIX, em paralelo com a emergência de novos modos de governo e afirmação dos Estados-Nação, a escola transforma-se num elemento central do processo de homogeneização cultural e de invenção de uma cidadania nacional. Através da atribuição a um dado arbitrário cultural de todas as aparências do natural, a escola desempenha um papel central na concessão ao Estado do monopólio da violência simbólica (que se quer legítima). O desenvolvimento da escola de massas faz parte de uma dinâmica transnacional que inscreve nos diversos contextos nacionais racionalidades e tecnologias de progresso difundidas a nível mundial. Fixa-se então uma espécie de gramática do ensino, que marca – uma vez que constrói e que organiza – a nossa forma de ver a escola: alunos agrupados em classe graduadas, com uma composição homogênea e um número de efectivos pouco agradável; professores actuando sempre a título individual, com perfil de generalistas (ensino primário) ou de especialistas (ensino secundário); espaços estruturados de acção escolar, induzindo uma pedagogia centrada essencialmente na sala de aula; horários escolares rigidamente estabelecidos, que põem em prática um controlo social do tempo escolar; saberes organizados em disciplinas escolares, que são as referências estruturantes do ensino e do trabalho pedagógico. Inventado muito tempo antes, este modelo escolar impõe-se, doravante, como a via única de fazer escola, excluindo todos os outros possíveis. A força deste modelo mede-se pela sua capacidade de se definir, não como o melhor sistema, mas como o único aceitável ou mesmo imaginável. É esta escola que a história de Adolphe Ferrière quer esconjurar (Nóvoa, 1994, p. 5).

Nóvoa (1994) ainda recorta a história humana e traz para evidencia a transformação da escola, o seu sentido e seu papel. Diante dos fatos expostos, percebemos que a escola não é a

mesma do começo de sua narrativa, mas também não é totalmente adversa a esta, por sua vez, é importante neste artigo frisar que a escola é, na verdade, um espaço que conforme um artista está preparado para sua reformulação e que sua atuação depende do enredo que lhe for colocado para atuar. Tão precisa e necessária, a escola ocupa uma posição em que dá a ela uma validação continua, mas que tem um peso que constantemente se encontra em conflito. Assim, podemos chegar, não na resposta objetiva, mas no início de uma discussão importante: a escola não pode ser pensada apenas como modelo, formulação de diretrizes e leis, documentos ou normas que são aplicadas por meio de práticas do conhecimento formativo, mas precisa ser pensada pela contemporaneidade, como um local abstrato que não depende do físico, sobrepõe sua presença em todos os ambientes da vida humana, sendo quase parte integrante da função fisiológica humana, algo do organismo vivo dele.

A pesquisa em sala de aula é um recurso sugerido pelas Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM), como complementar ao ensino de conceitos, temos teorias da sociologia, por meio do exemplo, de aplicação de questionários execução de entrevistas e realização de etnografias. Produzidas pelos alunos da educação básica, sob a orientação do professor de sociologia, caracterizar-se pelo exercício ainda que se formam não muito complexo de tema, objeto, objetivos, de questões hipotéticas, a metodologia é a parte teórico. Distingue-se, portanto, das pesquisas que, em geral, os estudantes costumam fazer as escolas por suas características específicas: preocupação científica, interesses nas relações sociais e teor sociológico (Barbosa, 2020, p. 295).

Nesse trecho, trago a observação de como fiz essa discussão na metodologia, contribuo para que a escola também se torna esse espaço importante para nossa concepção e observação das questões da sociedade, sobretudo a nossa moderna. Ainda mais, a escola, como espaço plural e cheia de performances e significados, tem legalmente respaldo para que ocorram pesquisas deste ambiente, tanto para compreender como reflexo dessa sociedade contemporânea e complexa, mas também como um ambiente em que a ciência propriamente pode se materializar, e não somente reduzir-se ao embasamento teórico da vida científica.

A escola, portanto, tem facetas que precisam ser compreendidas, não apartadas do seu contexto social, cultural, econômico ou político, mas atribuídas a elas para que seja mais bem visibilizada, não para invisibilizar, mas para situar num dado tempo, contexto e espaço. Este, por sua vez, dotado de significação para a vida humana na sua amplitude: vida social, profissional, familiar, religiosa, política, econômica, etc.

4 UMA REFLEXÃO SOBRE JUVENTUDE E ESCOLA

Outro ponto pertinente nesta pesquisa é a categoria juventude, portanto, este capítulo visa discutir e compreender o conceito de juventude ou juventudes. Isso, pois, é o pilar da pesquisa, na qual, torna-se a ponte entre os conceitos abordados anteriormente até a conclusão desta pesquisa. As juventudes também é algo vinculado às variações do tempo, das sensações e de tudo que o ser humano vive. Com isso, essas juventudes podem ser compreendidas como sentimento no consciente individual que se revela no meio social, ou que também é revelado do meio social para o individual.

As juventudes atuais vivenciam mudanças que podem transformar ou não alguns lugares e papéis ocupados no decorrer de suas vidas. De acordo com Nunes e Weller (2014), destacam-se as mudanças no mundo da família e do trabalho, bem como seus impactos em diferentes dimensões da vida individual e social. A juventude, porém, vai além de um fenômeno de mudanças físicas, sendo atravessada por questões mais abrangentes de ordem social, cultural e histórica (Nunes e Weller, 2014; Pizzianto, 2017 *apud* Gonçalves; Holz; Neves; Brandelli, p. 152).

Ademais, a juventude não está atrelada ao padrão estético da sociedade de consumo, mas vinculada a imaginação do ser humano e como este se reconhece no espaço social e de convívio. Pensar em juventude é também pensar em cultura, um ato político e de ocupação dos espaços. Historicamente, o conceito de juventude é novo, pensando como sinônimo de força, mas também vinculado à utilização das necessidades do contexto, um tipo de mola propulsora. Juarez Dayrell, Nilma Gomes, Geraldo Leão (2010) afirmam que juventude se vincula a concepção de inserção, ou seja, a juventude se liga a ideia de mobilidade, mobilização, ação, movimento, sentido dado a questões vivas, latentes e cada vez mais visíveis.

Nos últimos anos, o debate em torno da baixa participação social da juventude resulta em visões fatalistas da “juventude alienada” e posições prescritivas que acenam para um ideal de participação juvenil que não dialoga, considerando as condições efetivas para o seu engajamento em ações sociais e políticas. Assim, é necessário colocar em questão o contexto em que os jovens vêm exercitando de alguma forma a sua inserção social: quais são as circunstâncias sociais e econômicas e qual a sua interferência nas experiências de participação dos jovens brasileiros? Quais as condições e os espaços para a sua possível participação social e política? A experiência juvenil nesse contexto encontra estímulos à participação? (Dayrell, Gomes, Leão, 2010, p. 1).

Segundo o autor, a juventude pode estar inserida num mundo de incertezas e improbabilidades, ou seja, é necessário pensar a juventude atrelada aos movimentos da estrutura social e do processo cultural que, por sua vez, passa pelo ambiente da educação e da escola. As juventudes são, numa visão sociológica, uma categoria simbólica que está ligada muito mais as

questões das performances e dos argumentos para a construção do perfil e do papel social, do que os aspectos físicos do indivíduo (fenótipo).

A juventude, por sua vez, está atrelada as condicionalidades das sociedades, do tempo e, principalmente, dos grupos – agências formuladoras do pensamento social – que ocupam e constrói os modelos socialmente aceitos e previsíveis para a vida humana. Essas condicionalidades são diversas e precisam de atenção para serem percebidas, tendo em vista sua não rigidez, mas sua fluidez e rotatividade ao longo dos anos, conforme descrito pelo autor:

Tendo em vista os limites desse artigo, abordamos aqui a juventude a partir da noção de condição juvenil. Esse conceito diz respeito ao modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo da vida, no contexto de uma dimensão histórico-geracional, mas também à sua situação, ou seja, o modo como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais – classe, gênero, etnia, etc. Nessa parte apresentamos brevemente alguns aspectos da condição juvenil na RMBH (Abramo 2005; Margulis 2000 *apud* Dayrell; Gomes; Leão 2010, p. 2).

Por sua vez, outro questionamento pertinente a discussão, aberta até agora, é que a juventude categorizada como construção social e tem relação direta com a educação. O processo educativo dá ao indivíduo as formulações que materializam todo o significado abstrato do que pode ser juventude. Nesse sentido, a discussão girará entorno de como o espaço escolar pode construir para esses jovens? Desta maneira, retomamos o que inicialmente foi dito: será que o sentido é sombrio ou curioso? Atrelo esses questionamentos ao trecho abaixo:

Um ponto de partida para construirmos uma noção de juventude passa por reconhecer as representações que são produzidas sobre os jovens. Lembrem-se dos exemplos que demos sobre as visões negativas sobre os jovens. Esses aspectos são discutidos por Inês Teixeira e Miguel Arroyo na Introdução e na Parte III deste livro, respectivamente. Em grande medida, essas são imagens que se cristalizaram entre os adultos e as instituições. O trecho da música do grupo Charlie Brown Jr. que destacamos abaixo traduz e denuncia um paradoxo vivenciado pelos jovens no Brasil. Vejo na TV o que eles falam sobre o jovem não é sério O jovem no Brasil nunca é levado a sério (...) Sempre quis falar, nunca tive chance. Tudo que eu queria estava fora do meu alcance (...) E qual a natureza desse paradoxo? Por um lado, as características e valores ligados à juventude (como a energia e a estética corporal ou mesmo a busca do novo) são elogiados e até mesmo perseguidos pelo mundo adulto. Todos querem ser e parecer ser jovens num processo que já foi chamado de “juvenilização” da sociedade. Contudo, apesar desse elogio da imagem da juventude, os jovens, em especial os dos setores populares, não são beneficiados por políticas públicas suficientes que lhes garantam o acesso a bens materiais e culturais, além de espaços e tempos onde possam vivenciar plenamente essa fase tão importante da vida (Dayrell; Carrano, Maia, 2014, p. 104-105).

Conforme mencionado acima, a juventude é também um objeto do capitalismo, do mundo produtivo e globalizado, sobretudo no mundo moderno e atual. Essa construção faz com que se estabeleça esse pré-concebimento deste grupo e, por vezes, terem ou serem marginalizados ou minimizados. Outro aspecto levantado é que a ideia de transitoriedade dada

a esse grupo social, esconde, em alguns momentos, falas e posicionamentos que golpeiam os direitos deste grupo, como grupo social que detém de força para se sociabilizarem de forma possível como qualquer outro grupo.

Com isso, esse paradoxo que acompanha histórico é que dá, pelo menos para mim, na condição de pesquisador, algo interesse e urgente para continuar pensando e repensando sobre juventude nessa sociedade complexa e cerceada por discursos violentos que tomam como algo, sempre ou em sua maioria, a juventude. Sendo ela por sua vez mantida por imaginários sociais que atuam pela sua fragilidade ou tentativa de subestimar. Por isso, é preciso conceituar tal categoria, mesmo que tão ampla e diversa, contudo, detenho-me a perspectiva descrita no *Dicionário Sociológico* (2020) entre juventude e escola:

Juventude é uma categoria cuja importância é de cunho sociológico e possui vinculação com os temas da educação e do ensino de sociologia. Afinal, tendo em vista os estudantes do ensino médio, o jovem se torna não somente um público-alvo, como também um objeto de estudo privilegiado: é na escola que está à parte significativa da juventude durante 200 dias letivos, a cada ano. Isso quer dizer que o jovem que estuda desenvolve parte importante de sua sociabilidade dentro dos muros da escola. Essa característica aproxima a sociologia deste ator social e seu ensino levantado a necessidade de desenvolver metodologias didáticas e práticas, passo importante nesse objetivo entender o que é juventude.” (Lima Filho, 2020, p. 195).

Conforme descrito por Lima Filho (2020), a escola é esse palco privilegiado, portanto, deve ser tomado como ponto essencial de partida para perceber essa juventude ampla, que se modifica facilmente durante todos esses períodos históricos.

Além disso, evidencio a relação da Sociologia para com essa categoria ou grupo social, é interesse observar o quanto a sociologia se torna o espaço de análise que o percebe como objeto de estudo precioso e dotados de nuances que a todo momento se ressignifica. Por isso, devem ser concebidos para compreensão das ações, estruturas e fenômenos sociais que contempla a vida cotidiana.

Nas aproximações que fazemos dos jovens estudantes por meio de pesquisas ou por meio de conversas informais, também ouvimos constantes reclamações em relação à escola e aos seus professores. Para grande parte dos jovens, a instituição parece se mostrar distante dos seus interesses e necessidades. O cotidiano escolar é relatado como sendo enfadonho. Jovens parecem dizer que os professores pouco acrescentariam à sua formação. A escola é percebida como obrigação necessária, tendo em vista a necessidade dos diplomas.

Nesse caso, a noção de culpa se inverte e o professor aparece como o culpado das mazelas que os jovens relatam enfrentar no cotidiano escolar. Tem se tornado comum também e supostos especialistas em educação enxerguem no professor a origem da crise de qualidade e

desempenho da escol. Podemos ver, então, uma política de responsabilização do professor que cai no velho enredo do que chamamos de “jogo de culpados”. Enfim, parece que assistimos a uma crise da escola na sua relação com a juventude, com professores, alunos e gestores se culpando mutuamente, perguntando a que ela se propõe.

Ao buscar compreender essa realidade, um primeiro passo é constatar que a relação da juventude com a escola não se explica em si mesma: o problema não se reduz nem apenas aos jovens nem apenas à escola e aos seus professores. É fundamental superar nossa tendência em achar “o culpado” de um relacionamento problemático. Seria ilusório acreditar que assim estaríamos enfrentando a complexidade dos desafios cotidianos. Por isso, não podemos esquecer que a instituição escolar e os atores que lhe dão vida, professores, alunos, gestores, funcionários, familiares, dentre outros, são parte integrante da sociedade e expressam, de alguma forma, os problemas e desafios sociais mais amplos.

Um bom ponto de partida é nos remetermos às novas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio que apontam para a centralidade dos jovens estudantes como sujeitos do processo educativo. No parecer do Conselho Nacional de Educação, fica explícita a necessidade de uma reinvenção da escola de tal forma a garantir o que propõem os artigos III e VII. O primeiro trata do aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico. O segundo discorre sobre o reconhecimento e aceitação da diversidade e da realidade concreta dos sujeitos do processo educativo, das formas de produção, dos processos de trabalho e das culturas a eles subjacentes.

Assim, pôr em prática as determinações das novas Diretrizes Curriculares significa, de fato, desenvolver um trabalho de formação humana que contemple a totalidade dos nossos jovens estudantes. Nossas realizações como docentes passam pelo conhecimento amplo sobre eles e elas. É a realização de um preceito básico da antropologia: se querem os compreender, é necessário conhecer. E, da mesma forma, reconhecer experiências, saberes e identidades culturais é condição para o relacionamento e o diálogo. (Dayrrel; Carrano, Maia, 2014, p. 104-105).

Portanto, buscar compreender essa realidade é o primeiro passo para constatar que a relação da juventude com a escola não se explica em si mesma: o “problema” não se reduz nem apenas aos jovens nem apenas à escola e aos seus professores. É fundamental superar nossa tendência em achar “o culpado” de um relacionamento problemático. Seria ilusório acreditar que assim estaríamos enfrentando a complexidade dos desafios cotidianos. Não podemos

esquecer que a instituição escolar e os atores que lhe dão vida são parte integrante da sociedade e expressam de alguma forma, os problemas e desafios sociais mais amplos.

Ele concentra a discussão sobre o problema em achar o “culpado” pela insujeição do sistema educacional. Seguindo o autor mencionado anteriormente, não há o motivo para essa discussão, contudo, há outra perspectiva e análise, sobretudo, para além do professor, aluno, gestão e escola. Assim, há também uma carga tensional da sociedade envolta desses atores. Portanto, para compreender as relações entre escola e juventude é preciso prever que precisamos conhecer as múltiplas realidades, conhecendo é que se possibilita a compreensão sobre essas “relações”.

Com isso, a juventude e as representações são socialmente construídas em torno desta fase da vida. Em seguida, refletiremos sobre as múltiplas dimensões da condição juvenil, com ênfase nas culturas juvenis, na sociabilidade, no trabalho, mas também chamaremos atenção para dimensões importantes da realidade juvenil, tais como a relação dos jovens com o tempo e o espaço e a questão da participação juvenil. Finalizamos refletindo sobre a questão das identidades juvenis que são de alguma forma, resultado de todos esses aspectos discutidos até então.

No mesmo texto o Juarez Dayrrell menciona que a identidade de juventude está em constante transformação. Ainda mais alerta para ideia paradoxal de que quando pensar em juventude no sentido estético e econômico é algo rendável, contudo, quando se fala da juventude em si, enquanto grupo social, ela é sujeita pelos mesmos que consomem seus estilos de vida ou que desejam permanecer jovens. Nega-se assim o presente vivido. Dessa forma, é preciso dizer que o jovem não é um pré-adulto, por isso, pensar assim é destituí-lo de sua identidade no presente em função da imagem que projetamos para ele no futuro.

Agrega a ideia de que a escola está atentada a construir uma ação que coíba o ser jovem nos seus direitos na perspectiva e argumentação de formular para a vida cotidiana. Ou seja, ao invés de discutir sobre as possibilidades tende-se a construir falas que oprimem ou limitam suas existências. É preciso cuidar para que o sujeito jovem não se transforme num problema para a sociedade. Isso pode fazer dele uma nova classe perigosa a ser combatida. Tal postura inibe a compreensão e o investimento em ações baseadas na perspectiva dos direitos.

Durante o mestrado, tive a oportunidade de iniciar minha atuação propriamente dita como pesquisador por meio da inserção da pesquisa, a partir de um formulário que realizei na Escola de Tempo Integral Maria Celeste de Azevedo Porto. Portanto, foi aplicado um questionário eletrônico em que os alunos acessaram e responderam de forma autônoma. No formulário continha perguntas validando realmente o interesse do aluno em responder o

questionário eletrônico. Com isso, foi levantado: 72 respostas, distribuídos em séries: 1º série (38 respostas); 2º série (12 respostas); 3º série (22 respostas). Essas respostas foram arquivadas no drive do próprio formulário, o que resultou neste relatório analisado sociologicamente a seguir. As tabelas abaixo servirão apenas para fins de parâmetro geral do perfil dos entrevistados:

Tabela 1 – Cor/ Raça por seriação (1º, 2º, 3º)

		COR / RAÇA					Total
		amarela/oriental	branca	indígena	Parda	Preta	
SERIE	Count 3º	2	3	1	15	1	22
	% of Total	2,8%	4,2%	1,4%	20,8%	1,4%	30,6%
	Count 2º	1	3	0	8	0	12
	% of Total	1,4%	4,2%	0,0%	11,1%	0,0%	16,7%
	Count 1º	0	14	0	21	3	38
	% of Total	0,0%	19,4%	0,0%	29,2%	4,2%	52,8%
Total	Count	3	20	1	44	4	72
	% of Total	4,2%	27,8%	1,4%	61,1%	5,6%	100,0%

Fonte: próprio autor.

Tabela 2 – Religião por seriação (1º, 2º, 3º)

		RELIGIÃO				Total
		católico (a)	evangélica	outros(as)	protestante	
SERIE	Count 3º	13	6	3	0	22
	% of Total	18,1%	8,3%	4,2%	0,0%	30,6%
	Count 2º	6	5	1	0	12
	% of Total	8,3%	6,9%	1,4%	0,0%	16,7%
	Count 1º	22	12	3	1	38
	% of Total	30,6%	16,7%	4,2%	1,4%	52,8%
Total	Count	41	23	7	1	72
	% of Total	56,9%	31,9%	9,7%	1,4%	100,0%

Fonte: próprio autor.

Nesse sentido, busca-se compreender qual relação semelhante, recorrente ou de disparidade entre os pontos acima mencionados.

Tabela 3 – Renda Familiar (1º, 2º, 3º)

		Até um salário mínimo	De 1 a 2 salários mínimos	De 2 a 5 salários mínimos	De 5 a 10 salários mínimos	sem renda	
VOCÊ	Count	37	15	4	4	4	64
ACREDITA	Sim						
	% of	51,4%	20,8%	5,6%	5,6%	5,6%	88,9%
	Total						
A	Count	4	0	1	0	3	8
QUE...	Não						
	% of	5,6%	0,0%	1,4%	0,0%	4,2%	11,1%
	Total						
Total	Count	41	15	5	4	7	72
	% of	56,9%	20,8%	6,9%	5,6%	9,7%	100,0%
	Total						

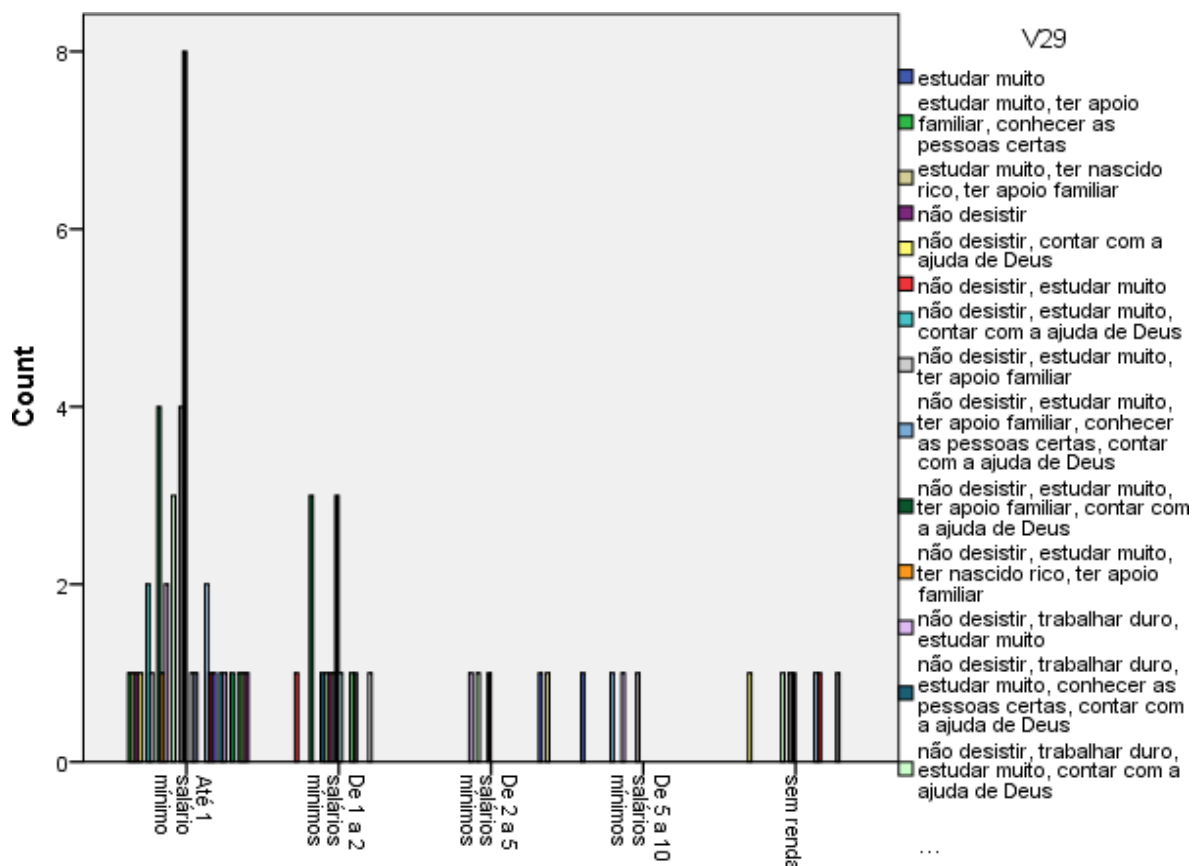
Fonte: próprio autor.

A partir de então, observa-se que entre os alunos (as) que têm a renda familiar de até um salário mínimo concentra na resposta de convicção que conseguirão ter suas profissões desejadas, situação essa que se perpetua em quase todos os demais segmentos, observando que 88,9% do total de respondentes acreditam que conseguirão. Nesse sentido, levanta-se a hipótese de que, conforme descrito no texto *Os excluídos da herança (BOURDIEU)*, esses alunos(as) não desejam permanecerem nos seus espaços de origem familiar, desde aqueles que tem menores condições financeiras até os que concentram uma maior renda, todos querem de fato evoluir na escala social, ou seja, na mobilidade social que a educação poderá proporcionar a eles.

Contudo, utilizando-se ainda dessa argumentação, observa-se também que os “sem renda” quase 50% mencionaram que não conseguirão isso, pode-se também observar sociologicamente o dilema que as sociedades modernas, sobretudo as nações permeadas por desigualdades, desacreditam nas possibilidades de mobilidade social, tendo em vista a desigualdade social, institucional e sistêmica das sociedades capitalistas, na qual a própria escola, como órgão deste sistema, codifica e permeia essa concepção.

Neste tópico serão cruzadas duas variantes da pesquisa, que são: “renda familiar x na sua opinião, o que é importante para se obter o que deseja?”. Neste tópico, mantém-se a variável renda cruzando com o sentido atribuído pelos alunos(as) para que se alcance o que deseja.

Gráfico 1 – Renda familiar e projeção de futuro



Observe que os alunos(as) que responderam não ter renda familiar atribuíram um argumento de que “*era preciso nascer rico*” e “*ter apoio familiar*”, argumento este que se repete nitidamente também nos que recebem até um salário mínimo, ou seja, levanta-se a hipótese que por serem oriundo das classes menos favorecidas o imaginário social de que, sendo de origem rica ou providos de posse, eles teriam melhores condições de alcançarem seus objetivos. Tal fala pode ser relacionada com o que Bourdieu (1998) fala sobre o capital cultural, no caso do dinheiro (poses), como também reforçando o argumento sobre os excluídos da interior e as contradições da herança, na qual observam a vida social de uma lupa dissociada dos privilégios e regalias que as demais classes sociais tendem a ter.

Peço atenção também para que os salários que ficam em torno de dois a cinco salários as respostas se assemelham, ou seja, diminuem-se as disparidades nos argumentos e os uniformiza conforme a relação das variantes: “*a presença da fé; não desistir estudar muito e contar com as pessoas certas*”; configurando, assim, o que Bourdieu (1998) afirma como meritocracia, em que responsabiliza unicamente o indivíduo no seu desempenho, negando toda a existência de um sistema linear e ortodoxo existente.

A lógica da responsabilidade coletiva tende, assim, pouco a pouco, a suplantá-la, nas mentes, a lógica da responsabilidade individual que leva a “repreender a vítima”, as causas de aparência natural, como o dom ou o gosto, cedem lugar a fatores sociais maldefinidos [...] Seria necessário mostrar aqui, evitando encorajar a ilusão finalista (ou, em termos mais precisos, o “funcionalismo do pior”) como, no estado completamente diferente do sistema escolar (Bourdieu, 1998, p. 247).

É possível, por meio de tal teoria sociológica, entender que as dificuldades ou as situações que ocasionam ou não a mobilidade de um indivíduo, ultrapassa a ação individual, tendo em vista que a sociedade moderna condiciona o sozinho no grupo, e mesmo grupo sofre ou não reações dependendo da sua identidade coletiva.

Nesse sentido, busca-se compreender qual relação semelhante, recorrente ou de disparidade entre os pontos mencionados: Neste tópico são relacionadas duas variantes da pesquisa, que são: “*religião x o que é importante para se obter o que deseja?*”.

Tabela 4 – projeção de vida e religião

não desistir, trabalhar duro, estudar muito, ter apoio familiar, contar com a ajuda de Deus
0 0,0%
4 5,6%
9 12,5%
13 18,1%

Fonte: próprio autor.

Conforme descrito acima e cruzado com a renda, neste tópico trago a resposta referente à religião, destacando dados específicos, o argumento acima mencionado é: “*não desistir, trabalhar duro, ter apoio familiar, contar com ajuda de Deus*”. Dentre vários argumentos, o que me chama atenção é que, quando atribuímos a religião, a relação simbólica, afetiva e de fé construída pelos alunos (as) se evidenciam mais no fluxo entre: indivíduo, família e Deus, na qual tanto evangélicos como católicos tiveram sua maior resposta.

Ou seja, usando do pressuposto do capital cultural, é possível perceber que a relação familiar e instituição religiosa reforçam nos jovens o sentido da ação individual como único, ou pelo menos, principal motivo ou consequência que leva este jovem a construir ou não seu futuro, dotando-se, assim, de uma introjeção de responsabilidade, contudo, com a “fé”, possivelmente usada por estes para motivação a seguir.

A maior parte das propriedades do capital cultural pode inferir-se do fato de que, em seu estado fundamental, está ligado ao corpo e pressupõe sua incorporação. A acumulação de capital cultural exige uma incorporação que, enquanto pressupõe um trabalho de inculcação e de assimilação, custa tempo que deve ser investido pessoalmente pelo investidor [...] Sendo pessoal, o trabalho de aquisição é um trabalho de “sujeito” sobre si mesmo (fala-se em “cultivar-se”) (Bourdieu, 1998, p. 82-83).

Tal hipótese se fundamenta com base na clara observação levantada por Bourdieu (1989) ao evidenciar os (as) alunos (as) trazem consigo uma relação entre seus familiares, amigos e grupos sociais, incluindo a Igreja, o que condicionam ou contribuem para que construam suas identidades e sentimentos, como também visões e perspectivas de mundo através do repasse simbólico do argumento, ato e mobilização existem nas relações de cada um com seu meio social, ou seja, sociabilidade.

Ademais, usando a variável “renda familiar” e “profissão desejada”, pode-se compreender quais são as nuances que permeiam essas variáveis.

Tabela 5 – profissão desejada e renda familiar

			RENDA FAMILIAR					Total
			Até um salário mínimo	De 1 a 2 salários mínimos	De 2 a 5 salários mínimos	De 5 a 10 salários mínimos	sem renda	
PROFISSÃO DESEJADA	Veterinária(o)	Count	4	1	0	1	1	7
		% of Total	5,6%	1,4%	0,0%	1,4%	1,4%	9,7%
	Psicólogo(a)	Count	3	1	1	0	0	5
		% of Total	4,2%	1,4%	1,4%	0,0%	0,0%	6,9%
	Professora(o)	Count	1	0	0	0	1	2
		% of Total	1,4%	0,0%	0,0%	0,0%	1,4%	2,8%
	Policial(o)	Count	2	3	3	2	0	10
		% of Total	2,8%	4,2%	4,2%	2,8%	0,0%	13,9%
	Pedagogo(a)	Count	2	0	0	0	0	2
		% of Total	2,8%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	2,8%
	Operador de caixa	Count	1	0	0	0	0	1
		% of Total	1,4%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,4%
	NÃO RESPONDEU	Count	3	0	0	0	1	4
		% of Total	4,2%	0,0%	0,0%	0,0%	1,4%	5,6%
	Não decidi ainda	Count	2	1	0	0	0	3
		% of Total	2,8%	1,4%	0,0%	0,0%	0,0%	4,2%

	Músico(a)	Count	4	2	0	4	0	2
		% of Total	5,6%	2,8%	0,0%	1,4%	0,0%	9,7%
	Manicure e	Count	4	0	0	0	0	4
	Design de	% of Total	1,4%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,4%
	sobancelha							
	Jogador	Count	4	0	0	0	0	4
		% of Total	1,4%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,4%
	Gerente de	Count	0	4	0	0	0	4
	Marketing digital	% of Total	0,0%	1,4%	0,0%	0,0%	0,0%	1,4%
	Garçom	Count	0	0	0	0	4	4
		% of Total	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,4%	1,4%
	Game designer	Count	4	0	0	0	0	4
		% of Total	1,4%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,4%
	Fisioterapeuta	Count	4	0	0	0	0	4
		% of Total	1,4%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,4%
	Estilista	Count	0	4	0	0	0	4
		% of Total	0,0%	1,4%	0,0%	0,0%	0,0%	1,4%
	Segurança(s)	Count	0	4	0	0	2	2
		% of Total	0,0%	1,4%	0,0%	0,0%	2,8%	4,2%
	Segurança(o)	Count	4	0	0	0	0	4
		% of Total	1,4%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,4%
	Supressão(s)	Count	2	0	0	0	0	2
		% of Total	4,2%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	4,2%
	Edificação	Count	4	0	0	0	0	4
		% of Total	1,4%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,4%
	Dublador	Count	4	0	0	0	0	4
		% of Total	1,4%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,4%
	Geógrafo(o)	Count	4	0	0	0	0	4
		% of Total	1,4%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,4%
	Geólogo(a)	Count	0	0	4	0	0	4
		% of Total	0,0%	0,0%	1,4%	0,0%	0,0%	1,4%
	Comerciante /	Count	4	0	0	0	0	4
	ventas	% of Total	1,4%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,4%
	Bombeira civil	Count	0	4	0	0	0	4
		% of Total	0,0%	1,4%	0,0%	0,0%	0,0%	1,4%
	Arqueólogo	Count	4	0	0	0	0	4

		% of Total	1,4%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,4%
	Agrônomo	Count	4	0	0	0	0	4
		% of Total	1,4%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,4%
	Advogada(s)	Count	4	4	4	4	4	4
		% of Total	9,9%	4,2%	9,0%	9,0%	1,4%	12,5%
Total	Count		41	15	5	4	7	72
	% of Total		56,9%	20,8%	6,9%	5,6%	9,7%	100,0%

Fonte: próprio autor.

Observe que, nesse caso, as profissões que têm maior popularidade entre todos os grupos é: policial e advogado (sinalizadas pela cor: amarelo e verde, respectivamente). Diante de tal dado recorro novamente a concepção do capital cultural, tendo em vista que este contribui para a construção do eu, conforme descrito no tópico anterior.

Dessa maneira, os jovens vislumbram que ambas profissões estão nitidamente estampadas nas redes sociais juvenis e populares (Tik Tok, Instagram, Twitter) além dos meios de comunicação: rádio e TV, os quais vários programas policiais, jornalísticos, como também matérias veiculadas nas redes sociais por profissionais da área elucidam o interesse e a observação dos alunos(as) não. Além disso, não se pode negar a existência da relação parental, o vínculo familiar que atribui, dependendo do caso, sentimento de feição ou prestígio por tais

profissões, claro também pelo atual contexto social, político, econômico, ideológico e cultural do país, permeado por membros da segurança pública em cargos políticos e de governança.

Contudo, observando os grupos individualmente, detecta-se que os intitulados *sem renda* se torna um grupo não hegemônico, ou seja, com uma diversidade de escolhas, porém, o que me interessa observar é que das profissões escolhidas, esses optaram por professor e garçom, que notoriamente são profissões desvalorizadas em âmbito nacional e historicamente, podendo observar que a concepção de mobilidade não tão evolutiva. Porém, dois optaram o engenheiro, indo com a concepção de que não querem se manter nas realidades sociais das quais ocupam.

Os grupos que tem renda familiar de um salário optaram por profissões de privilégio social e que ganham economicamente bem, ou seja, advogado, médico e veterinário, oriundas das áreas da natureza e do campo sociais aplicadas. Além disso, os que não responderam habitam entre um salário e não ter renda, outro aspecto é que as classes menos favorecidas ainda não conseguem vislumbrar um imaginário sobre seu futuro. Já os com salários de dois até dez salários se assemelham pela busca da profissão da segurança pública (policial), outro aspecto que colabora com a ideia do capital cultural e das desigualdades existentes na escola que podem contribuir para que as perspectivas de vida futura destes jovens se sobreponham sobre uma visão mais aristocrata, conservadora (pois traz carga ideológica) e secular dos princípios familiares.

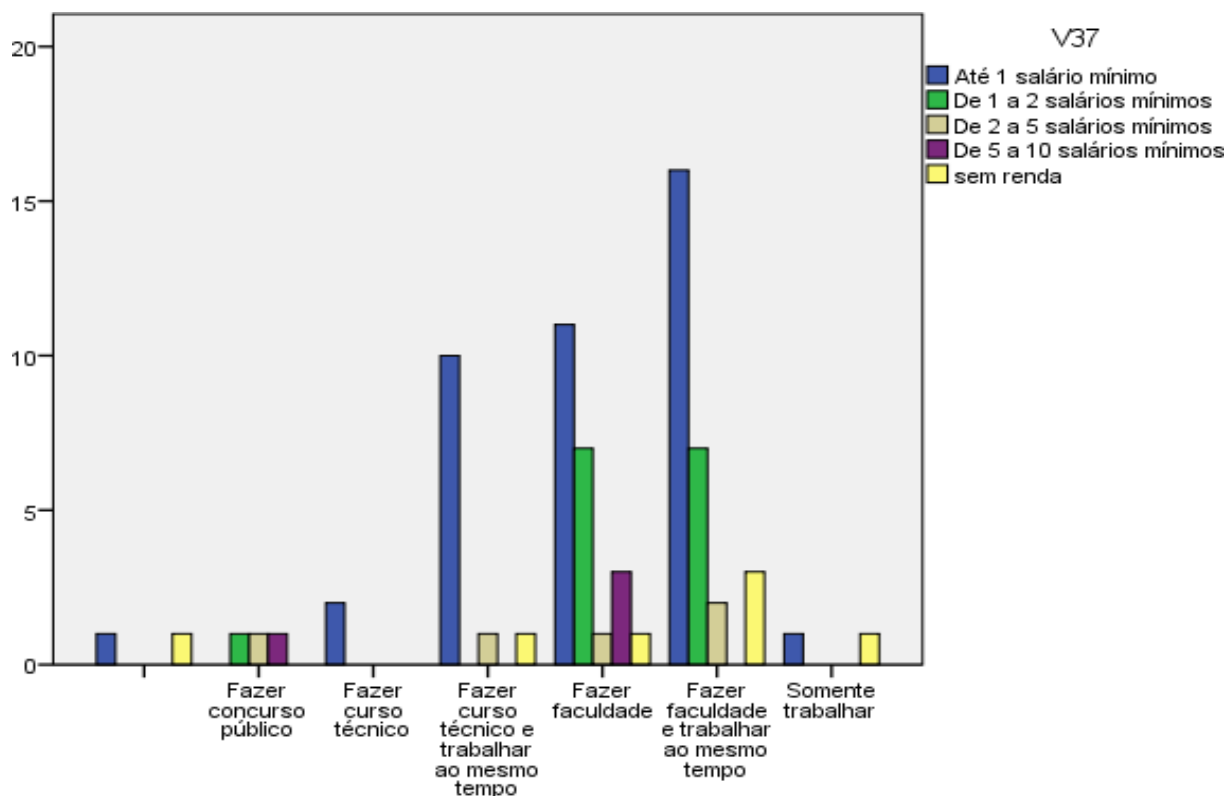
Neste o cruzamento se dará entre as variáveis: *renda familiar* e *quando você terminar o ensino médio, você pretende*. Atente-se ao gráfico e a tabela abaixo:

Tabela 6 – perspectiva de vida pós-ensino médio e renda

		RENDA					Total
		Até 1 salário mínimo	De 1 a 2 salários mínimos	De 2 a 5 salários mínimos	De 5 a 10 salários mínimos	sem renda	
CONCLUIR O ENSINO MÉDIO, VOCÊ PRETENDE:	Somente trabalhar	1 1,4%	0 0,0%	0 0,0%	0 0,0%	1 1,4%	2 2,8%
	Fazer faculdade e trabalhar ao mesmo tempo	16 22,2%	7 9,7%	2 2,8%	0 0,0%	3 4,2%	28 38,9%
	Fazer faculdade	11 15,3%	7 9,7%	1 1,4%	3 4,2%	1 1,4%	23 31,9%
	Fazer curso técnico e trabalhar ao mesmo tempo	10 13,9%	0 0,0%	1 1,4%	0 0,0%	1 1,4%	12 16,7%
	Fazer curso técnico	2 2,8%	0 0,0%	0 0,0%	0 0,0%	0 0,0%	2 2,8%
	Fazer concurso público	0 0,0%	1 1,4%	1 1,4%	1 1,4%	0 0,0%	3 4,2%
		1 1,4%	0 0,0%	0 0,0%	0 0,0%	1 1,4%	2 2,8%
	Total	41 56,9%	15 20,8%	5 6,9%	4 5,6%	7 9,7%	72 100,0%

Fonte: próprio autor.

Gráfico 2 – Renda e desejo após o ensino médio



Fonte: próprio autor.

Diante dos dados a recorrência existente no gráfico e na tabela se configura na resposta de que após a conclusão do Ensino Médio 38,9% do total compreende que irá fazer faculdade e trabalhar. Nesse sentido, é possível compreender que a sociedade brasileira, em sua atual conjuntura, “obriga”, ou melhor, condiciona o indivíduo a buscar soluções rápidas e que tragam resultados em tempo hábil, em decorrência da questão financeira e do custo de vida em todas as regiões brasileiras. Portanto, o elementar caso de semelhança entre os grupos revela uma realidade social incerta para todas as classes sociais, independente do seu poder aquisitivo.

Nesse sentido, observando o grupo com maior rendimento econômico por família, ressalta-se a seguinte configuração: nenhum destes pensam em trabalhar ao mesmo tempo em que estudar, afinal, optaram por apenas cursar faculdade e/ou prestar concurso público. Ou seja, diante do capital cultural, da herança familiar (posses e hábitos), o imaginário futuro desse jovem recai sobre a ótica de que se precisa, primeiro, da plena formação para ocupação e estabilidade social em meio a estrutura de classes e do sistema capitalista. Destoando por sua vez, completamente das classes menos favorecidas que 26 jovens optaram por trabalhar e estudar (sem renda; um salário e de um a dois salários). É perceptível o que Bourdieu reafirma que “o sistema de estratégias de reprodução pode ser definido como sequências ordenadas e

orientadas de práticas que todo grupo produz para reproduzir-se enquanto grupo” (Bourdieu, 1998, p. 11).

Conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de Inter reconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns, unidos por ligações permanentes e úteis (Bourdieu, 1998, p. 12).

Essa passagem exemplifica e respalda claramente a concepção hipotética levantada anteriormente. Por fim, trago dois últimos pontos cruzados para findar essa breve e sucinta, um tanto prepotente da relação escola, jovem, futuro, cultura e construção dos papéis sociais, em específico, os espaços de ocupação por meio do cruzamento das variáveis “alguém estimula a estudar?” e “você acredita que conseguirá ter profissão que deseja?” como também “profissão dos responsáveis” e “profissão desejada” para obtermos hipóteses que finalizem tal discussão iniciada, ou pelo menos suspensas por um dado momento até aqui.

Dos responsáveis que tem a profissão de agricultores, as profissões desejadas pelos seus filhos foram em sua maioria: médico, engenheiro, enfermeiro, empresário, como também dos responsáveis que estão “desempregados”, optaram os filhos por médico, ou seja, observa-se que há uma relação de descontinuidade entre os *hábitus* do país (capital cultural) para seus filhos, o que demonstram uma mudança de realidade social e econômica, como também o interesse por profissões mercenárias que visam a lucratividade e prestígio social. Portanto, conforme Bourdieu (1998) menciona, a escola também possibilita ao indivíduo uma ruptura entre a cultura familiar e os designios entre o que recebe para o que projeta.

De modo semelhante, o texto “As contradições da herança” (1993), extraído do livro *A miséria do mundo*, propõe novas maneiras de abordar o peso da instituição escolar na vida dos indivíduos, notadamente o papel que podem ter seus veredictos nos processos de transmissão da herança familiar. Seus efeitos de mudança nas posições e disposições dos agentes incidem poderosamente sobre a construção das identidades individuais (Bourdieu, 1998, p. 14).

Além dos pontos citados, trago a relação do apoio familiar e a convicção de que conseguirá a profissão que deseja indo agora, contrário ao exposto anterior, a manutenção da hipótese levantada.

Tabela 7 – apoio familiar: estímulo ao estudo

		SÉRIE			Total
		1º	2º	3º	
Count	Sim	36	9	22	67
% of Total		50,0%	12,5%	30,6%	93,1%
ESTIMULO AO ESTUDO					
Count	Não	2	3	0	5
% of Total		2,8%	4,2%	0,0%	6,9%
Count		38	12	22	72
Total					
% of Total		52,8%	16,7%	30,6%	100,0%

Fonte: próprio autor.

Diante de tudo que foi exposto, quero concluir que, entre as seriações, os jovens que têm 100% de apoio familiar para os estudos são os jovens que estão concluindo a etapa da educação básica final, ou seja, a série que notoriamente passa pelos exames externos, com dilemas e projeções, necessitando, de fato a presença e efetivação do apoio familiar. Nesse sentido, o apoio familiar é algo construído de forma gradativa ao longo do processo do Ensino Médio, conforme a tabela acima, que, por sua vez, supunha que este é feito pela Escola que faz esse fenômeno ocorrer por meio da sua relação escola e família.

O apoio familiar se revela também quando observamos na tabela abaixo que os jovens matriculados na terceira série do Ensino Médio tendem a acreditar que alcançarão sua profissão desejada, ou seja, consentido esperançoso para seu futuro, por decorrência pode ser atrelado a relação cultural e afetiva intrafamiliar permeada pela escola. Com isso, observa-se também que, portanto, quando há apoio familiar também haverá possibilidade de que estes alunos(as) tenham convicção de que alcançaram suas profissões desejadas.

Tabela 8 – acredita no projeto profissional

		SÉRIE			Total
		1º	2º	3º	
Count	Sim	33	11	20	64
% of Total		45,8%	15,3%	27,8%	88,9%
ACREDITA ALCANÇAR A					
PROFISSÃO DESEJADA					
Count	Não	5	1	2	8
% of Total		6,9%	1,4%	2,8%	11,1%
Count		38	12	22	72
Total					
% of Total		52,8%	16,7%	30,6%	100,0%

Fonte: próprio autor.

Com isso, segundo Bourdieu:

O capital cultural perpassa, por sua vez, pelo capital incorporado, que consiste na transmissão por meio das práticas simbólicas em que o grupo familiar trava com seus filhos(as). “Depende, principalmente, do capital cultural incorporado pelo conjunto família – por intermédio, entre outras coisas, do efeito Arrow generalizado (efeito educativo dos bens materiais na vida familiar) e de todas as formas de transmissão implícita. [...] Sem atraso, sem perda de tempo, pelos membros das famílias dotadas de um forte capital cultural; engloba a totalidade do tempo de socialização (Bourdieu, 1998, p. 84).

Conclui-se que a educação é, sobretudo, um sistema desigual, portanto, ambíguo, pois materializado pelo espaço escolar tende a transmitir, codificar, reorganizar, manter, submeter, transgredir ou até mesmo romper barreiras e práticas que historicamente e continuamente – pelos códigos sociais – se apoderam do sistema e coexistem habituando e formulando cada grupo social em sua trajetória que, possivelmente ou arbitrariamente, é pré-estabelecida.

Por meio da discussão evidencio uma relação com a pesquisa, tal discussão levantada até aqui torna possível identificar os estudantes e os visualizar em suas realidades, podendo, portanto, compreender as juventudes e refletir sobre elas. Nesse sentido, dá base para nortear a ideia de pensar nesses estudantes como jovens que, por sua vez, são dotados de realidade e constroem-se por meio de suas próprias vivências, como agentes ativos, conforme descrito por Irapuan Peixoto de Lima (2014). Elucido, portanto, que tal formulário foi aplicado apenas em uma das escolas vinculadas a esta pesquisa, que se torna uma base e orientação para as outras que se sucederam mais à frente.

Diante das discussões relacionadas aos gráficos anteriores, apliquei outro questionário em ambas às escolas com o intuito de fomentar ainda mais as reflexões acerca do imaginário sociológico referente ao contexto: escola e juventude. Esse questionário foi composto por perguntas voltadas para identificação do estudante em relação sua ideia sobre a escola; conjuntura familiar, renda; gênero, escola, região em que mora, idade, entre outros aspectos. Tal formulário foi aplicado no ano de 2023, feito de forma eletrônica, usando das mídias e dos recursos de tecnologia para desenvolvimento da pesquisa e conhecimento ainda mais do público pesquisado, obtendo um quantitativo de 319 respostas, como seguir abaixo. O questionário foi aplicado mediante apoio e diálogo com os professores e professoras instituições que prontamente se puseram a aplicar.

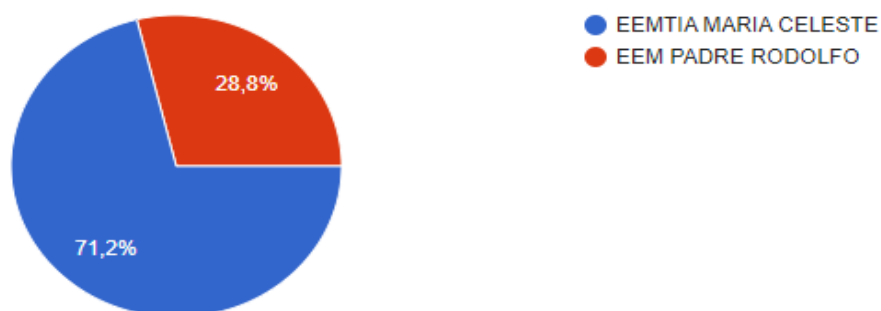
Ademais, esse questionário foi constituído por perguntas que, para a pesquisa, são de validade significativa tendo em vista que os resultados (respostas) constituem os perfis dos/das jovens, objetos de estudos, destas escolas e quais as possíveis interpretações e análises sobre

tais realidades. Com isso, esse momento da escrita pode ser um plano possível de reflexões para todo pesquisador sobre a temática.

Antes de entrar de fato nas reflexões acerca dos resultados estatísticos do formulário eletrônico, é importante elucidar que, neste momento, não tomarei por opção a relação com teorias ou conceitos teóricos, reconhecendo que subsidiado anteriormente de tal proposto metodológica. Nesse segundo momento de análise, a percepção por meio dos dados se faz suficiente para uma reflexão sobre o contexto. Desse modo, o presente momento da pesquisa volta-se para interpretações dos dados com base na minha visão de pesquisador, levando em consideração a atuação de professor em sala de aula e a vivência do espaço escolar.

A seguir pode se identificar as duas escolas em que foi aplicado o questionário eletrônico, assim, obtive 70% da Escola de Tempo Integral Maria Celeste de Azevedo Porto, em contrapartida de apenas 30% da Escola de Ensino Médio Padre Rodolfo Ferreira da Cunha. Diante desses dados, ressalto que o baixo índice de respostas da segunda escola pode estar atrelado em diversos fatores, entre eles: a dificuldade dos jovens estudantes ao acesso ao celular ou internet; o baixo interesse em participar do formulário ou dificuldades adversas que possa ter ocorrido – ressalto que fiz o contato via veículos de comunicação.

Gráfico 3 – Escola onde estudam

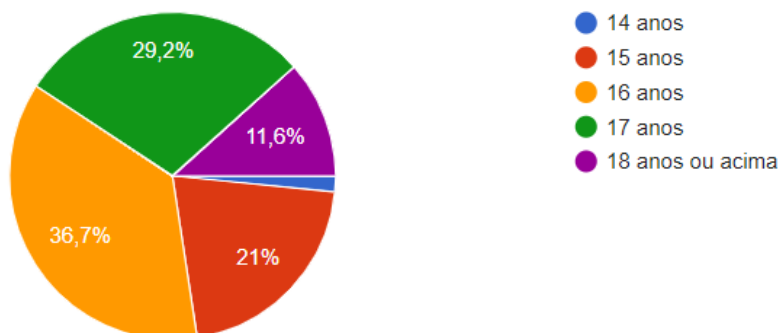


Fonte: próprio autor.

Referente à idade, percebi por meio das respostas que os grupos de 16 e 17 anos são os que têm maior presença nessas unidades de ensino, na qual se compreende que há uma relação entre idade e seriação adequada, conforme prevê os parâmetros da distorção-idade/série. Contudo, o número acima de 18 anos também traz um número significativo, mesmo que ainda com porcentagem abaixo das demais faixas, é possível visualizar uma ideia de que há ainda um grupo, mesmo que mínimo de jovens estudantes das quais tiveram suas trajetórias não condicionadas aos parâmetros que são usados pelo Ministério da Educação (distorção-idade/série). Além da idade o referente ao gênero, segundo o questionário, tem sua maioria com

estudantes do gênero feminino (51%), contudo, não havendo uma disparidade entre esse aspecto, demonstrando um equilíbrio relacionado a essa categoria de grupo (gênero).

Gráfico 4 – Idade dos jovens



Fonte: próprio autor.

Nesse formulário, foi levantado também sobre a região pertencente dos estudantes. Segundo os dados, percebe-se que tem um grupo significativo oriundos da zona rural do Município de Trairi, mas a zona urbana de Trairi e do Distrito de Canaã, juntos, tem 57% totalizando sua maioria. Nesse sentido, é importante perceber a relação de diversidade desses jovens, oriundos de inúmeras localidades do Município, diante de suas especificidades, trazem consigo processos culturais, hábitos, ideais, culturas juvenis, mobilidades e condições diversidades. Ao imaginar sociologicamente, podemos perceber que dentro do espaço escolar contemplamos maciçamente a representação da sociedade, que também trazem consigo as situações vivenciadas no contexto social, político, econômico e cultural atribuído fora do espaço escolar.

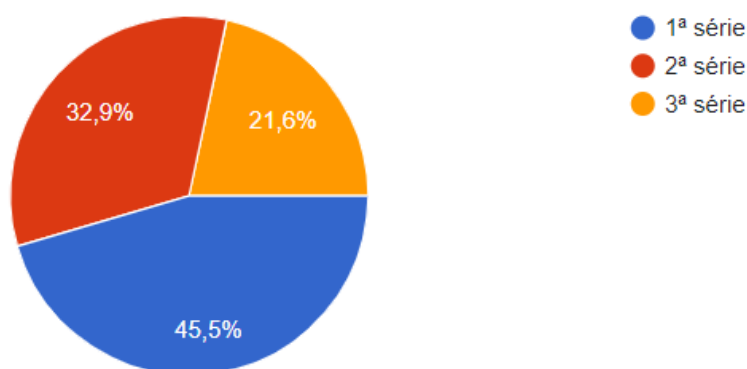
Enquanto professor pesquisador, na perspectiva sociológica, pego-me pensando, diante da diversidade até aqui descrita pelos dados, que diante de tal característica os conflitos pertentes ao grupo (juventude) podem ser vivenciados no cotidiano do espaço escolar. Com isso, é preciso que o desejo das diversas áreas do conhecimento científico, inclusive o da Ciências Sociais e Humanas possam acentuar seus olhares sobre a gama de objetos de estudos, esses podem dar caminhos inovadores de olhar o espaço escolar e a relação com estudantes e a juventude.

Ao observar a seriação, a 1ª série foi a que mais respondeu, tendo o menor índice a 3ª série, diante disso, levanto uma reflexão sobre a realidade das 3ª série, que atrelado à realidade de demandas no espaço escolar, podem ter menor interesse em responder ou tempo. Em

contrapartida da 1ª série, ao entrar no espaço escolar carregam um olhar de curiosidade ou desejo de vivenciar a escola se colocam a disposição de participar das atividades, e que trazem sentidos e significados para a construção de suas identidades no cotidiano.

Enquanto professor, trago um olhar sobre a relação dos jovens ligados a categorização de seriação, na qual a 3ª série tende a construir suas expressões e performances diferentes dos demais. Atualmente, diante dos exames externos e das demandas da vida adulta após escola, colocam este grupo no movimento de extrema objetivação e concentração a construção do futuro após ensino médio que, em sua maioria, traz ideias a introjeção do que é pensado e idealizado como jovem de sucesso ou não, podendo assim invisibilizar seus próprios interesses. Mesmo que esse dado seja muito limitador para essa análise, agrego a minha vivência enquanto professor e pesquisador, do qual traço uma possível interpretação dos dados relacionados as observações do contexto escolar permite suscitar.

Gráfico 5 – Série dos estudantes



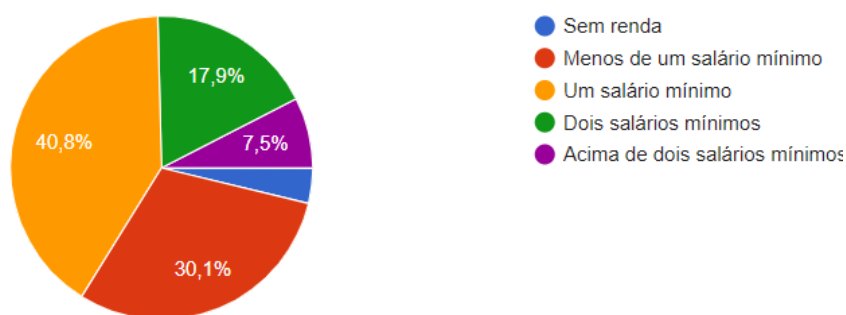
Fonte: próprio autor.

Outro dado importante para apresentação aqui é sobre a renda do conjunto familiar desses jovens, com ele é possível também extrair reflexões sobre a realidade social, cultural e econômica desses jovens, dando assim, um leque maior para que, nós, professores pesquisadores ou demais pessoas interessadas no estudo perceba a relação com a renda, escola, juventude e a construção de suas vivências.

Diante de uma sociedade capitalista, é cabível que tomemos como premissa indagações sobre como esses jovens vivem e convivem diante desta sociedade de consumo, líquida e fluida, na qual reelaboram em constância a idealização (utópica ou não) da vida e do “viver bem”. Seguindo assim, os dados mostram que nessas duas unidades de ensino 70% dos jovens

matriculados a elas têm uma realidade socioeconômica limitadora, ou seja, com uma renda abaixo ou com apenas a aquisição de um salário mínimo, conforme se delineia abaixo pelo Gráfico 6.

Gráfico 6 – Renda familiar dos estudantes



Fonte: próprio autor.

Um número muito baixo concentra a maior renda (dois ou mais salários mínimos), nesse sentindo, a primeira reflexão acerca dessa imagem representativa é compreender as duas escolas como espaços de ocupação da classe econômica com menos rendimentos (capital) e a própria classe trabalhadora que convive diariamente com os contextos do sistema trabalhista. Atrelado a essa reflexão, também se pode extrair a relação de vivência e subsistência destes grupos no seu cotidiano de vida, na qual muitos podem reconhecer na escola sua permanência tanto pelo interesse da mudança da realidade e seu contexto, como também da sua possibilidade de ter um espaço que acolhe com alimentação e ambiente, além disso, ainda mesmo que mínimo, a presença de um grupo sem renda.

Outro aspecto interessante para quem trabalha com juventude e/ou estudantes é perceber como são constituídos os arranjos familiares, a relação desses sujeitos com seus grupos familiares nos traz inúmeras perspectivas sobre ideias, hábitos, costumes e formulações que fazem parte das identidades das juventudes. Na contemporaneidade que vivemos, temos arranjos familiares diversificados que contemplam formatos, componentes e variações de capital culturais.

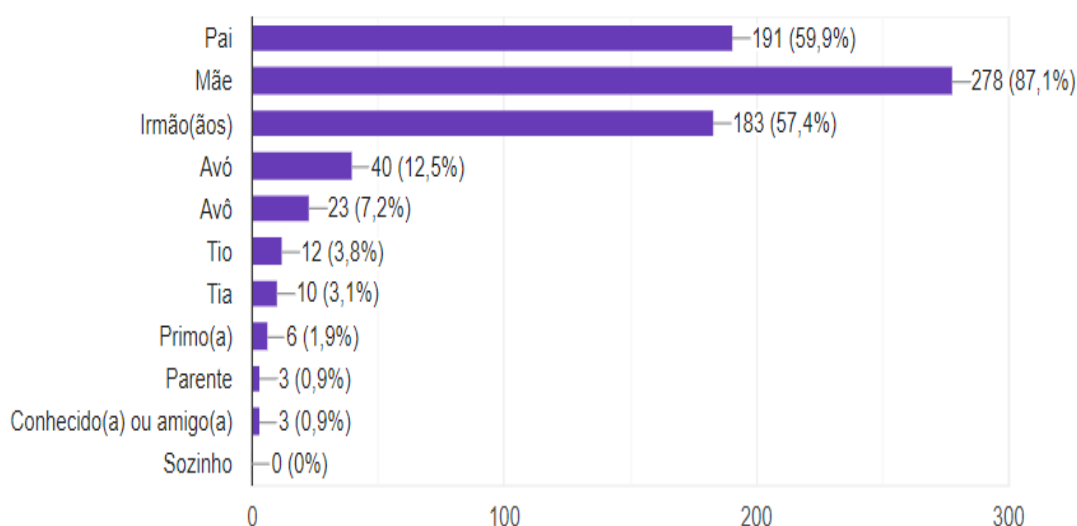
Diante disso, faço um cruzamento da renda com os dados levantados pela composição familiar, na qual em sua maioria (70%) apresentam sua composição familiar com três ou mais membros. Isso, atrelado ao dado sobre renda, faz elucidar outro imaginário sobre como a renda pode se tornar ainda mais comprometida. Assim, conseqüentemente, a trajetória deste jovem terá modificações e condicionamentos diferentes de outros grupos sociais, dos quais esses

condicionamentos podem os levar a condições e espaços na sociedade com menos privilégios ou estruturas mínimas de viver com os prismas do Estado: dignidade, moradia, alimentação e demais acesso a outros serviços.

No entanto, não quero, neste momento, tornar uma abordagem fatalista ou reducionista, porém, com possibilidade de compreender todas as complexidades de situações que estes jovens podem vivenciar no seu cotidiano e que corresponde diretamente a sua forma de conduzir sua vida estudantil, em consequência a construção das realidades escolares.

Gráfico 7 – composição familiar

319 respostas



Fonte: próprio autor.

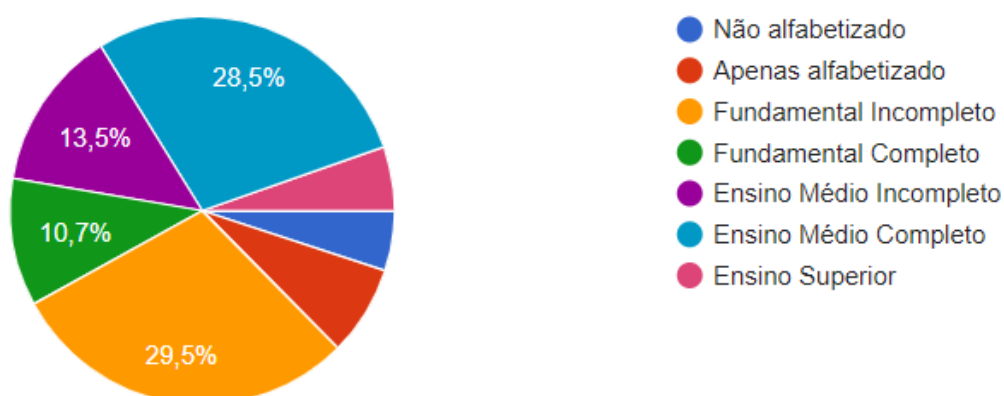
Além disso, outros atenuantes podem ser acrescentados às interpretações, por exemplo, pensar, diante dos dados, os vários arranjos de família destes jovens que podem ser com grupos familiares nucleares, tradicionais, reorganizados pelos contextos, unilaterais, etc. Contudo, diante do gráfico, a presença do pai, da mãe e dos avós tornam os atores com maior frequência de registros, compreendo que estes fazem parte na maioria dos arranjos.

Com isso, também é possível, a luz de Bourdieu (1989), pensar sobre o capital cultural desses jovens, diante dos dados de renda e da região em que moram, é válido pensar os processos limitantes dos estudantes, como é adquirir ou consumir produtos, serviços, objetos e materiais, assim, podem requerer de maior apoio dos órgãos públicos para promoção de acessibilidade a esses bens culturais.

Ainda caminhando sobre a concepção do capital cultural, o gráfico a seguir mostra o grau de estudo dos componentes familiares deles, é importante ressaltar que ao responderem, optaram por dar uma visão média (geral) da realidade do seu grupo familiar, ou seja, escolhendo o grau que mais representasse todos ou em sua maioria. Nesse caso, a porcentagem dada aos graus de “não alfabetizados”, “pouco alfabetizados” e “ensino fundamental” concentram a maior porcentagem.

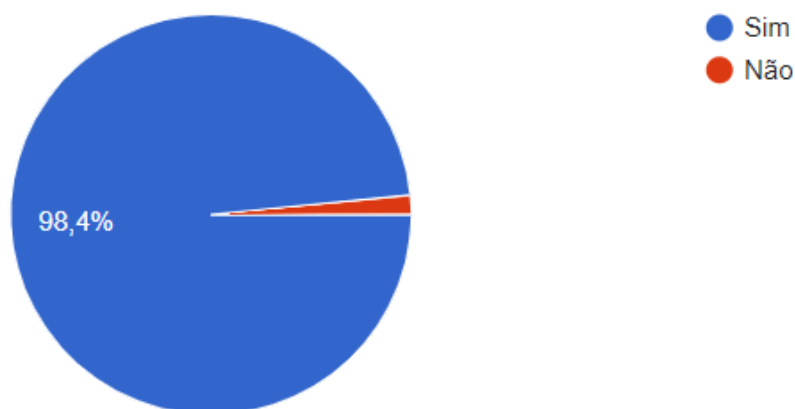
Isso nos levar a imaginar que o capital cultural erudito (formal) se torna ainda mais delimitado perante esses jovens, conforme discutido nos dados anteriormente pela teoria de Bourdieu (1989). Assim, podem se relacionar com a aptidão ou não desses estudantes para a vida estudantil no espaço escolar, mesmo que, em sua maioria, segundo o questionário, 98% dos componentes familiares incentivam os mesmos a estudar, conforme apresentado a seguir:

Gráfico 8 – Escolaridade dos responsáveis dos estudantes



Fonte: próprio autor.

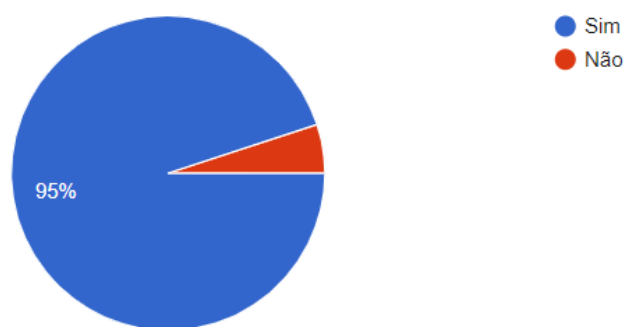
Gráfico 9 – motivação da família aos estudos



Fonte: próprio autor.

Ao olharmos para a escola, além da família e do próprio interesse da juventude em si, segundo os dados, 95% acenaram sobre o quanto esses são motivadores para a continuidade dos estudos, tanto na escola como no ingresso ao Ensino Superior. Nesse sentido, podemos visualizar um momento atenuante nessas escolas de encaminhamento dos/das estudantes para a vida acadêmica e a sua profissionalização, independente da seriação, começando desde 1ª até a 3ª série. Isso nos leva a pensar o modelo de educação que se materializa nos dias atuais e, enquanto professor, percebo um maior movimento de incentivo para esses caminhos e trajetos da vida após o ambiente escolar, como também o desejo que os estudantes permaneçam escola.

Gráfico 10 – Motivação das escolas para com os alunos



Fonte: próprio autor.

Além disso, é importante pensar sobre outro lado da moeda: será que estes jovens querem caminhar por este percurso do Ensino Superior? Será que há outras maneiras deles construírem seus caminhos? Será que esse ideal é construído com eles ou para eles? Eles são escutados em sua individualidade? E para a porcentagem que respondeu sinalizando que não são incentivados: será que essas escolas elaboram estratégias de escuta para estes estudantes? Que movimento de reconhecimento tais Unidades de Ensino percorre para que esses jovens percebam ou visualizem suas vidas após o Ensino Médio?

Sobre isso, outra pergunta foi: o que lhe motiva permanecer e frequentar a escola? As respostas, quase unanimidade, foram: “em busca de futuro”, o termo “futuro” apareceu 95% das respostas. Com isso, levanto a priori alguns pensamentos: será que a escola é o espaço de projeto da vida humana? Essa projeção é construída dentro da escola? Ou somente lá? Será que esses jovens trazem suas ideias para além dos muros escolares? Que grupos podem contribuir para esse imaginário do futuro? O termo futuro é enquadrado em que perspectiva?

Diante disso, podemos afirmar que a escola é sim um espaço de construção do imaginário que percorre o futuro, ela se torna quase um espaço mágico ou portal, fazendo uma analogia para que esses possam pensar antes e depois de um rito de passagem, termo antropológico, essa condicionante ao perceber e escutar os jovens demonstram sensações de tranquilidade como também de apreensão, ou seja, a situação real de pensar o futuro coloca esses jovens em constante realidade de tensão.

Isso é abordado nessa resposta: “Um obstáculo entre o sucesso e a morte” em que precisam corresponder a um ideal que não seja, propriamente falando, deles de imediato. É também uma consequência e fruto da sociedade complexas que estes estão inseridos. Ademais, o capitalismo atual, tão maquiavélico que introjeta no imaginário social os conceitos de felicidade e de realização levam cada vez mais estes jovens, sujeitos sociais em construção, a caminhos de condicionamento da vida em decorrência do que se espera deles por parte da sociedade, mas que não há o movimento contrário: escutar deles o que eles pensam sobre a sociedade.

Além disso, de que será que as escolas fortalecem esses atos de imposição do futuro pautados no ideal capitalista das sociedades atuais? Ou seja, será que esses modelos pautados nos exames externos e no que as instituições e agências normativas do sistema de educação preveem para a sociedade não coloca esses jovens nas condicionalidades de desigualdade estruturais que a sociedade em si já irá colocá-los? Ou que já estão inseridos? Será que essas escolas comprem os discursos meritocráticos que acentuam disputas e fortificam os sistemas de desigualdade social ao invés de propor pensamentos ou uma formação consciente dos seus grupos de pertencimento, classe sociais, culturais e étnicos para que eles possam se reconhecerem na sociedade e ocuparem de forma mais efetiva seus espaços?

A escola como rito de passagem dar ao indivíduo uma situação assustadora no que compete a brusca mudança de vida, pensando nisso, será que esses estão estruturados emocionalmente ou psicologicamente para que lidem com os desafios, demandas, cobranças e ideias da vida adulta em tão pouco tempo? E, em contrapartida, será que as escolas os formam na condição de mero agentes sem voz? Vulneráveis que não constituem diálogos de com fazer social no cotidiano da sociedade? Atrelado a isso as respostas que não estavam no prisma do “futuro”, dentre elas, falas que demonstram sentimentos de exaustão, medo ou falta de consciência do que ser e fazer, por exemplo, na resposta a seguir: *“nem sei, nada mais me faz sentido”* ou *“Só eu mesmo e Deus, só é eu mesmo.”*

Paralelo a essas reflexões, outro caminho pode ser traçado para pensar na escola e na juventude, esse caminho traz outro tipo de característica do espaço escolar, esse agora como

espaço de acolhimento. Dentre os 5% que não responderam *futuro* houveram a presença da escola como espaço de: *acolhimento, espaço de proteção, minha segunda casa, terceira casa, um canto onde posso ser uma pessoa boa na vida, um lugar onde eu posso ter a liberdade de conhecer, o lar mais seguro*. Todas essas respostas demonstra uma outra faceta da realidade, essa, por sua vez, não ligada ao sistema educação, mas ao espaço que a escola se torna e se constrói, segundo eles, um espaço de proteção, na qual eles se sentem bem ou convidados a terem segurança.

Essas falas, criam uma possibilidade de perceber a escola para além das falas do senso comum ou que se tornaram banalizadas “*escola é a segunda família*” que ao longo do tempo se perdeu o sentido sendo ressignificado e também usurpado para a sua real função, ou seja, nos últimos anos a escola passou de local para conhecimento para atuar efetivamente na ausência da responsabilização ou atuação familiar, sendo por inúmeras vezes, o ambiente não apenas de perfil acolhedor como da família, mas também de condicionador ou que encaminha para o encontro dos valores sociais dos quais o indivíduo se alimenta durante toda sua vida.

Ao voltar a observação sobre o dados relacionados ao questionamento sobre como as famílias veem a escola, 100% das respostas tem como palavra chave “segurança e acreditam na escola”. Conforme descrito nesta resposta: Meus pais acham a escola um ótimo lugar como uma segunda casa , visualiza-se, portanto, que as famílias tem a escola como um espaço de significado e que representam também a idealização social da sociedade para escola.

Essas variantes, para mim, torna-se algo perigoso, tendo em vista que possa ocorrer o colapso dos papéis e funções sociais das instituições família e escola para a sociedade. E, assim, a escola possa ter e ser ainda mais alvo dos diversos grupos sociais que disputam o indivíduo como “coisa” para fundamentação e materialização dos seus ideais, minando cada vez mais a atuação das unidades de ensino. Isso gera, por si só, problemas de ordem até legal, na qual se alimenta de um maior distanciamento entre o que é a escola, o conceito, a gênese, o estabelecido pelas leis e o que é imaginário social, fica em meio às crises ou disputas de como construí-la sem que a escola possa se fazer.

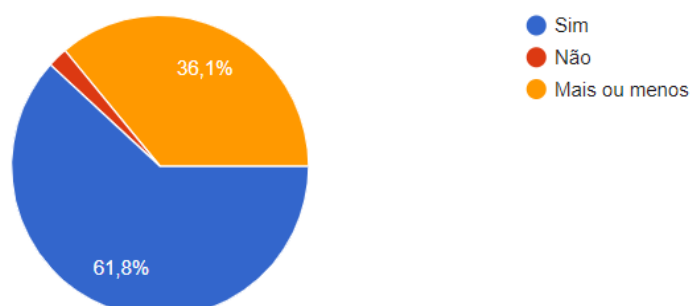
Os dados a seguir contribuem para a discussão feita, mas também abre outro leque de investigação: 36%, ou seja, 1/3 dos estudantes responderam que a escola é mais ou mesmo um espaço seguro. Nesse sentido, podemos pensar também a escola como modelo de reprodução das desigualdades e fortalecimento das práticas de violência simbólica geradas no seio da sociedade moderna.

Com isso, algumas delas é possível serem levantadas: será que as estruturas físicas das escolas contribuem para que essa ideia de insegurança se instaure? Será que também está ligada aos últimos acontecimentos no Brasil em decorrência dos atentados as escolas? Será que essas escolas reproduzem argumentos que reafirmem desigualdades entre as categorias de raça, gênero e classe social? O fardamento é como ação de identificação ou modelo de coerção das performances e culturas juvenis? Quais são os padrões de estudantes que são construídos no ambiente do cotidiano escolar? Esses questionamentos são relevantes e substanciais para que possamos pensar sobre essa variante e o que nela suscita de pensamento e questionamento sobre a escola e a relação das juventudes na ocupação e vivência destes espaços.

Gráfico 11 – A escola como um espaço seguro para os alunos

Você considera a escola um ambiente seguro?

319 respostas



Fonte: próprio autor.

O discurso romantizado da escola como segunda família inviabiliza o olhar sobre esse dado, na qual esses grupos de jovens podem estar atrelados a não adequação nessas unidades. Ao me referir nesse sentido, não coloco como algo limitador, pois penso que as várias formas de exclusão, marginalização das culturas juvenis que eles trazem de seus bairros, famílias, grupos, movimentos podem contribuir para que essa imagem da escola seja mantida ou instaurada. Ao pensar sobre essa segurança do espaço escolar, isso não reduz apenas a luz da segurança nos conceitos de criminalidade ou não, mas de todo os parâmetros simbólicos que coincidem para formulação dessa imagem de segurança, de sensação de acolhimento e bem estar no ambiente escolar. Essa percepção precisa também ser palco de atenção por parte do pesquisador, sobretudo do professor pesquisador.

Ademais, pensar também sobre a escola e seu imaginário por parte dos jovens é compreender como os jovens veem a sua “escola ideal”, nesse sentindo, será que esses jovens são escutados? Será que as práticas escolares vão de encontro com o interesse deles? Há

semelhança de foco entre o que a escola quer e o que os jovens desejam? Ou mesmo será que estes jovens são escutados em suas contribuições e reivindicações?

Um dos questionários feitos foi como os jovens pensam a sua escola ideal, nesse sentindo, dentre as respostas as que mais se reproduziram foram: tornar as aulas mais prazerosas e dinâmicas; jogos e eventos culturais; orientações sobre a vida adulta e questões estruturais/físicas. Isso tudo nos leva a compreender que não há um reconhecimento com o modelo instaurado de ensino, ou seja, é possível elucidar uma hipótese do quão estes jovens não conseguem visualizar sentido na organização do sistema educacional no qual estão inseridos, isso pode levar a uma problemática extensa que coloca em jogo sua trajetória estudantil na situação comprometida em decorrência deste distanciamento entre componentes, estrutura, conteúdo e ações propostas.

Ao passo que pensamos sobre esse não reconhecimento, nos deparamos com o desejo de eventos culturais e dinâmicos, ou seja, pode-se se extrair a interpretação de que os jovens percebiam suas escolas como locais que limitam ou negam a eles viverem suas práticas culturais, tornando o espaço escolar ainda mais enfadonho ou mesmo desinteresse. Isso tudo pode agregar na defasagem relacionada à aprendizagem como também ao processo de evasão escolar que é um dos conflitos contemporâneos do Brasil relacionado à educação. Ademais, a ausência entre o que se aprende e o que se vive, as péssimas condições estruturais físicas das escolas são as lamurias que assolam historicamente a trajetória da vida estudantil dos jovens brasileiros.

Quando proponho a pensar sobre o papel e imaginário da escola construído pelos jovens e a relação que se constrói entorno disso, outro aspecto se torna interessante para pensar, como a questão dos grupos juvenis fora e dentro do espaço escolar. Ao pegar as respostas deles, percebemos que há uma realidade interessante do qual elucidado alguns pontos: primeiro, existe um número elevado de respostas que não fazem parte de grupos dentro da escola, como também não pertencem a nenhum grupo fora da escola; segundo, dentro os grupos mencionados há a predominância da religião, sobretudo, o cristianismo, na vertente protestante são os que mais se apresentam; terceiro, grupos culturais como capoeira e dança são os que também apareceram; quarto, não houve menção a grupos ligados a categorias como gênero, raça, etnia, política, etc; quinto ponto, as atividades ou grupos fora da escola se concentram em religião e atividades esportivas.

Diante disso, podemos levantar inúmeras hipóteses, temos uma relação regular do que se vive foram da escola e dentro dela, ou seja, as relações extraescolares que esses jovens constituem no seio social são preponderantes dentro dos muros escolares, além da predominância de grupos vindos apenas de duas origens: lazer e religião. Assim, os jovens que

responderam o questionário e ocupam essas escolas se formulam por meio da relação com seus imaginários sociais da religiosidade e do processo de lazer (esporte e atividades de lazer). Por meio disso, as escolas conseguem se adequar tanto nas ações, rotinas e perfil com esses grupos, ou seja, as atividades que são promovidas nesses ambientes, coincidem e/ou são orientadas pelo desejo desses jovens em específico.

Pensar na escola também é compreender que os grupos e os movimentos sociais, como a relação estabelecida pelos jovens para com esses grupos e movimentos dão conotação direta com a construção do perfil funcional das atividades escolares. Esses espaços se constroem, reconstróem e incorporam narrativas, argumentos e ideais que são, por muitas vezes, defendidos por tais segmentos.

Isso, resultado por consequência, na minha concepção, das implicações entre os demais grupos pertencentes ao grudo discente das instituições, nas quais fica os questionamentos: será que os outros grupos são vistos? E os jovens das demais religiões? Há como se manifestar? E porque não manifestar-se? Há que tipo de impedimento? Legal, moral ou condicionante? E as ideias de padrões de papéis sociais como são reproduzidos no chamado currículo oculto ou do cotidiano? Como os grupos de jovens lgbtqia pn+, negros e negras, deficientes, e/ou outros são inseridos no cotidiano das escolas e inseridos? Isso levanta a necessidade de pensarmos os espaços escolares como campos de disputas, ideológicas, morais e de grupos, que podem colocar no ninho deste movimento a atuação dos jovens e a condução de suas vivências dentro do espaço escolar, como também na construção da atuação pedagógica das mesmas.

Para finalizar essas observações, trago um último dado que muito contribuirá para o encerramento dessas reflexões. Nesse caso, a pergunta sobre o que é juventude para eles, mesmo que seja uma pergunta genérica ou sem objetiva, permite, por meio da subjetividade, captar as concepções a cerca do que se compreende sobre juventude, não por meio da literatura acadêmica, mas do que de fato vivenciam e fazer parte desse grupo para que atrelado a ciência possamos analisar e se debruçar sobre as variadas multiplicidades que as juventudes podem se manifestar e existir.

Os dados mostraram que, na maioria das respostas, a palavra chave é “fase” ou “momento”, como exposto nesta frase a seguir: *“Pra min é onde vc controí tudo pra lá. Na frente ficar mais fácil pra vc.”*. Ao depararmos com tal narrativa, é possível ter noção da juventude para ele como algo que estabelece toda a sua vida humana, ou seja, sua vida. Nesse caso, a juventude fica como esse momento de passagem entre um extremo e outro, na qual sua vivência e seus caminhos é que determinarão seu futuro. Assim, condicionados a essas respostas as fases podem ter conotação positiva, regulatória ou minimizadora.

Por fim, diante de todas as reflexões, é possível ter como premissa de que a juventude parte do pressuposto da vivência, da construção diária, de algo abstrato que só se materializa por meio de signos e estratégias que os colocam na condição de vivos, ativos e existentes na sociedade, na qual instituições, movimentos, pessoas e grupos também são significativos para que essas performances ou expressões possam ser consolidadas. Com isso, há aqui abertura para se pensar que esse processo pode ser de colaboração ou não que, infelizmente, esta escrita não respalda, mas que a partir da individualidade de cada um é possível ser perceptível.

Além disso, a escola torna-se o palco central para vivenciar toda essa gama de articulações de macro e micro estrutura que nascem desde seios familiares até as ocupações de espaços em nossa sociedade atual, contudo, permanece atemporal como a instituição que contempla todas as variações da sociedade. Assim, independentemente, recorrem a ela a maior possibilidade de visualizar e permitir sentir os movimentos e práticas que são ligadas as ideias de moralidade, comportamento, padrões sociais, ideologias e estruturas sociais.

Conforme lido e visto até aqui, este trabalho se delineia na discussão sobre os conceitos de escola e juventude, contudo, descrever a vivência enquanto pesquisador sobre tais conceitos, além de pertinente, se torna peça fundamental para que ocorra sentido na escrita é verdade. Bem como o arcabouço teórico, pretendido também construir uma conceituação própria sobre o espaço e o grupo social que faz parte desta pesquisa. Esse momento de diálogo teórico/conceitual com os traços relatados da vivência por parte de pesquisar é relevante e dá um sentido a mais o que se discutiu até aqui.

Ainda que a pesquisa se baseia meramente numa pequena descrição, o passo que tomo neste momento da escrita não é apenas um dado relato, mas também uma descrição analítica dos fatos, movimentos, expressões, símbolos; práticas e vivências dos quais o cotidiano enquanto pesquisador me concede perceber e que se torna cabível sua inserção para o leitor. Em conformidade com o que foi proposto no início desta pesquisa, para além do olhar teórico, o olhar do ambiente escolar era primordial, com isso, a cada passo que tinha acesso a escola e aos jovens, o olhar curioso, sobretudo de quem é cientista social, traz ao foco da atenção “enlaces” dos sujeitos de pesquisa que se tornaram de total interesse para mim, pesquisador.

Primeiramente, atento-me a reafirmar meu papel, para além de professor, recorro-me a preocupação e premissa de que não posso mais tocar o espaço escolar sem que seja munido de ferramenta metodológica que, para mim, são atributos necessários e fundamentais para que o projeto de pesquisa saia do plano do amadorismo e se torne de fato uma produção do conhecimento científico. E, assim, trazer resultados e/ou pelo menos levanta situações lustres para o que se propôs a pensar.

Nesse sentido, trago ao leitor aspectos por mim usado: primeiro, o olhar atento - não podemos adentrar ao ambiente que se propõe estudar ou observar sem que ocorra, primeiramente, um olhar de inquietude. Esse olhar, por sua vez, precisa de muito cuidado e disciplina, diante das relações já preestabelecidas, a atenção redobrada e desnaturalizadora é um caminho assertivo. Esse olhar permite que nós, professores e pesquisadores, possamos compreender que aquele espaço está dotado de signos e significados que vão além do que é apresentado, o que se torna o alvo principal: perceber o que não é perceptível no cotidiano.

Ademais, esse olhar com que falo é fundamento pelos princípios das Ciências Sociais (Antropologia e Sociologia), olhar que conduz sua atenção para situações das quais os grupos podem ou não entendê-lo como parte de si. Logo, nosso papel de pesquisador, retirar dos atos mais simples um mundo possível de compreensão, de relações, de fatos e atos condicionantes. O olhar curioso não perde, de maneira alguma, tudo que os sujeitos podem nos oferecer, e nós, inseridos no contexto e participando da própria pesquisa, somos atores constituintes no processo de análise. Em outras palavras: são por nossos olhos rebuscados com teoria e metodologia das Ciências Sociais que é possível perceber e esclarecer o que teoricamente elaboramos com outros autores.

Outro traço que elucidado para o pesquisador é sua inserção ao espaço. Quando se propõe viver e conviver com o objeto de pesquisa, o caso de nós professores/as da educação básica, precisamos não deixar evidente um distanciamento entre nós, professores, e o professor-pesquisador. Essa relação não pode ser evidenciada pelos jovens estudantes (alunos) que passam a serem sujeitos de pesquisa, como um ato de tipificar ou hierarquizar os espaços e os papéis. Caso ocorra isso, para mim, faz com que a pesquisa possa perder o sentido e sua verdade, ao passo que possa ocorrer o inverso que se espera: uma relação de caracterização ou atuação. É claro que para ética científica, o fazer metodológico é recurso vital e reluzente em qualquer produto científico, porém, para nós professores/as, esse movimento deve ser cauteloso e delicadamente lapidado, afinal, temos uma relação estabelecida de afinidades com nosso objetivo de pesquisa.

A inserção no campo de pesquisa, por sua vez, se torna o ponto crucial para a boa condução do trabalho científico. Essa inserção pode ser calcada pelo cuidado de perceber e transmutar os estudantes para estudantes-pesquisador de forma sutil, gradual e atenta. A brutalidade ou movimento bruto de totalidade pode acarretar na perda do que se poderia levantar das observações. Afinal, o diálogo, a afinidade e a participação no ambiente como personagem da pesquisa, de certa forma, também contribui para que se desenvolva uma pesquisa fluida e sem ruídos ou entraves.

Portanto, a inserção do pesquisador professor no seu ambiente é o passo de atenção e cuidado, pois nele contém sua estratégia de manter-se quase que maquiado ou invisível, mas sem deixar de ser inserido naquele dado contexto, atribuindo tanto: vida profissional como ação do pesquisador participante.

Além disso, a desnaturalização, o fazer e o agir por olhar sempre de outras maneiras aquilo que poderia ser comum é o ponto alvo de todo esse momento metodológico e científico. Compreender o que está posto como comum, feito por meio da atitude de distanciar-se desta percepção inicial, é algo forte, necessário e fundante para o fazer científico. No contexto do professor-pesquisador, isso se dá ainda mais orgânico, mais difícil, portanto, de se desprender ou de se permitir perceber o que ali é mais do que comum é fato e material do grupo pesquisado.

Ao referir o termo orgânico, o quadro na perspectiva de que viver o espaço escolar para professores é quase que viver sua vida em si. Por vezes, a diferença do que é profissional e pessoal é quase impossível, frente a realidade de trabalho e a estrutura que lhe envolve o papel de professor da educação básica. Nesse sentido, desnaturalizar práticas, símbolos, palavras, formas, gestos, olhares, intenções, ideias ou atitudes, faz com que saiam delas poeiras/partículas que concentram nosso real interesse: a gênese ou o ponto que não se vê, mas se faz vivo ao passo que se estabelece no cotidiano. Somente a desnaturalização sistemática e bem consciente pode nos permitir evidenciar que há movimentos entre tudo no espaço e entre o grupo. Logo, os sentidos surgem e que as novas formas de olhar o mesmo aparecem.

Inegavelmente, quando colocamos em prática esse pilar de que toda a tessitura científica se torna firme e a matéria vai se formulando, dar a ela aparência, cor, movimento, corpo, sentido e característica. Dessa forma, o espaço, os sujeitos e a interação são aspectos que podem ser notadamente compreendidos, ou pelo menos notados. Desse modo, nessa pesquisa, é elementar dois aspectos: a escola e a juventude. Em primeiro lugar, traço aqui um olhar próprio do que percebo enquanto pesquisador de ambos, porém, iniciado pela escola e seu espaço escolar.

Enquanto professor/pesquisador a escola como espaço ou instituição (ideia abstrata) é primeiramente conceituado pelas leituras, ou seja, ambiente construído de normas, regras, estruturas, agentes e agências. Porém, dado a minha observação, a escola passa, além disso, ser também um recipiente e um organismo vivo (palco produtivo), uso-me deste termo não para resumir, diminuir ou redimensionar, o que já foi estratificado para a escola, mas para elucidar que a escola como recipiente é, por sua vez, objeto ou instrumento, ou seja, as agências ou agentes externos a olham como necessário é fundamental para a vida. A escola como recipiente (objeto) conota a ela um significado de utilidade que, por vezes, tem sentidos amplos, e podem ser administrado por quem tiver a condição necessária no dado contexto para fazê-la.

Essa observação ou descrição se estabelece pela ótica do pesquisador, do desnaturalizar do que se vive, de modo que a escola como recipiente não é apenas aquela que recebe ou recepciona, mas aquela que pode ou fica em evidência para que quem estiver ao seu redor ou necessitar usar-se ou precisar dele. É nesse sentido que, primeiro, estabeleço essa concepção: escola como recipiente/objeto necessário para sociedade, em que a mesma dotada de agentes e agências podem usá-la ou buscá-la ocupar da maneira com que compreende ser assertivo.

Esse momento se insere na relação de ideia/preensão e interesse, que não faço julgo se bom ou ruim, se necessário ou não, se grupo x ou y, se ideias progressistas ou conservadores, não quero adentrar por este campo e nem quer negar sua existência, contudo, restrinjo-me apenas a ideia que estabeleci: escola – recipiente – objeto necessário é atemporal. De outro modo, fazendo uma analogia, também caracterizo a escola como uma representação viva, ou seja, a escola é como corais do mar, que tem vida, movimento, papel, organização, perfil, sentido, representação e atuação frente a um ecossistema.

Esse espaço (escola como instituição), por sua vez, é pulsante, há vida, pois a escola é dinâmica e ativa, não se prende a um lapso temporal, bebe de fontes, dialoga com contextos, percebe movimentos e se reconstrói a partir deles. É movimento, pois traça em seu cerne total a transitoriedade, não há espaço para rigidez, mas para o embalo, o entrave, o conflito, a troca que só o movimento de pessoas, ideias e culturas pode formular. Tem consigo perfil, tem imagem para sociedade, ela por sua vez, tem um imaginário social ao seu redor que tem característica fixa como também mutável. Ela se referencia e se torna referência cultural, social, política, econômica, educacional e simbólica para a sociedade ao seu redor, que tem adjetivos fixos e atemporais como também agregados ao seu dado contexto, fixam ou saem conforme se estabelece a vida, e o movimento da escola.

Com isso, é possível perceber e nítido para todos: escola é aprendizagem, além disso, nas entrelinhas, a escola com seu espaço escolar é o palco produtivo para grupos que a utiliza ou ocupa constitua suas vivências, status e imaginários para sociedade. Nesse palco, torna-se possível a criação, recriação ou formulação de papéis e performances que tem relações estruturais com a sociedade e os seus grupos, seja ele dominante ou dominado.

Ainda por cima, o espaço escolar, o descrevendo sociologicamente, é como o palco principal do mundo. Nesse espaço, percorre todos os ruídos, embalos, culturas, sensações e ideias que o mundo partilha e vive, também é possível a criação. Esse espaço, além de sagrado, tem elemento de comunicação e dominação, pois o grupo/ideia/estilo que se finque nele, como ele também terá uma aplicação, pois a plataforma (escola) lhe torna notório e perceptível pela sociabilidade dos seus atores dentro e forma do seu espaço fixo.

Com isso, reafirmo o sentido dado a escola enquanto palco, pois mesmo que reproduzindo estigmas ou representações da sociedade, também tem o poder e a força de recriá-los ou dar a eles um sentido único e particular vindo do espaço escolar, ou melhor, do organismo vivo que se formula nos corredores, pátios, quadras, refeitório, laboratórios, salas, mentes e demais espaços ou maneiras de viver escola. Enquanto isso há outro aspecto reagente da escola: o estudante.

Os jovens estudantes do Ensino Médio mediado e permeado por escritas e teorias sociológicas o conceito de juventude é abordado nesta pesquisa como um conjunto de aspectos que materializam o sentido de juventude, traçados por vários autores. Contudo, quero, nesse momento, elaborar um sentido/olhar da juventude em consequência do contato de pesquisador: imaginário, performance/signo e prática.

Sobre a juventude, enquanto imaginário, traço um caminho sobre o ato de se ver ou representar. Percebi, no cotidiano da pesquisa, que a juventude como conceito/ideia vem atrelada a imaginação de como eles os imaginam/percebem, seja nos corredores, seja na sala de aula, no pátio, no laboratório. Os jovens carregam consigo traços/elementos/ideais que o tornam possível serem imaginados ou seres imagináveis. É com esse embasamento que compreende-se o jovem no espaço escolar. Eles formulam suas trajetórias atreladas aos sentidos e significados que trazem consigo e dão vida e eles por meio das inúmeras e invariáveis formas.

Compreendo essa imaginação por dois caminhos: pelo jovem ao externo e também ao externo ao que é jovem, por exemplo: o jovem para o professor e o professor para o jovem. Esses caminhos possíveis da imaginação é, portando, a maneira possível de que esse grupo se formule em sociedade e permanência vivo perante a transitoriedade da sociedade. Além disso, há o que o grupo representa para a sociedade, ou seja, estes usando de recursos quase inimagináveis para serem, portanto, imaginados pelos adultos e demais atores sociais, como também os atores e adultos, por sua vez, também estabelecem suas imaginações para com o grupo dê juventudes. Dentro desse movimento, há o conflito, aspecto presente na relação dos jovens na acordaeste e principalmente na escola. Para mim, se fixa neste conflito entre o perceber e o que quer ser percebido que dá a contínua e atemporal relação dos jovens para com o mundo em sim.

Por outro lado, a performance ou exposição de signos (que não é novo, tendo em vista conceito já debatido e estabelecido por outros autores), trago ela com um outro olhar a fim de compreender as formas variadas que nos jovens utilizam para se firmarem/imaginarem/existirem na sociedade. Esse aspecto é primordial ao passo que tal grupo

tem capacidade criadora de elaboração dos seus perfis, com isso, dão simbolismo, notoriedade, presença e vida a qualquer sentido que estes reconheçam possíveis para si.

É com a performance que os jovens, conforme descrito anteriormente como imaginação, conseguem ser visualizados e também imaginados pela sociedade. A performance é elemento vital para os jovens, pois conseguem formular uma equação possível que junta imaginação, performance, símbolo, significado, signo, movimento e prática, tendo como resultado o sentido. Além disso, os signos são instrumentos inexoráveis aos jovens, eles se constituem com recursos tangíveis e intangíveis, tornam vivos por abrigos, ideia, estilo, desejo ou formas. Portanto, tais aspectos recorrem o imaginário juvenil e os dá espaço visível dentro do corpo social.

Os jovens, dotados dos aspectos anteriores atrelados a prática conseguem firmar e construir a identidade social que ultrapassa: espaço, tempo, classe e lugar. As práticas que são diariamente formuladas pelos jovens vão se estratificando no imaginário social e conseguem, por sua vez, atingirem o nervo central da sociedade: a identidade e a sua percepção. Portanto, a juventude, para elemento dos elementos etários e simbólicos, tem consigo cargas de elementos: imaginação, performance e prática que, por conseguinte, os identificam/percebem no meio da sociedade e da própria escola.

Por fim, a escola e a juventude, juntas conseguem, num momento dual, se tornarem vivos e ativos no meio social, na qual, ambos, conseguem, diante de outras instituições e grupos, se manifestarem com maior prevalência e darem a vida em sociedade sentidos e movimento. Isso são sinônimos de dominação, mesmo que possam ser usados intencionalmente por ideais externos a si, esses conseguem incorporar, recriar e elaborar a si mesmo e firmarem seus espaços frente a dinâmica da vida social.

5 PROPOSTA DA PRODUÇÃO DE UMA CARTILHA DIDÁTICA: “CAMINHOS DA JUVENTUDE”

Tudo o que foi discutido, levantado e analisado até aqui foram essências para que a pesquisa constitua-se de corpo, para além disso, esse arcabouço produzido também favoreceu para que este capítulo surgisse nesta pesquisa, ou seja, todas as discussões foram valiosas para que a produção didática como resultado de toda essa pesquisa apareça e se consolide como um produto possível após uma imersão ao tema estudado.

Após as discussões de conceitos sociológicos como: escola, juventudes, espaço, educação, relações sociais; em diálogo com as análises de dados, entrevistas e reflexões sobre juventudes em contextos escolares levantados pela pesquisa de campo proponho neste capítulo a construção de um material didático, no caso, uma cartilha em formato de sequência didática que possa ser usada como apoio aos professores/professoras, alunos/alunas e comunidade escolar no que compete discutir e subsidiar sobre juventudes e suas reflexões.

Contudo, para dar início à apresentação prévia do material didático, é preciso justificá-lo, no sentido de evidenciar o desejo da sua criação. Este material é constituído, portanto, com base nas reflexões conceituais e analíticas que me propôs a fazer nos capítulos anteriores, na qual contribuiu para que me desse subsídio norteador para produção do mesmo, como também, colaborar com as produções sobre o tema, e contribuir para que o tema seja continuamente aprofundado e debatido no espaço escolar com as próprias juventudes.

Ao imaginar sobre esse produto (material didático), pensei inicialmente na construção de uma cartilha, contudo, diante de questões técnicas e logísticas, coloquei como produto da mesma uma sequência didática, ou seja, material didático/pedagógico presente no cotidiano escolar e dos/das professores/as. O desejo pela sequência didática se dá por reconhecer, mesmo que tenha obras já feitas, uma ausência de propostas e ideias de aulas para que dê apoio ao professor para abordagem do tema juventude.

Nesse sentido, diante das observações realizadas pela pesquisa e do que foi possível perceber também por meio dela, a elaboração de um material simples, de fácil utilidade, que seja didático, colabora tanto com o professor ou professora, mas também no próprio estudante, para que ambos percebam, compreendam, usem e se reconheçam no que está sendo lido, estudado e consumido.

Esse material didático tem a pretensão de se tornar apoio para a comunidade escola, além disso, ser usado para fomento nas aulas regulares das disciplinas/componentes como também das aulas denominadas eletivas ou clubes. Essas, por sua vez, não têm estrutura

curricular ou material de apoio estruturado feito, portanto, fica sob a responsabilidade do/da professor/as realizar a elaboração e a confecção desta ementa extra, caso precise. Além disso, existem os componentes curriculares denominados de formação para as competências socioemocionais (Formação Cidadã) e NTPPS – Núcleo de Trabalho, Projeto, Pesquisa Social que também seria apoio para tais, conforme reafirmado no DCRC publicado pelo Ministério da Educação:

Entenda-se, portanto, que o desenvolvimento da educação integral é compromisso de todas as escolas, independente se sua jornada de trabalho é parcial ou integral. Esta concepção de educação deve estar explicitada no Projeto Político-Pedagógico de cada instituição escolar e concretizar-se no assumir de todos os docentes, que precisam fazer de sua matéria de ensino um instrumento na construção dessa formação global. Todos os componentes curriculares, devem utilizar tratamento didático que explore o protagonismo do aluno, estimulando sua criatividade, iniciativa, curiosidade, senso de oportunidade, capacidade de pensar para resolver problemas e tomar decisões, fazer análise crítica de situações da realidade. Estes são procedimentos decisivos nessa nova empreitada educacional (Documento Curricular Referencial do Ceará, 2019).

A sequência didática também se fundamenta pela perspectiva da busca pela educação integral e do protagonismo juvenil pedida pelos documentos legais, nesse sentido, atribuo a essa discussão esse respaldo, conforme descrito no Documento Curricular Referencial do Ceará (DCRC) do Ceará:

A ação educativa norteada pelo princípio do protagonismo infantojuvenil explora uma característica latente no ser humano, que apenas requer agentes situacionais provocadores que a façam vir à tona. Os sujeitos são mais ou menos protagonistas em função das oportunidades que têm para exercer sua capacidade de protagonizar ações. Cumpre considerar que o tipo de educação ainda predominante na escola atual, em que o educando é mero repetidor do que lhe é ensinado, obviamente, não contribui para fazer aflorar seu protagonismo. Por isso, diante da necessidade de formar pessoas que, em lugar de simples expectadoras, sejam partícipes efetivas no processo de construção das mudanças sociais, é imprescindível que o projeto pedagógico buscado pela BNCC seja desenvolvido com sucesso. Neste projeto, cujo foco é a formação integral do aluno e está previsto o desenvolvimento de competências e habilidades essenciais, dentre as quais estão aquelas que abrangem habilidades socioemocionais importantes para o enfrentamento dos desafios do século XXI, vale a compreensão de que ao favorecer o desenvolvimento da inteligência socioemocional, por certo se estará formando seres humanos com forte senso de humanidade, portanto, mais comprometidos com as questões afetivo-sociais. Nessa perspectiva, o desenvolvimento do protagonismo infanto-juvenil do educando será um forte aliado para sua formação integral (Documento Curricular Referencial do Ceará, 2019).

Portanto, para dar início à construção dessa justificativa ou desse embasamento, é preciso rememorar que a pesquisa feita foi voltada para discutir sobre o conceito de juventudes e como ocorre a relação entre esses grupos com a escola e a sociedade, perpassando, é claro, pela perspectiva da família, da amizade, das redes sociais, religião e demais grupos ou instituições sociais que porventura tenham relação com as juventudes, sobretudo as quais estão sendo o sujeito de pesquisa deste trabalho acadêmico. Vale também ressaltar que este capítulo

não tem a pretensão de dialogar com teorias ou teóricos sobre o tema, contudo, quero apenas traçar o norte da proposta didática com os dados levantados, sendo, portanto, o único meio para a conversação deste texto.

O que se pode observar nas discussões sobre juventudes dá uma base para um pensamento e uma proposta de construção, porém, trago para colaborar com a reflexão um formulário aplicado. O formulário foi pensado inicialmente para ser um amostral, dessa forma, não tive o interesse de aplicar em toda a escola, apliquei em 5 turmas, totalizando 40% da matrícula da instituição de ensino. Desses, totaliza-se 160 alunos, que se equipara a 1/3 do alunato, na qual tem 420 alunos.

Após recolher os formulários, no período em que estava no processo de consolidação, observei a existência de diversas respostas – algo esperado – tendo em vista que o mesmo foi optado pelo formulário aberto (subjetivo). Também é importante salientar que, ao deparar-se com inúmeras respostas, optei por criar categorias ou blocos de ideias que se assemelhavam para que fosse mais possível o desenho das respostas e, portanto, uma leitura que se baseasse na proposta didática: a cartilha informativa.

Além disso, é importante tomar conhecimento da tabela, mesmo que tenham sido aplicados 160 formulários, desses alguns não foram possíveis identificar a resposta. Por isso, não os elenquei na tabela, mas que surgiram tanto na primeira coluna como na segunda coluna, portanto, ficando a primeira coluna com uma quantidade e a segunda com outra. Além disso, computei no número total das respostas, apenas para tornar ainda mais palpável o resultado, assim, a diferença entre as colunas não deve ser levada em consideração. Conforme consolidado, confeccionei uma tabela que torna possível a leitura das respostas e como se configura a percepção dos jovens estudantes para a realidade abordada:

Tabela 9 – Formulário para fundamentar o material didático.

(copilado das respostas sobre temas de interesse para ser tratado sobre juventude)

Quant.	COLUNA 1 - O QUE É JUVENTUDE?	Quant.	COLUNA 2 - O QUE VOCÊ QUERIA QUE A ESCOLA ABORDASSE SOBRE JUVENTUDE?
28	Escolhas / Descobertas / aprendizado / amadurecimento / futuro	08	Canto / Dança / música
08	Desafios / responsabilidades	02	Diferentes culturas
75	Aproveitar o máximo e maravilhoso/alegria/amor/respeito ao próximo/fase importante/consciência de que é um momento/saúde / lazer / liberdade/intensidade/ memórias e afetividade / energia / não ligar para as falas dos pais, viver sem regras.	01	Astrofísica
26	Confusão e mistura de sentimentos / transição / mudanças / turbulenta “viver feliz em meio ao caos” (fala de um aluno) “(muitos problemas para se preocupar)”	08	Assuntos diversos / palestras
01	Dar trabalho aos pais	44	“Dicas para fazer certo as coisas” e nos comportar na sociedade / coisas essenciais na vida adulta / papel dos jovens na sociedade / mundo do trabalho / futuro / preconceito contra jovens
03	Não soube responder	37	Cultura dos jovens
03	Não respondeu	05	Religião e religiosidade
		08	Gênero e igualdade / desigualdade social / sexualidade / preconceito
		05	Educação financeira / tecnologia / Comércio / ganhar dinheiro fácil
		14	Amor próprio e valorização de si / saúde emocional / sentimentos
		10	Não sabe explicar
		01	Conflitos em casa que não são abordados
		07	Não respondeu
		03	Política, governo e questões de governança.
144		153	

Fonte: próprio autor.

Diante da descrição acima, evidencio a primeira coluna da tabela, no que compete a pergunta: “o que é juventude?”, a quantidade de não souberam ou não responderam não se torna uma quantidade relevante, nesse sentido, não se torna um dado evidente de alguma hipótese para tal discussão. Nesse sentido, a tabela torna um norte basilar para o encaminhamento do desenho da intervenção didática.

Conforme a tabela, em específico na primeira coluna, naqueles que responderam, percebe-se que 35 dão a entender ou compreender o conceito de juventude ou a sua própria realidade vinculada a um sentido não positivo, em comparação com as demais respostas, tendo em vistas que os 26 responderam relacionado a: confusão, caos e embates, 1 relacionada a “dar trabalho aos pais” e 8 responderam que é desafiador estar nessa realidade. Ou seja, quase 50% destes jovens consideram ou evidenciam que o sentido atribuído à juventude seja algo negativo ou problemático.

Além disso, 103 responderam dando sentido a juventude como algo positivo ou favorável para si, tendo em vista as respostas apresentadas, das quais 75 relacionaram a vivências, memórias, lazer, etc e 28 relacionaram a escolhas e futuro, codificando 51,04%. Portanto, compreende-se, a partir da primeira coluna, que os jovens estudantes se percebem como uma realidade de vida positiva e que evidenciam entusiasmo na resposta, ou ao menos uma visão mais esperançosa sobre tal realidade. Tal análise não consegue, por si só, justificar a necessidade da cartilha, contudo, é possível compreender ou atribuir que tal cartilha pode se tornar útil ou aceitável pelos mesmos.

Atentando-se agora para a segunda coluna, relacionada especificamente aos interesses ou anseios dos jovens estudantes para temas abordados. Dessa maneira, 28% das respostas dão evidências que a maior preocupação ou necessidade dos jovens está atrelada a necessidade de respaldar os anseios da vida futura ou da sociedade e até mesmo da vida adulta, perceptível pela resposta que computa 44. Nesse caso, especificamente ligados à ideia de comportamento social ou padrões de regulações sociais e mundo do trabalho.

22% encaminharam as falas sobre desigualdade social e 3,26% para o comércio e ganhar dinheiro, com base nisso, 36,48% conota um anseio que se pode atrelar a preocupação acima citada: as complexidades da vida social, como: trabalho e sobrevivência.

Diante do exposto, faço um paralelo com a discussão da autora Amliz Ferreira e Érika de Sousa (2016) em que aborda a relação da juventude e a sociedade contemporânea. Nesse caso, atrelado ao exposto acima uma sociedade que respaldo de modificações na história recente acentua-se movimentos, modificações e fenômenos sociais, políticos, culturais e econômicos:

Essas diferentes vertentes estão relacionadas a uma tentativa de explicar um momento na história em que localizamos uma sociedade pós-industrial e pós-guerra com características e condições que nos apontam modos de viver, compreender e se relacionar, pautadas em lógicas do capital, consumismo, individualismo e imediatismo. É neste sentido que o homem aparece como mercadoria, passando de produtor (na modernidade) a consumidor de ideais, valores, crenças, normas e modos de ser (na pós-modernidade). O autor ainda ressalta dois traços marcantes na sociedade pós-moderna: a transformação da realidade em imagens, e a fragmentação do tempo em uma série de presentes perpétuos. Ou seja, neste contexto, a imagem

precede o sujeito, limitando-o àquilo que é exposto, circunscrito às ideais de idolatria ao prazer e felicidade imediata (Lopes, Mendonça, 2016, p. 3).

Além dessa hipótese, há também a relação de como os jovens estão vivenciando o espaço escolar. Na tabela 09, percebe-se que um terço dos estudantes se mantem aberto e ligado às necessidades da sociedade atual, com suas inúmeras demandas e condicionalidades que vem do mundo externo da escola e que, a priori, não se condiz com demandas da sua faixa etária – fala que levam em consideração os documentos legais da infância e adolescência.

A experiência de liberdade apareceu associada à possibilidade de se ter maior privacidade, de poder fazer escolhas e tomar decisões em suas próprias vidas, e falas que se referiam à (falta de) liberdade na convivência com os pais foram recorrentes. Falar de liberdade com os jovens foi ter as oficinas atravessadas pela questão: o que significa ser livre quando se vive em uma condição que não é aquela prototípica do indivíduo liberal, isto é, independente, autossuficiente, responsável por si mesmo e preparado (legal e educacionalmente) para assumir as consequências de seus próprios atos? (Rocha; Rabello, 2016, p. 10).

Dando prosseguimento, atento-me agora aos 52,41% das respostas que possibilitam compreender que há inúmeros anseios nos estudantes, alguns, necessariamente, não estejam atrelados ao mundo capitalista e liberal, mas as suas próprias identidades, como religião, dança, cultura, etc. Desses, 37 respostas foram solicitando abordagem sobre culturas juvenis, isso deixa aberto para entender que a escola não consegue contemplar os conteúdos do currículo vivo da comunidade juvenil. Assim, em outro caminho pode-se levantar a discussão sobre a relação com a estrutura curricular orientada pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e pelo Novo Ensino Médio, em que tais normativas não conseguiram ainda contemplar as necessidades dos jovens em detrimento suas intencionalidades. Tal parágrafo se respalda pela fala dos autores:

Nesse sentido, cultura é a mediação das relações humanas envolvendo símbolos, linguagens e códigos que vão sendo organizados ao longo do tempo. É a partir dessa noção que pinçamos a ideia de culturas juvenis, como resultante de um processo de mediação que se dá num determinado contexto histórico e foi sendo gestado por meio de mudanças, desvios, rupturas e construções. Não obstante, a juventude é entendida como sendo uma representação sociocultural e uma situação social (Santos; Santos; Schneider, 2020, p. 13).

Com isso, por meio desse processo de interpretação dos dados levantados acima pelo formulário e exposto pela tabela acima, a cartilha se torna algo possível no espaço escolar, tanto pela ótica do acolhimento e receptividade, como também pelas necessidades de assuntos e temas dos quais eles reconhecem ausência ou fragilidade e que devem tomar espaço central nas abordagens pedagógicas da escola. Atrelo tal justificativa, no contexto abordado no trecho a seguir:

Dentro das transformações provocadas pela mundialização da cultura por meio das indústrias culturais, podemos destacar a grande preocupação no monitoramento das culturas juvenis como possibilidade de mercantilização de seus referenciais simbólicos. Mito endeusado pela mídia que se aproveita de seus referenciais para produtivizá-los com finalidades mercantis, a juventude depara-se com a fragmentação dos seus símbolos culturais prontos para o consumo. Nessa perspectiva, Beatriz Sarlo (2000, p. 39) afirma que “a juventude não é uma idade, mas uma estética da vida cotidiana”. A autora discute a juventude a partir da lógica do consumo, na qual o mercado também a transforma em produto, em objeto de desejo das classes consumidoras. Sendo assim, o mito da eterna juventude é mais uma vez ressuscitado, valorizando o ser jovem apenas nos seus aspectos estéticos e corpóreos. Esses atributos e valores são comercializados a partir da multiplicação das mercadorias que permitem a todos entrar no universo da juventude e da beleza. No fetiche da juventude eterna apoia-se o fetiche da mercadoria e do consumo eterno (Santos; Rodrigues, 2011, p. 2).

Conforme descrito acima, o material didático pode se encaminhar em três eixos, dando sua forma estrutural, que se organiza dando raciocínio e lógica para que seja usada. Além disso, fundamenta-se na pretensão pedagógica e objetividade, e não em algo aleatório sem fundamento. Ela é pensada como um material complementar e útil para professores e professoras utilizarem para trabalhar com as temáticas livres, sobretudo o conceito de juventude, tão raro nas abordagens dos livros didáticos.

Nesse sentido, esta cartilha, contendo a sequência didática, é pensada um produto pedagógico que traga consigo informações, conceitos, atividades e acessíveis que possam ser implantadas aos estudantes e que possibilite aos jovens a percepção de si, por meio do conteúdo proposto, ou seja, fazendo com que ele perceba-se dentro e/ou a partir daquele material e dos conceitos ali descritos. Dessa maneira, a tabela abaixo desenhará o arcabouço deste produto pedagógico:

Tabela 10 – Estrutura do material didático: sequência didática

	PERCURSO 01	PERCURSO 02	PERCURSO 03	PERCURSO 04	ANEXOS E PROJETOS
TEMA	Juventudes no plural? Ou seja, plurais que envolvem esse conceito.	Cultura, juventude e cultura juvenis.	Onde encontramos essas juventudes? Escola como espaço de encontro.	- Proposta de uma pesquisa de campo para desenvolver dentro ou fora do espaço escolar. - Proposta de um fórum de debate sobre o tema: juventudes.	Encontre-se dicas de material complementar.
EIXO TEMÁTICO	- Conceito de juventudes. - Documentos normatizadores ou legais. - Recorte histórico do conceito de juventude. - realidade juvenil nacional e regional.	- Conceito de cultura. - Juventude - Culturas juvenis.	- Pensamento sobre escola. - Juventude e escola. - Sociedade.	- Passo a passo da aplicação da pesquisa. - Passo a passo do fórum de debate.	- Música; vídeo; filmes, textos, livros, etc.
ATIVIDADE	- atividade de fixação e compreensão. - atividades lúdicas e dinâmicas.	- atividade de fixação e compreensão. - atividades lúdicas e dinâmicas.	- atividade de fixação e compreensão. - atividades lúdicas e dinâmicas.	- pesquisa. - fórum de debate.	-

Fonte: própria do autor.

Mediante a realidade da aplicação desse material didático, é preciso compreender a necessidade de tornar acessível para a rede de ensino, podendo, portanto, ser usual em qualquer Unidade de Ensino que possa ter interesse de utilizar. Dessa forma, é preciso também se portar da ideia de que a forma de apresentação e também os termos devem ser mais próximos da realidade dos jovens, além de um teor lúdico e dinâmico. Isso, é claro, deve estar presente desde da formatação, design e demais organizações.

Conforme demonstrado e analisado na tabela acima, pretendo dividir a cartilha em três momentos, denominados de percurso, para que dê o sentido de caminho a ser percorrido e que há uma sequência. Além disso, acrescido dos anexos com documentos complementares para subsidiar tanto o professor como os jovens estudantes ou qualquer pessoa que porventura venha utilizá-la.

O primeiro capítulo se debruçará na discussão teórica e conceitual sobre: juventudes, documentos, fatos e realidade sociais que consigam interpretar e levar os leitores a vislumbrarem sobre tais temas. Isso busca fazer um recorte histórico, espacial e conceitual para possibilitar a melhor compreensão. Feito por boxes, quadros, texto corrido, balões e espaços com autores, conceitos, leis e demais informações, dando finalização do percurso ao chegar na atividade. Nesse capítulo, buscarei condensar todos os conceitos necessários para subsídios dos debates em sala de aula e formação dos estudantes sobre o tema, trazendo descrições acadêmicas de estudiosos da área. Claro que tudo com uma linguagem para conhecimento escolar.

O segundo capítulo se debruçará sobre as questões pertinentes para as juventudes, cultura e cultura juvenis. Nesse sentido, a sequência se detém em explicar todas as temáticas recorridas acima e que façam relação direta com os conceitos do primeiro capítulo, o qual também se finda no momento da atividade proposta. Ademais, o terceiro capítulo se debruçará sobre questões relacionadas aos dois percursos anteriormente atrelados ao conceito de escola e juventudes que farão relação com a realidade nacional, regional e local dos estudantes. Isso, por sua vez, torna ainda mais possível à identificação e compreensão dos conceitos e temáticas abordadas para com a realidade mais próxima e possível dos estudantes, finalizando também por meio de atividade de fixação e dinâmicas lúdicas e interativas.

Com isso, o quarto percurso propõe uma oportunidade do/a professor/a realizar uma pesquisa de campo dentro do espaço escolar com o propósito de agregar os conceitos descritos com a realidade local e, por fim, realizar um fórum de debate sobre a temática proposta. Por fim, o anexo será destinado como um repositório de atividades e propostas para que subsidiem o uso da cartilha e/ou aumente as discussões, dando possibilidade de continuidade de forma ampla e contínua, sem ser possível o descarte, mas o uso habitual sempre que for necessário.

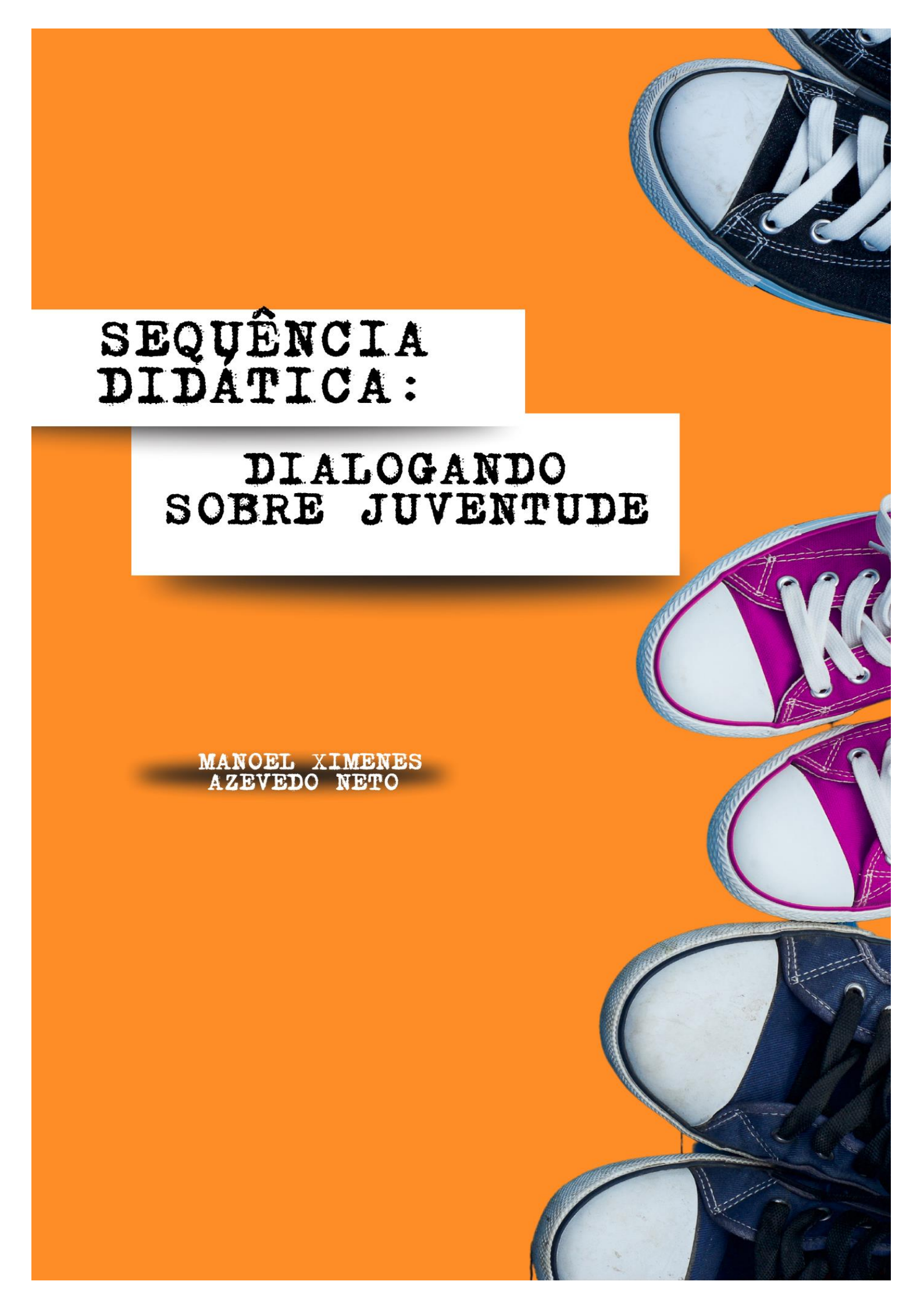
Além disso, é importante frisar que todo esse material tem respaldo nos documentos e parâmetros que norteiam o ensino básico por meio dos marcos legais: Constituição, BNCC, Lei do Novo Ensino Médio, PCNs, DCRC – Documento Curricular Referencial do Ceará. Além, é claro, de documentos pertinentes a área do ambiente acadêmico e também da realidade escolar.

A cartilha como produto dessa pesquisa contribui com a realidade educacional das nossas escolas, sobretudo da rede pública, o que legitima ou respalda toda a pesquisa construída para chegar a este resultado. A cartilha também pode se tornar muito útil para que os professores possam renovar sua possibilidade de reconhecer a importância da temática, além de tornar uma forma de reduzir as demandas escolares em decorrência de lacunas relacionadas a documentos que contemplem tais temas, assuntos ou conceitos.

Além da formulação desse documento, também é importante evidenciar que tal documento terá aplicação nas próprias escolas e outras para que seja reavaliada e dada a luz a sua exequibilidade na realidade da educação básica. Por fim, tal capítulo teve o interesse de justificar essa pesquisa por meio de dados e respaldo científico, como também a construção do desenho estrutural da cartilha, dando uma explicação a priori para o entendimento possível do documento e a validação, avaliação e compreensão do uso do produto e como este se procedeu no decorrer da realidade educacional.

6 PROPOSTA DA CARTILHA EM FORMATO DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA

**SEQUÊNCIA DIDÁTICA:
DIALOGANDO SOBRE JUVENTUDE.**



**SEQUÊNCIA
DIDÁTICA:**

**DIALOGANDO
SOBRE JUVENTUDE**

**MANOEL XIMENES
AZEVEDO NETO**

SUMÁRIO

<i>Apresentação.....</i>	01
<i>Primeiro Percurso.....</i>	03
<i>Colocando em prática.....</i>	08
<i>Segundo Percurso.....</i>	10
<i>Colocando em prática.....</i>	16
<i>Terceiro Percurso.....</i>	18
<i>Colocando em prática.....</i>	19
<i>Quarto percurso.....</i>	26
<i>Anexos:</i>	30
<i>Referências</i>	30

Apresentação

Olá, professor/professora, tudo bem? Como professor da educação básica, tenho dúvidas e anseios sobre inúmeros temas a serem abordados sobre a vida juvenil dos estudantes que ocupam a sala de aula. Diante disso, é com imensa alegria que apresento este material didático como fruto do trabalho de pesquisa realizado junto ao Programa de Pós-Graduação: Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional – Profsocio. Essa cartilha traz uma discussão didática sobre o conceito de juventude, cultura, espaço escolar e recorte sobre a juventude no Brasil com o propósito de permitir aos professores/as como também os/as estudantes uma discussão possível sobre o tema e abordagens didáticas junto ao espaço escolar.

Com isso, reconhecemos as lacunas que temos no âmbito educacional sobre as abordagens didáticas/escolares sobre juventude como conceito do campo científico, por exemplo a sociologia. Por isso, construí um material didático para que seja possível a inserção gradual desses temas nas escolas e se torne, portanto, conhecimento comum entre as instituições educacionais.

Diante disso, pensando nas variadas realidades educacionais que vivenciamos, proponho uma sequência didática pensada com o propósito de ser útil e fácil aplicação/utilidade. Esta produção é, portanto, um subsídio ao trabalho do/da professor/a em sala de aula, e servirá como complemento ou apoio para abordagens pedagógicas e didáticas sobre o tema: juventude.

Ressalto, a priori, que o material didático é flexível, dando ciência a você, professor ou professora, que deseja utilizar tal documento, assim, fica passível de adaptações e adequações para cada realidade educacional, seja no sentido do tempo de aplicação; complementação do material didático conceitual e/ou atividades. Ao refere-se em adaptação ou adequação, no sentido de modificar, alterar, inserir, complementar, reorganizar, estender ou reduzir os textos, ordem dos percursos, atividades propostas, ações, etc.

Tal ação contribui também para que sejam oportunizados momentos que realizem e promovam um debate em torno do tema. Assim, você encontrará uma sequência didática que pode contribuir com o desenvolvimento dos

conceitos de juventude, cultura, identidade e escola, tornando possível a discussão acerca do tema proposto.

O material está dividido em percursos, contendo temas específicos com atividades em sequência. Dessa forma, é organizado da seguinte maneira:

1º primeiro percurso: juventudes no plural;

Compreende a abordagem sobre o conceito de juventude na concepção sociológica por meio de textos subsidiados por marcos legais e científicos sobre o tema. Atribui-se uma atividade no final.

2º percurso: cultura, juventude e culturas juvenis;

Compreende a abordagem sobre o conceito de cultura, juventude e culturas juvenis na concepção sociológica e antropológica por meio de textos e atividade.

3º percurso: juventude e espaço escolar;

Compreende a abordagem sobre o conceito de juventude, escola e espaço escolar na concepção sociológica por meio de textos e atividade.

4º percurso: atividade proposta (pesquisa e fórum de debate).

Compreende a proposta de atividade de pesquisa que levante dados da escola com o propósito de reconhecer e conhecer o espaço e os grupos juvenis para promoção de um debate coletivo: fórum de debates.

Portanto, caros/as colegas professores/as e estudantes desejo uma excelente atuação e utilidade com o material, utilizem este material se apropriando das discussões propostas. Bom consumo!

Professor Manoel Ximenes Azevedo Neto

Formado em Ciências Sociais – UeVA

Mestrando em Sociologia pelo Curso de Pós-Graduação Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
- ProfSocio

Professor efetivo da Rede Estadual de Ensino do Ceará – SEDUC

Fortaleza/Ce

2024

SEQUÊNCIA DIDÁTICA: AULA 01, 02 e 03

Eixo: juventude	Componente curricular:	Sociologia, formação cidadã, NTPPS, cultura digital, projeto Integrador.
Orientações de utilização: 1ª aula: inicie a aula introduzindo o tema oralmente, após utilize o recurso didático (textos) para promover debate e contextualização. 2ª aula: utilize para resolução das atividades propostas. 3ª aula: utilize para socialização das atividades realizadas pelos/as estudantes.		

Primeiro percurso: Juventudes no plural, ou seja, que plurais envolve esse conceito?

Leia o texto abaixo e inicie um debate sobre o tema:

Texto 01: Juventude e pluralidades

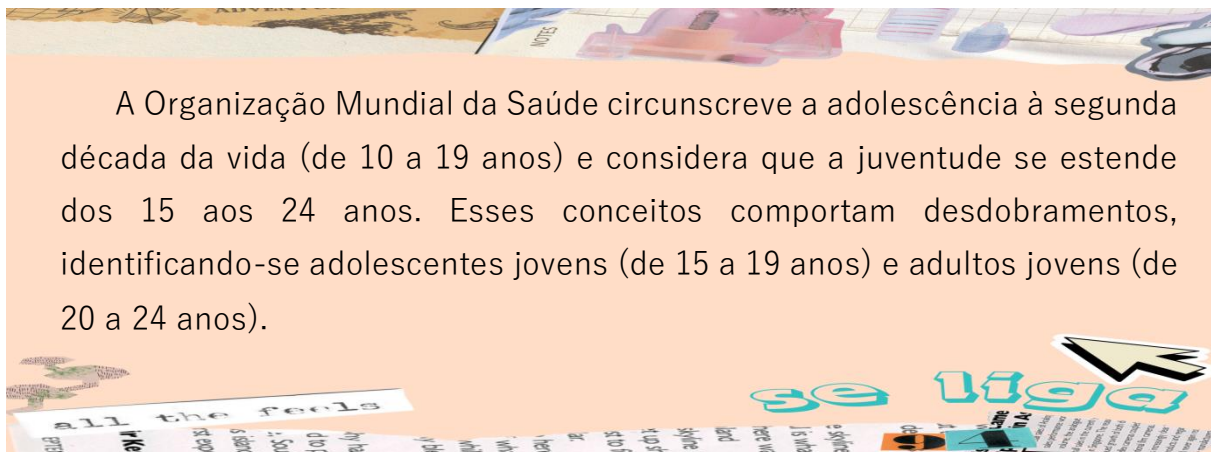
Você já parou para pensar sobre juventude? Ou mesmo sobre você? Pois bem, esse é o primeiro passo para quem deseja estudar ou conhecer mais sobre o que é juventude e tudo que percorre sobre esse grupo social.

Para avançar nesta temática, é preciso, primeiramente, conceituar a palavra juventude e seus significados, compreende-se que a mesma é ampla, variada e plural, sobretudo para as Ciências Sociais na contemporaneidade.

Nós, seres humanos, ao longo do tempo de nossas vidas, percebemos que somos uma grande transformação ambulante, nunca somos os mesmos, afinal, constantemente estamos em mudanças, tanto corporais – biológicas ligadas ao físico – como também nos pensamentos, ideais e estilos de vida, ou seja, somos muitas coisas, somos diversos. A juventude, por sua vez, está ligada também a essa ideia transitória, ela é percebida de várias de formas e por muitos, dependendo de algumas condicionantes.

Nesse caso, uma das condicionantes que estabelece o que seja juventude para nós é a faixa etária, este aspecto é utilizado como um parâmetro que compreende os grupos de pessoas por idade, o que pode contribuir para o entendimento de suas vidas como também ações que podem contribuir com elas. A Organização Mundial da Saúde e no documento Marco Legal das Políticas para Criança, Adolescente e Juventude do Ministério da

Saúde do Governo Federal a juventude utiliza-se deste aspecto, como descrito no balão a seguir:



Ou seja, para o Brasil, a juventude abarca pessoas que tenham idade de 15 anos a 24 anos, contudo, há outros documentos normativos (aquele que estabelece normas e regras) que compreendem não apenas até os 24 anos, mas até os 29 anos de idade, por exemplo, no Estatuto da Juventude (Lei 12.852/05 de agosto de 2013) se configura até essa idade de 29 anos. Portanto, é sempre importante ler e ficar atualizados em órgãos como: secretarias municipais e estaduais de juventude, educação, cultura, que podem formular ações para esse grupo e organizam os tais conforme sua realidade.

É importante salientar que a questão referente o marco etário (temporal) também se torna uma disputa política, ou seja, a discussão, os documentos norteadores, o recorte etário, tudo isso faz parte de movimentos ideológicos (políticos) sobre o que é juventude e quais pessoas pertencem este grupo social. Percebe-se que a juventude se torna mecanismo de disputa política em vários cenários, tanto por agentes (pessoas) como por agências (Instituições, órgãos, colegiados, etc) E aí, a partir disso? Você faz parte deste grupo?

Além do parâmetro etário, também é possível compreender esse grupo em outros recortes, como: biológico, cronológico e simbólico. Com a ajuda da Área de Ciências Sociais, como a Sociologia, muitos autores vem desenvolvendo pesquisas e estudos que versam sobre isso, um exemplo é o Professor Pesquisador da Universidade Federal do Ceará Irapuan Peixoto Lima Filho que descreve esses parâmetros: etário – idade conforme diretrizes de agências (exemplo: OMS); biológico – relacionado ao aspecto físico do

corpo; cronológico – relacionado a fase transitória do pensamento e do ser jovem; simbólico – simbolismo e rito de passagem entre as fases da vida humana. Nesse sentido, podemos compreender que juventude agrupa pontos que se relacionam e que dificilmente poderão ficar fixos ou rígidos, mas que, ao longo do tempo e da cultura, podem criar seus inúmeros significados.

Texto 02: Qual o retrato da juventude brasileira?

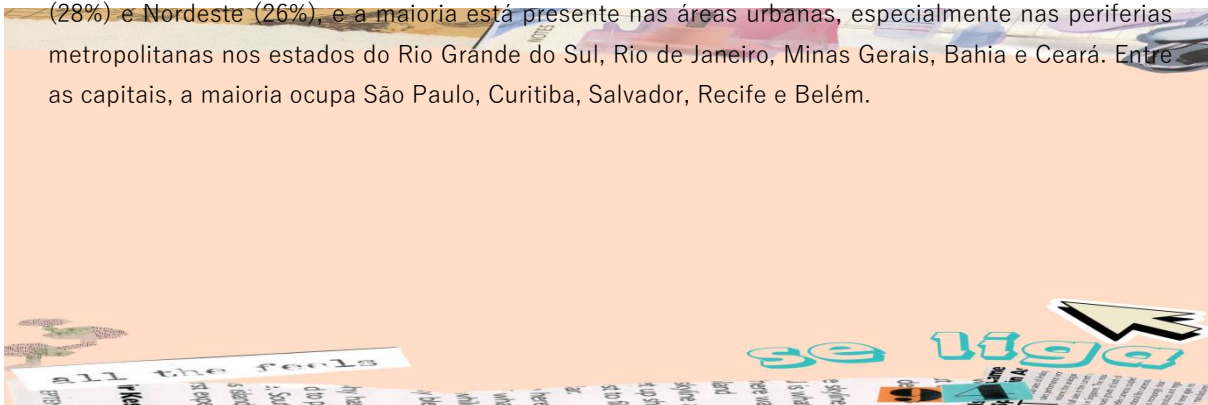
É muito importante pensar sobre juventude enquanto conceito, mas também é necessário visualizar esse grupo em nosso cotidiano, que tal fazermos isso agora? Vamos lá!

Segundo o último censo demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), temos um boom populacional e, nos últimos anos, temos no Brasil quase 50 milhões de jovens entre 15 a 29 anos, representando um quarto da população do país.

Esses dados mostram a representatividade que esse grupo tem em território nacional, ou seja, são inúmeros, diversos, múltiplos e cheios de jovens com olhares, perspectivas, sentimentos, realidades, origens, sexualidades, identidades de gênero, regiões e valores; realmente a juventude é um mundo diversificado, sem dúvidas, sua marca principal.

O site da revista eletrônica HSM management fez um recorte dos dados do IBGE e ilustrou toda essa diversidade. Observe no quadro abaixo:

A diversidade é a principal característica dos jovens brasileiros. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a juventude é composta por negros (61%), brancos (38%), amarelos (0,5%) e indígenas (0,4%). Entre homens e mulheres, há um equilíbrio: de 15 a 24 anos, a maioria é masculina; de 25 a 29, feminina. Entre as regiões do País, os jovens se concentram nas regiões Norte (28%) e Nordeste (26%), e a maioria está presente nas áreas urbanas, especialmente nas periferias metropolitanas nos estados do Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia e Ceará. Entre as capitais, a maioria ocupa São Paulo, Curitiba, Salvador, Recife e Belém.

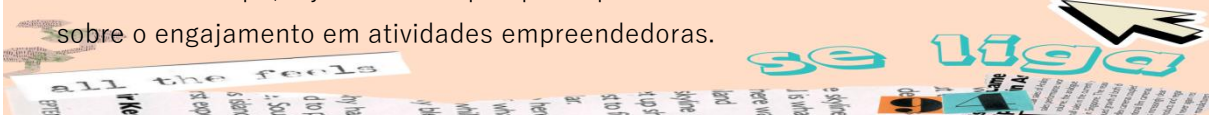


Podemos visualizar um pouco do quanto à juventude é ampla e está em todas as regiões do Brasil. Com base no quadro, podemos inferir que há uma diversidade étnica-racial, de gênero e de territorialidade desse grupo. Por isso, levanto à atenção a região, o Norte e Nordeste são as regiões que mais concentram essa população. Além desse recorte, há outros que também reforçam essa diversidade plural entre os jovens:



Estimativas de grupos do movimento LGBTQIA+ apontam que existem cerca de 20 milhões de jovens gays (10% da população), 12 milhões de lésbicas (6%) e 1 milhão de pessoas trans (0,5%).

Quanto à educação e colocação no mercado de trabalho, o Brasil ocupa o 11º lugar entre 30 países a respeito do potencial dos jovens de se adaptar às mudanças tecnológicas. Ao mesmo tempo, a juventude tupiniquim apresentou índice acima da média internacional sobre o engajamento em atividades empreendedoras.

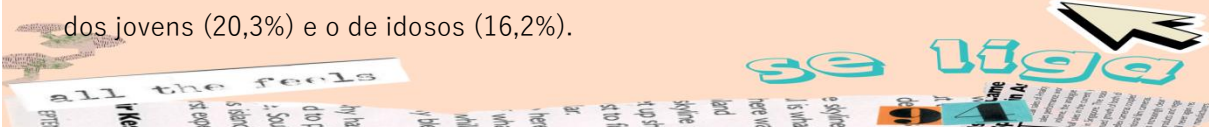


A juventude, além de ser um grande grupo nacional é também um grupo que contempla grupos diversos, inclusive, grupos que foram assolados pela sociedade historicamente e que, atualmente, buscam plena organização e visibilidade, como demonstrado no quadro à população LGBTQIAP+. Entretanto, diante disso, você também tem curiosidade em saber sobre a juventude do seu Estado ou Município?

Trazendo para a realidade do Ceará, o Estado tem 20,3% da população no grupo identificado como jovem. Veja o relatório do IPECE no quadro abaixo:



Outro ponto importante diz respeito ao comportamento da estrutura etária da população. Nesse aspecto, os grupos etários tradicionalmente avaliados são os jovens menores de 15 anos, os adultos ou população em idade ativa, 15 a 59 anos, e a população idosa com idade igual ou superior a 60 anos. Para todas as áreas geográficas analisadas, verifica-se que a maior parcela da população possuía idade entre 15 e 59 anos. No Ceará, este percentual correspondeu a 63,5% da população, vindo em seguida o grupo etário dos jovens (20,3%) e o de idosos (16,2%).



Quando fazemos a interpretação do quadro acima extraído da pesquisa feita pelo órgão público do Estado, percebemos que, dentre as 9,1 milhões de pessoas residentes, um quinto da população total são jovens, contudo, se lermos um pouco mais atento, podemos também interpretar que 63,5% são as pessoas ativas, do qual considera a idade de 15 até os 59 anos, ou seja, é perceptível pela informação que possivelmente temos a maior parte da população enquadrada no grupo da juventude.

Diante de tudo isso que conversamos nesse percurso, ficou curioso em saber mais? Fique ligado na atividade e no próximo percurso que você descobrirá!

Colocando em prática o que discutimos!

Exercite o que avaliamos e expresse sua opinião, seu entendimento e construa sua maneira de pensar/perceber a juventude com base no que foi discutido:

Diante da discussão acima, como podemos conceituar o termo juventude?

Quais os aspectos que norteiam a ideia sobre juventude segundo Irapuan Peixoto Lima Filho? Descreva-os.

Com a ajuda de sua/seu professora/o, pense elementos do seu cotidiano e de sua vivência que represente cada marcador estabelecido no texto relacionado à juventude? Depois socialize entre a turma e veja as várias maneiras de expressar sobre juventude.

Quais documentos norteiam legalmente o conceito de juventude, segundo o texto acima?

Atividade em grupo para casa: Como se manifesta a juventude no Brasil segundo o texto acima? Quais características você pode extrair desses dados que se tornam aspectos relevantes da juventude brasileira? Faça uma discussão sociológica e contextualizada sobre os fatores que podem estar atrelado aos dados.

Atividade em grupo para casa:

Diante das discussões que tal conhecermos o Estatuto da Juventude do Brasil? Pesquise com seu/sua professor/a o documento e faça um estudo analítico sobre os artigos e o que versam sobre a vida da juventude. Após apresente entre os colegas suas concepções.

Que tal se tornar um pesquisador? Você notou pela discussão do texto que há documentos que norteiam o conceito de juventude e os dão força legal (visibilidade). Diante disso, pesquise com seus colegas e levante informações e dados do seu município, como: Qual o número de pessoas de juventude presentes no seu Município? Onde estão ocupando os jovens? Quais territórios eles estão mais presentes? Que escolas contemplam essa faixa etária? Quantos jovens por gênero têm em sua escola? E por idade? E por cor/raça /etnia? Existe algum órgão municipal voltado para juventude? Existe alguma lei ou documento que contemple a juventude de seu município?

Ação de mobilização na escola!

Crie um grupo de podcast e realize momentos formativos sobre juventude com informações, curiosidades, leis e projetos que contemplem a juventude da sua escola como também em nível municipal, estadual e nacional. Use as redes sociais para publicidade destas ações. Não se esqueça de socializar todas essas informações na próxima aula com seus colegas e professores!

SEQUÊNCIA DIDÁTICA: AULA 04, 05 e 06

Eixo: juventude

Componente
curricular:

Sociologia, formação cidadã, NTPPS, cultura digital,
projeto Integrador.

Orientações de utilização:

4ª aula: Inicie a discussão realizando o memorando a aula anterior (percurso) dando sequência na discussão do texto 01 a seguir.

5ª aula: Continue a discussão com os estudantes por meio do texto 02 e 03, fazendo reflexões e contextualizações acerca do tema.

6ª aula: Utilize para realização e socialização das atividades propostas.

Segundo percurso: Cultura, juventude e culturas juvenis

Ao pensarmos sobre juventude, inúmeras ideias, sentimentos, alegria, diversão, força, ações, gestos, estilos, conflito e surgem em nossa mente ou soam nas lembranças. Sem dúvidas, juventude está relacionada ao que foi mencionado, mas também é dotada de sentidos que são entendidos a partir da cultura em que se vive e que somente assim se torna possível compreendê-los de fato, ou seja, a juventude é uma categoria social que está atrelada a ideia de cultura materializada pelos símbolos que saem da consciência coletiva.

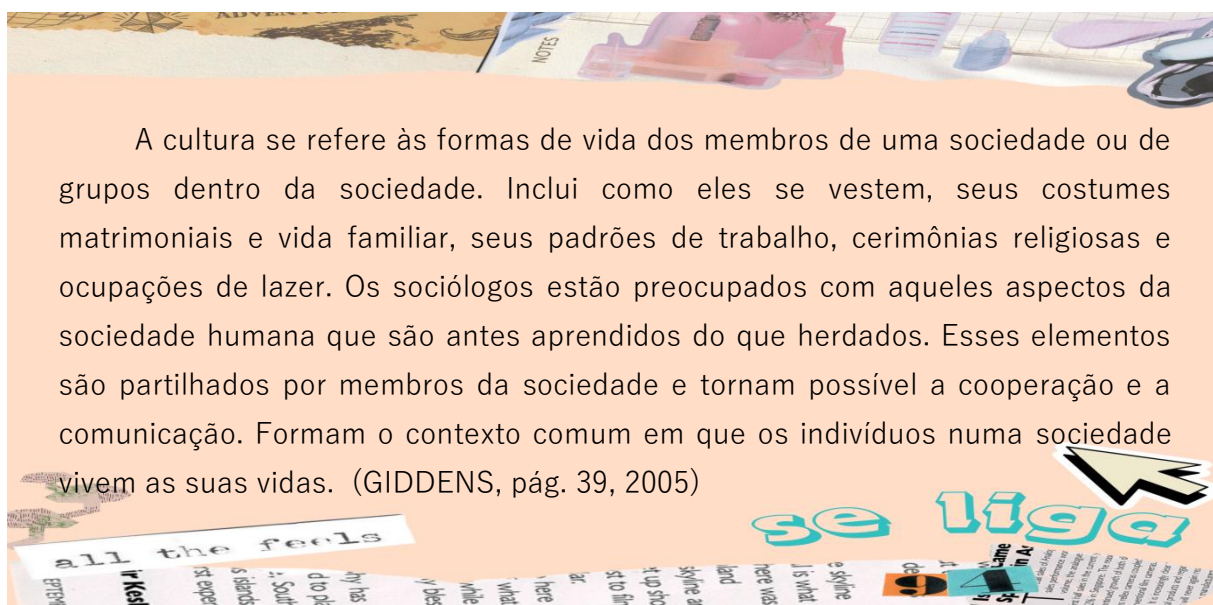
E afinal de contas, o que é cultura? Você já ouviu falar? Já conversou sobre isso? Quando você escuta essa palavra o que vem em sua cabeça? Que tal começarmos a pensar e discutir um pouco sobre isso nesse percurso? Vamos lá!

Texto 01: Cultura e sociedade

Quando pensamos em cultura, é comum que elevemos a mente várias palavras, sensações, sentimentos, ideias, objetos, símbolos, significados e valores que diariamente mantemos vivos em nós, por meio da reprodução ou da realização deles como combustível para nossa vida, ou seja, algo que dá sentido a nossa existência enquanto grupo social. Em todo momento estamos fazendo cultura ou materializando-a, pois quando conversamos, observamos, alimentamos, andamos, corremos, dançamos, vestimos, tudo isso corresponde à cultura que é um elemento central da nossa vida em coletividade.

Já pensou nisso tudo? E como isso acontece diariamente com você? Em todos os âmbitos da sua vida, você os faz em decorrência da cultura em que

você faz parte ou que é projetada em sua existência social. Isso está muito ligado também à ideia de territorialidade, espaço, região e grupos sociais que fazemos partes, tendo em vista que em todo lugar deste mundo existe infinitas formas de se comunicar, viver e conviver em sociedade.



O sociólogo Anthony Giddens traduz muito bem esse conceito tão importante para nós, seres humanos. Contudo, é preciso, abriremos um parêntese e conceituar também cultura como categoria de análise das Ciências Sociais e das Humanidades, sobretudo, da Sociologia. Observe, portanto, que cultura (GIDDENS; SUTTON, 2016 *apud* ROCHA, Ricardo, 2020, pág. 213) é: *“todos os elementos do modo de vida de uma sociedade que podem ser aprendidos, como idioma, valores, regras sociais, crenças, hábitos e leis”*. Portanto, pensar em cultura é compreender que cotidianamente a fazemos por meio da sociabilidade constituída entre as pessoas das quais constroem elementos simbólicos que constituem, portanto, nossa cultura e suas características.

Além de Anthony Giddens, o antropólogo norte-americano Franz Boas (1858-1942) também elaborou uma concepção sobre o tema, em sua concepção, não há como pensar em cultura sem atentar-se nas particularidades, ou seja, em seus contextos particulares (*apud* COSTA, 2020, pág. 87).

Observe as imagens abaixo e reflita com a turma, somos todos iguais ou somos iguais em nossas diferenças?

Imagem 01:¹



Imagem 02:²



Percebemos, a partir das duas imagens, que o Planeta Terra e seus continentes são cheios de diversas formas de viver e conviver. Quando

¹ Imagem extraída da página eletrônica (virtual) Brasil Escola UOL

² Imagem extraída da página eletrônica (virtual) Mundo Educação UOL

2. Estilos de vida:

Atrelado às experiências estão os estilos de vida que associado a cultura às maneiras que cada individuo ou grupo se manifesta em seu cotidiano. Essas manifestações traçadas por simbolos e signos (formas) constroem perfis identitários por meio da expressão visual, artística, musical e ideológica dos grupos em sociedade dando sentido a vida. Exemplo: modo de viver com a natureza (naturalistas), modos de viver agitados aos grandes centros urbanos e tecnológicos, modo de vida religioso, etc.

3. Corpo:

Junto da experiência e dos estilos de vida, o corpo se torna o mecanismo pelo qual essas ideias se eclodem de forma palpável, ou seja, completamente materializada, como se os sentidos e os estilos (vontades) pudessem ser tocadas, e não só imaginadas. Vale ressaltar que ao se referir sobre corpo se compreende: fala, discurso, gestos, etc. Tudo isso dão aos corpos protocolos a serem seguidos que tipificam ou relacionam aos diversos grupos sociais, como os grupos juvenis. Exemplos: corpo em padrões estéticos, tatuagem, formatos e cores de cabelos, roupas, exibição do corpo, sexualidade, sexo, etc.

Juntando esses aspectos, podemos traçar uma relação mais próxima sobre juventude e culturas juvenis. Entretanto, não podemos esquecer de que tal junção só é possível quando a sociabilidade, fator primordial para a formulação das culturas juvenis, se une como mecanismo de interação social elementar para a existência da vida humana em sociedade por meio dessa ação: trocam símbolos, ideias, valores, gestos e formulas comunicativas. Isso é introduzido no imaginário e constituem as mais variadas formas de se expressar em sociedade, buscando, mesmo que de forma geral, unir todos os âmbitos da vida em sociedade.

(Música da artista Negra Li, disponível em: <https://www.letras.mus.br/negra-li/830287/> Acesso em: 14.MAR.24)



Disponível: https://pt.wikipedia.org/wiki/Negra_Li.
Acesso em: 10. JUN. 24



Colocando em prática o que discutimos!

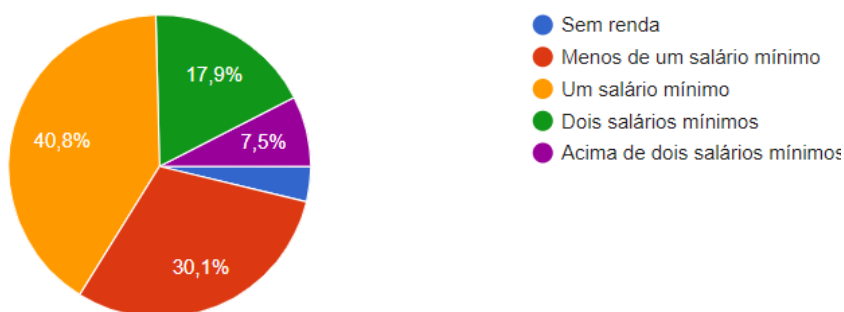
Exercite o que avaliamos e expresse sua opinião, seu entendimento e construa sua maneira de pensar/perceber a juventude:

Qual a relação do conceito de cultura com o conceito de juventude?

Quais aspectos são descritos no texto que se relaciona com as culturas juvenis?

Leia o fragmento abaixo extraído da pesquisa que subsidiou este material didático, na qual discorre sobre renda e juventude.

Gráfico 6: Renda familiar dos estudantes



Fonte: próprio autor

“Um número muito baixo concentra a maior renda (dois ou mais salários mínimos), nesse sentindo, a primeira reflexão acerca dessa imagem representativa é compreender as duas escolas como espaços de ocupação da classe econômica com menos rendimentos (capital) e a própria classe trabalhadora que convive diariamente com os contextos do sistema trabalhista. Atrelado a essa reflexão, também se pode extrair a relação de vivência e subsistência destes grupos no seu cotidiano de vida, na qual muitos podem reconhecer na escola sua permanência tanto pelo interesse da mudança da realidade e seu contexto, como também da sua possibilidade de ter um espaço que acolhe com alimentação e ambiente, além disso, ainda mesmo que mínimo, a presença de um grupo sem renda.” (pág. 69-70)

Como você percebe o acesso a cultura por meio de produtos, serviços e consumo por parte da juventude? Há democratização da cultura e seu consumo?

Como a indústria cultural interfere na construção das identidades juvenis?

Usando do que foi proposto na discussão do percurso, que tal realizar em sala o mural da diversidade? Elabore com apoio do/a professor/a um painel no qual você irá expor sua cultura juvenil de acordo com os aspectos estabelecidos no texto:

Observação: produza um mural que possa ser exposto em sala de aula; utilize imagens, recortes, formas, cores para ilustrar sua fala.

Objetivo desta atividade: levar os estudantes compreenderem a juventude, cultura e as culturas juvenis expressas no cotidiano, sobretudo, no espaço escolar. Exemplo da aluna Joquina:

Vivências	Estilos de vida	Corpo(mente)
Que vivências do meu cotidiano mais me identifico? Quais influências? De onde? Quem? Eu, Joquina, gosto de viver em casa e próximo da natureza. Trago isso dos meus pais.	Como é meu estilo de vida? Exemplo da aluna Joquina: Gosto do meu estilo mais natural, ligada a natureza, viver em contato com animais, escutar mais MPB e Reggae, etc.	De que maneira expresso meu estilo por meio do meu corpo/mente/fala? Gosto de me vestir com blusas que sejam produzidas de forma sustentável, reciclo minhas roupas, uso colares artesanais de pedras e resquícios da natureza e também escuto músicas que emitem ideias sobre valorização da natureza.

Com apoio e supervisão do professor, crie uma página virtual nas redes sociais, blog ou site para que seja publicado ações sobre juventude na escola, culturas juvenis, grupos existentes no ambiente escolar e demais atividades.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA: AULA 07, 08 e 09

Eixo: juventude

Componente curricular:

Sociologia, formação cidadã, NTPPS, cultura digital, projeto Integrador.

Orientações de utilização:

7ª aula: Inicie a discussão realizando o memorando a aula anterior (percurso), dando sequência na discussão do texto 01 a seguir.

8ª aula: Continue a discussão com os estudantes por meio do texto 02, fazendo reflexões e contextualizações acerca do tema.

9ª aula: Utilize para realização e socialização das atividades propostas.

Terceiro percurso: Onde encontramos essas juventudes? A escola como espaço de encontro.

A escola é uma instituição social remota, sempre presente na vida em sociedade e que constrói a identidade social, cultural, filosófica e coletiva de uma determinada sociedade ou grupo. Diante disso, a escola, como espaço de construção social e ligação entre as interfaces da família e sociedade, faz com que facilite e estreite um laço tênue que eleva os indivíduos a se apropriarem do equipamento, pertencimento da identidade, reconhecimento e mapeamento. Isso é um potencial na região e o uso efetivo dos serviços para uma harmonização e transformação da realidade social, econômica, cultural, política e educacional da comunidade.

Essa interação em que a escola proporciona entre os jovens, família e a própria sociedade também permite que as desigualdades sociais possam se perpetuar neste ambiente, sendo promovida pelos jovens com jovens e instituição para com jovens, como traz Debora Piotto (2009) citando Bourdieu (1998): elaborado na década de 1960, esse conceito impôs-se como uma forma de explicar as diferenças de rendimento escolar obtido por crianças de classes sociais distintas, em consonância, opor-se às explicações provenientes da teoria do capital humano e da crença na existência de "aptidões".

Pensando nisso, a escola também atua como um espaço de encontros, afinal, inúmeros jovens ocupam o ambiente escolar dando também sua oportunidade contribuição para construção da identidade do local. Nesse sentido, podemos pensar a escola como um ambiente cheio de ideias, ideologias, formas, costumes, argumentos e práticas culturais que se encontram no espaço de forma representada pela atuação de cada jovem (estudante). Para colaborar na contextualização deste espaço e sua relação

com a juventude, apresento quatro elementos presentes no cotidiano escolar e que se atrelam a discussão levantada:

1. Ambiente: o ambiente escolar proporciona aos jovens uma ocupação de forma personalizada, ou seja, conforme a construção cultural de cada grupo, mesmo que encontrem contraponto em relação as regras e condutas. Desta forma, a escola torna-se um exemplo semelhante da sociedade complexa, afinal, há sujeito social, espaço e regras de conduta, organização e conflito no ambiente escolar.

2. Grupos sociais: no ambiente das escolas existem inúmeros grupos, esses podem ser fortes e perceptíveis como também invisibilizados, ou seja, dentro da escola há disputas por ocupação e legitimação de suas vivências (ideologias) trazidas do mundo social externo, por exemplo, grupos religiosos, de dança etc.

3. Conflito: para que cada grupo possa existir ou coexistir no ambiente escolar é preciso que se estabeleça uma disputa por prevalência, esse processo, por sua vez, torna-se um movimento conflituoso – no sentido simbólico e figurativo – o qual esses grupos irão, por meio das suas performances e expressões, estabelecer relação de poder e domínio.

4. Performance: os jovens que compõe o espaço escolar trazem consigo ideologias, costumes, símbolos, signos, ideias e práticas de movimentos, instituições e grupos externos a escola. Nesse caso, a performance é a maneira pela qual esses grupos expressam e se comunicam entre si. Essa comunicação estabelece fatores, formas, gestos, ações, práticas, modelos únicos e variados que estão relacionados intimamente com as identidades coletivas de cada grupo, esse elemento torna-se essencial para a juventude e suas culturas, pois legitimam suas existências na escola e no seu espaço. Isso acontece no momento em que tais grupos juvenis consolidam ações e práticas simbólicas que materializam suas ideias e ideologias por meio de ações expressivas no cotidiano, por exemplo: gírias, maneiras de sentar e falar, vestimentas, expressões artísticas e a forma pela qual se organizam.

Além disso, a escola, sobretudo a de ensino médio, torna-se o espaço de manifestação de sentimentos, sentidos e ações, como também pode reforçar

maneiras de imposição ou regulação da vida juvenil. São duas linhas tênues que se tornam extremamente delicadas para as juventudes que ocupam esse espaço.

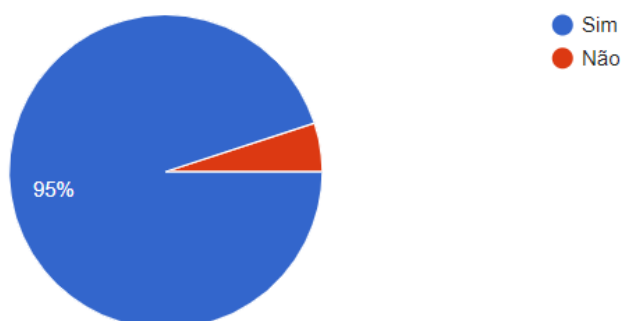
Um dos dilemas da juventude no espaço escolar é a construção do seu futuro. A sociedade, a família, a própria escola e você jovem estão cheios de questionamentos, tensões, pensamentos e incertezas sobre o futuro que vos espera. A ideia de futuro vem atrelada a imaginação do que fazer (profissão) que, por muitas vezes, torna-se algo angustiante para os jovens, mas também se torna oportunidade de se descobrir, repensar e projetar suas expectativas para a vida em sociedade fora dos muros da escola.

Por fim, escola atrela-se ao plural, múltipla, cheia, várias pessoas, pensamentos, ideias e sujeitos com as quais essa escola se torna viva no seu cotidiano e esses atores (juventudes) conseguem se expressarem e codificarem seus sentidos de vida.

Texto 02: Escola e representação

O texto a seguir foi extraído da pesquisa que culminou neste material didático, na qual, foi retirado do capítulo sobre reflexões: escola e juventudes, páginas: 69 a 75. Leia a seguir:

Gráfico 10: Motivação das escolas para com os alunos



Fonte: próprio autor

Além disso, é importante pensar sobre outro lado da moeda: será que estes jovens querem caminhar por este percurso do Ensino Superior? Será que há outras maneiras

deles construir seus caminhos? Será que esse ideal é construído com eles ou para eles? Eles são escutados em sua individualidade? E para a porcentagem que respondeu sinalizando que não são incentivados: será que essas escolas elaboram estratégias de escuta para estes estudantes? Que movimento de reconhecimento tais Unidades de Ensino percorre para que esses jovens percebam ou visualizem suas vidas após o Ensino Médio?

Sobre isso, outra pergunta foi: o que lhe motiva permanecer e frequentar a escola? As respostas, quase unanimidade, foram: “em busca de futuro”, o termo “futuro” apareceu 95% das respostas. Com isso, levanto a priori alguns pensamentos: será que a escola é o espaço de projeto da vida humana? Essa projeção é construída dentro da escola? Ou somente lá? Será que esses jovens trazem suas ideias para além dos muros escolares? Que grupos podem contribuir para esse imaginário do futuro? O termo futuro é enquadrado em que perspectiva?

Diante disso, podemos afirmar que a escola é sim um espaço de construção do imaginário que percorre o futuro, ela se torna quase um espaço mágico ou portal, fazendo uma analogia para que esses possam pensar antes e depois de um rito de passagem, termo antropológico, essa condicionante ao perceber e escutar os jovens demonstram sensações de tranquilidade como também de apreensão, ou seja, a situação real de pensar o futuro coloca esses jovens em constante realidade de tensão.

Isso é abordado nessa resposta: “Um obstáculo entre o sucesso e a morte” em que precisam corresponder a um ideal que não seja, propriamente falando, deles de imediato. É também uma consequência e fruto da sociedade complexas que estes estão inseridos. Ademais, o capitalismo atual, tão maquiavélico que introjeta no imaginário social os conceitos de felicidade e de realização levam cada vez mais estes jovens, sujeitos sociais em construção, a caminhos de condicionamento da vida em decorrência do que se espera deles por parte da sociedade, mas que não há o movimento contrário: escutar deles o que eles pensam sobre a sociedade.

Além disso, de que será que as escolas fortalecem esses atos de imposição do futuro pautados no ideal capitalista das sociedades atuais? Ou seja, será que esses modelos pautados nos exames externos e no que as instituições e agências normativas do sistema de educação preveem para a sociedade não coloca esses jovens nas condicionalidades de desigualdade estruturais que a sociedade em si já irá colocá-los? Ou que já estão inseridos? Será que essas escolas comprem os discursos meritocráticos que

acentuam disputas e fortificam os sistemas de desigualdade social ao invés de propor pensamentos ou uma formação consciente dos seus grupos de pertencimento, classe sociais, culturais e étnicos para que eles possam se reconhecerem na sociedade e ocuparem de forma mais efetiva seus espaços?

A escola como rito de passagem dar ao indivíduo uma situação assustadora no que compete a brusca mudança de vida, pensando nisso, será que esses estão estruturados emocionalmente ou psicologicamente para que lidem com os desafios, demandas, cobranças e ideias da vida adulta em tão pouco tempo? E, em contrapartida, será que as escolas os formam na condição de mero agentes sem voz? Vulneráveis que não constituem diálogos de com fazer social no cotidiano da sociedade? Atrelado a isso as respostas que não estavam no prisma do “futuro”, dentre elas, falas que demonstram sentimentos de exaustão, medo ou falta de consciência do que ser e fazer, por exemplo, na resposta a seguir: *“nem sei, nada mais me faz sentido”* ou *“Só eu mesmo e Deus, só é eu mesmo.”*

Paralelo a essas reflexões, outro caminho pode ser traçado para pensar na escola e na juventude, esse caminho traz outro tipo de característica do espaço escolar, esse agora como espaço de acolhimento. Dentre os 5% que não responderam *futuro* houveram a presença da escola como espaço de: *acolhimento, espaço de proteção, minha segunda casa, terceira casa, um canto onde posso ser uma pessoa boa na vida, um lugar onde eu posso ter a liberdade de conhecer, o lar mais seguro*. Todas essas respostas demonstra uma outra faceta da realidade, essa, por sua vez, não ligada ao sistema educação, mas ao espaço que a escola se torna e se constrói, segundo eles, um espaço de proteção, na qual eles se sentem bem ou convidados a terem segurança.

Essas falas, criam uma possibilidade de perceber a escola para além das falas do senso comum ou que se tornaram banalizadas *“escola é a segunda família”* que ao longo do tempo se perdeu o sentido sendo ressignificado e também usurpado para a sua real função, ou seja, nos últimos anos a escola passou de local para conhecimento para atuar efetivamente na ausência da responsabilização ou atuação familiar, sendo por inúmeras vezes, o ambiente não apenas de perfil acolhedor como da família, mas também de condicionador ou que encaminha para o encontro dos valores sociais dos quais o indivíduo se alimenta durante toda sua vida.

Ao voltar a observação sobre os dados relacionados ao questionamento sobre como as famílias veem a escola, 100% das respostas tem como palavra chave “segurança e acreditam na escola”. Conforme descrito nesta resposta: Meus pais acham a escola um

ótimo lugar como uma segunda casa , visualiza-se, portanto, que as famílias tem a escola como um espaço de significado e que representam também a ideação social da sociedade para escola.

Essas variantes, para mim, torna-se algo perigoso, tendo em vista que possa ocorrer o colapso dos papéis e funções sociais das instituições família e escola para a sociedade. E, assim, a escola possa ter e ser ainda mais alvo dos diversos grupos sociais que disputam o indivíduo como “coisa” para fundamentação e materialização dos seus ideais, minando cada vez mais a atuação das unidades de ensino. Isso gera, por si só, problemas de ordem até legal, na qual se alimenta de um maior distanciamento entre o que é a escola, o conceito, a gênese, o estabelecido pelas leis e o que é imaginário social, fica em meio às crises ou disputas de como construí-la sem que a escola possa se fazer.

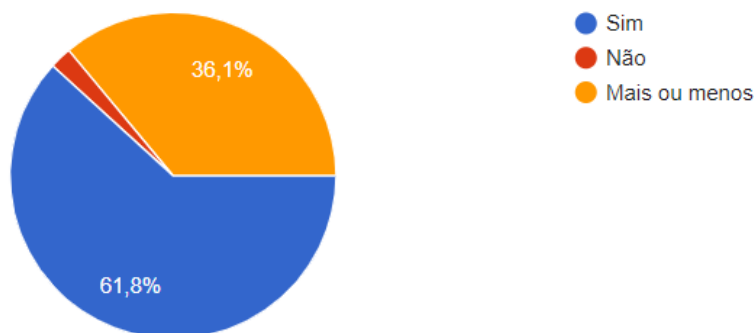
Os dados a seguir contribuem para a discussão feita, mas também abre outro leque de investigação: 36%, ou seja, 1/3 dos estudantes responderam que a escola é mais ou mesmo um espaço seguro. Nesse sentido, podemos pensar também a escola como modelo de reprodução das desigualdades e fortalecimento das práticas de violência simbólica geradas no seio da sociedade moderna.

Com isso, algumas delas é possível serem levantadas: será que as estruturas físicas das escolas contribuem para que essa ideia de insegurança se instaure? Será que também está ligada aos últimos acontecimentos no Brasil em decorrência dos atentados as escolas? Será que essas escolas reproduzem argumentos que reafirmem desigualdades entre as categorias de raça, gênero e classe social? O fardamento é como ação de identificação ou modelo de coerção das performances e culturas juvenis? Quais são os padrões de estudantes que são construídos no ambiente do cotidiano escolar? Esses questionamentos são relevantes e substanciais para que possamos pensar sobre essa variante e o que nela suscita de pensamento e questionamento sobre a escola e a relação das juventudes na ocupação e vivência destes espaços.

Gráfico 11: A escola como um espaço seguro para os alunos

Você considera a escola um ambiente seguro?

319 respostas



Fonte: próprio autor

O discurso romantizado da escola como segunda família inviabiliza o olhar sobre esse dado, na qual esses grupos de jovens podem estar atrelados a não adequação nessas unidades. Ao me referir nesse sentido, não coloco como algo limitador, pois penso que as várias formas de exclusão, marginalização das culturas juvenis que eles trazem de seus bairros, famílias, grupos, movimentos podem contribuir para que essa imagem da escola seja mantida ou instaurada. Ao pensar sobre essa segurança do espaço escolar, isso não reduz apenas a luz da segurança nos conceitos de criminalidade ou não, mas de todo os parâmetros simbólicos que coincidem para formulação dessa imagem de segurança, de sensação de acolhimento e bem estar no ambiente escolar. Essa percepção precisa também ser palco de atenção por parte do pesquisador, sobretudo do professor pesquisador.

Colocando em prática o que discutimos!

Momento de discussão e reflexão coletiva sobre a temática do percurso.

1. Afinal, o que a escola representa para você?
2. Diante do texto e das discussões, quais elementos justificam a ideia de que a escola é o lugar propício em que os jovens se reconhecem ou expressam-se?
3. Você considera a escola um espaço regulador? E quais elementos podem contribuir para que a escola tenha um perfil de reguladora da vida juvenil?
4. Você já se imaginou após a conclusão do ensino médio?
5. Qual futuro você quer para você? Que ideal ronda sua imaginação?

6. Como você percebe a escola em ações voltadas para o incentivo aos seus sonhos e objetivos?
7. Como você percebe o ambiente escolar do qual faz parte?
8. A escola consegue dialogar com a identidade dos grupos juvenis locais? Como isso se estabelece?
9. Após todas essas reflexões, construa com seus colegas e professor o quadro: campo: real – campo: ideal. Neste quadro, coloquem as características reais da sua escola no campo REAL e o que vocês desejam para uma escola no campo ideal. Após construam um debate sobre o tema e a produção, podendo, perceber todas as nuances que percorrem esse mundo chamado: escola.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA: AULA 10

Eixo: juventude

Componente curricular:

Sociologia, formação cidadã, NTPPS, cultura digital, Projeto Integrador.

Orientações de utilização:

10ª aula: Desenvolva a atividade proposta adaptando-a para sua realidade e após socialize utilizando-se das dicas e orientações descrita abaixo.

Quarto percurso: colocando em ação o que discutimos. O momento de ocupar é agora!

Nesse tópico, pensaremos na prática como os grupos jovens se manifestam no ambiente escolar, com isso, podendo perceber de forma mais acirrada toda escola para além do que cotidianamente é perceptível.

A naturalização das coisas ao nosso redor, infelizmente, nos impede de perceber inúmeras facetas da sociedade que está diretamente ligada e condicionada aos nossos atos sociais. Nesse sentido, desnaturalizar é uma maneira possível para que possamos nos repensar enquanto agentes sociais que sofrem, constroem e moldam práticas, normas, condutas e protocolos sociais.

Sua vez de colocar em prática tudo que pensamos, agora você irá caminhar pelo ambiente escolar de uma forma mais aguçada para tudo que ocorre. Você está pronto? Vamos então! Siga o passo a passo para realizar a atividade proposta.

Agora você realizará uma pesquisa de campo, com ela você poderá relacionar todos os conceitos discutidos teoricamente nesta cartilha e criar uma observação/análise sobre os resultados da pesquisa. Percebendo, portanto, a relação que possa acontecer entre conceito e prática (vivência). Vamos lá?

Instrumental da pesquisa
Nome da Instituição que você aplicará essa pesquisa?
Qual série você vai aplicar a pesquisa?
Quantas turmas envolve sua pesquisa?
Quantos jovens serão contemplados pela sua pesquisa?

Por qual motivo você escolheu essa série ou essas turmas?	
Quantas pessoas se reconhecem:	
Gênero masculino _____	Gênero feminino _____
Gênero fluido _____	Não binário _____
Outros _____	Não responderam _____
Qual a faixa etária:	
10 a 12: _____	13 a 15: _____
16 a 17: _____	Acima de 18 anos: _____
Qual gênero musical de preferência:	
Forró: _____	Gospel: _____
Rock: _____	MPB: _____
Pop: _____	Sertanejo: _____
Pagode/samba: _____	Outros: _____
Quais religiões se reconhecem:	
Cristão católica: _____	Cristão protestante: _____
Matrizes africana: _____	Espirita: _____
Outros: _____	
Identifique um grupo de jovens e realize as seguintes observações:	
Como eles se reconhecem?	
Que práticas são comuns entre eles?	
Existe algum tipo de símbolo, prática ou expressão própria do grupo?	
Há rotatividade de entrada e saída de membros neste grupo? Como isso acontece?	

Em que locais este grupo geralmente fica? E por qual motivo?
Qual é o sentido que eles dão a escola?
Como seria uma escola ideal para eles?
Como os jovens veem os professores, gestão e demais profissionais?
A performance deles tem alguma relação com um grupo, instituição ou movimento fora da escola?
Agora, elabore um relatório consolidando todas as suas perguntas anteriores e apresente para fins de socialização de saberes e de sua experiência. Observação: Foi difícil a realização desta pesquisa? Que dificuldades você teve? Quais pontos você achou mais relevante na pesquisa? Apresente esse relatório no Fórum: Debates juvenis no espaço escolar. O nome do Fórum é uma sugestão, ficando a critério do grupo formulador e executor do movimento.
Dicas para realização o Fórum: Debates juvenis no espaço escolar. - Esse momento será a oportunidade de sua turma expor todas as aprendizagens suscitadas por essa sequência didática. Neste fórum, você poderá expor as experiências de sala de aula, as discussões, o perfil dos grupos juvenis da sua escola, dados, notícias, projeto de vida, profissões, resultado da pesquisa, ações, demandas e tudo que possa ser de interessante para a discussão sobre juventude e escola. - Converse com professores e gestão escolar; - Proponha o momento; - O evento poderá ser realizado em sala ou em outros ambientes; - Agregue pessoas, movimentos e instituições ao evento; - Use as múltiplas linguagens de comunicação, como: exibição de vídeos, filmes, curtas, músicas, danças e demais atividades artísticas.

- Convide pessoas para agregar sobre o tema, como: jovens, técnicos, formadores, pesquisadores, professores, projetos sociais, instituições, etc.
- Apresente o Estatuto da Juventude;
- Proposto do Fórum: socializar os saberes, experiências e vivências juvenis na escola e na comunidade, elaborar projetos, apresentar e levantar demandas e ações que possam ser adotadas pela escola, pela prefeitura, pelo Estado e pela sociedade para com a juventude.

Dicas de músicas, vídeos, filmes e livros para trabalhar em sala de aula.

Vídeos	“Os jovens e saúde mental” disponível no Youtube.
Filmes	“Nunca me sonharam” disponível no Youtube.
Músicas	“Não é sério” Charlie Brown Jr (part. Negra Li).
Livros	“Culturas jovens: novos mapas do afeto.” Maria Isabel Mendes de Almeida e Fernanda Eugenio.

Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. Escritos de educação: Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani (organizadores); 16 ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2015.
BRUNETTA, Antonio Alberto. BODART, Cristiano das Neves. CIGALES, Marcelo Pinheiro. DICIONÁRIO DO ENSINO DE SOCIOLOGIA. 1 ed. Maceió. Café com Sociologia. 2020.

GIDDENS, Anthony. Sociologia. Ed.4. Porto Alegre. 2005

GOVERNO DO CEARÁ. IPECE. Disponível em: <https://www.ceara.gov.br/2021/01/29/pesquisa-revela-que-dos-91-milhoes-de-habitantes-no-ceara-774-estao-em-areas-urbanas-e-635-da-populacao-tem-idade-ativa/>. 15.FEV.24

IBGE. Estatísticas do Censo 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 15.FEV.24

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Marco legal: saúde, um direito de adolescentes. Governo Federal. 2007. Ed. 1. Brasília. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/07_0400_M.pdf. Acesso em: 08.FEV.24

SECRETARIA DE JUVENTUDE. Estatuto da Juventude. Ed.1. Brasília. 2013.

UOL. Brasil Escola: cultura. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/cultura>. Acesso em: 29.FEV.24

UOL. Site Mundo da educação: diversidade cultural. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/diversidade-cultural-no-brasil.htm>. Acesso em: 08.FEV.24

7 ANÁLISE E REFLEXÃO SOBRE A APLICAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO

Diante da formulação do material didático, realizado no capítulo anterior, destino este capítulo para a discussão sobre a aplicação do material com os/as estudantes do Ensino Médio, com o intuito de avaliar a aplicabilidade, usabilidade e exequibilidade do mesmo no cotidiano escolar por professores/as da rede de ensino, como também o sentido do material para os/as estudantes e os/as professores/as. Em decorrência do tempo (aplicação e retorno), o material didático foi aplicado na Instituição de Ensino em Tempo Integral Maria Celeste de Azevedo Porto com as três seriações (1ª, 2ª e 3ª série).

Antes de iniciar uma discussão analítica da aplicação, quero explicar quem são esses profissionais e quais componentes curriculares serão usados para essa aplicação. Não optei para aplicação se dá no componente curricular de sociologia, em decorrência de que eu sou o professor regente desta disciplina, sendo, eticamente, impossível aplicar. Contudo, como foi descrito no início dessa pesquisa, sempre almejei a parceria e aplicação nos componentes curriculares; como também proposto no próprio material de Estudo Orientado, Formação cidadã, NTPPS e Projeto integrador, sendo modalidades do itinerário formativo diversificado da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) destinado às escolas de Tempo Integral, como também o Documento Curricular Referencial do Ceará (DCRC).

O interesse a estes componentes se dá, estrategicamente, pela possibilidade de formulação do conteúdo programático ser flexível e dinâmico, ou seja, tais componentes têm diretrizes gerais amplas, o que possibilita uma maior inserção de conteúdos do contexto social e cultural para serem abordados e transformados para o saber escolar. Dessa forma, com base nas devolutivas, fundamenta-se o material como um recurso plural, o qual pode ser aplicado não só pelo componente de sociologia, mas adequado para usá-lo como recursos didáticos em outros tantos componentes curriculares.

Além disso, é importante também explicar o que são esses componentes curriculares: NTPPS é o Núcleo de Trabalho, Pesquisa e Práticas Sociais que se configura em uma disciplina voltada para inserção ao trabalho científico e ao modelo de produção das universidades, como também o eixo da profissionalização, em que os estudantes podem conversar sobre o projeto de vida futuro; nesse componente, há utilização das competências socioemocionais. O Estudo Orientado é um componente curricular pensado para que ocorra um incentivo maior aos estudantes para construção de uma cultura de estudo autônoma, ou seja, eles devem utilizar e aproveitar com maior intenção os conhecimentos adquiridos e agregar conhecimentos que não são possíveis serem abordados no contexto escolar, como uma ação de aprofundamento.

Já o projeto integrador tem o intuito de discutir questões da contemporaneidade dos jovens, na quais são contextos sociais que transformados em saber escolar torna um meio de pensar sobre o convívio em sociedade e, por fim, a formação para cidadania e desenvolvimento das competências socioemocionais que se destina a trabalhar as habilidades socioemocionais com os estudantes sobre temas: autogestão, convívio social e interesse ao novo, entre outras. Com isso, esses componentes se tornam parâmetros de inserção do conhecimento sobre juventudes para que se torne possível e habitual tais discussões no espaço escolar.

Como já mencionado anteriormente, o tempo para aplicação foi um entrave, pois era preciso em tempo hábil realizar alguns procedimentos para que o material fosse possível ser aplicado, primeiro: logo após a construção do material didático – sequência didática: voltada para discutir sobre questões de juventude – reuni com alguns professores da instituição citada para dialogar com eles uma possível aplicação do material em seu cotidiano, buscando uma parceria para tal procedimento, de imediato fui atendido e acolhido por tais profissionais que se dispuseram em fazer a aplicação teste da sequência didática. Na ocasião, expliquei aos professores envolvidos a necessidade da parceria e a urgência da aplicação do formulário, como a extrema importância deste momento, com fins de contribuir para com a pesquisa.

Em segundo momento, realizei uma reunião de alinhamento com os/as professores/as para que tais profissionais pudessem ter o primeiro contato com o material e também tivessem uma apresentação previa, demonstrando como se formulou: qual o interesse das abordagens, qual o formato do material e como se pensa a usabilidade dele. Esse momento foi feito pelo meet (ferramenta digital) e foi possível escutar, entender, questionar e estabelecer uma breve concepção sobre o que se usaria por eles.

Ademais, ressalto, que por intenção da pesquisa, não fiz uma formação conceitual do que foi proposto na cartilha, pois, para fundamentar a pesquisa, era extremamente importante que tais professores a tivessem em mãos e a aplicava de forma bruta, ou seja, sem que levasse consigo impressões conceituais de minha parte, mas que as estabelecessem com os seus estudantes por meio da utilização do material. Com isso, o produto tem uma maior fundamentação de usabilidade para o contexto escolar. Abaixo segue um registro do momento de socialização e orientações prévias para o uso do material, tal registro foi consentido e dado permissão pelos mesmo que fosse publicado nesse documento.

Imagem 8 – apresentação do material didático com os/as professores/as



Fonte: próprio autor³.

Antes que inicie a discussão sobre o material didático produzido, irei discorrer sobre onde, como e quem realizou a aplicação. Diante disso, esse produto foi aplicado na Escola de Ensino em Tempo Integral Maria Celeste de Azevedo Porto, escola de tempo integral do Município de Trairi, tal produto foi aplicado em todas as seriações, nas quais os respectivos professores e professoras desenvolveram em seus componentes curriculares. O produto foi aplicado de forma diversa: material impresso, digital, por meio de apontamento, leitura total, realização de atividades e pesquisa.

Nessa aplicação, foram cinco professores formados em várias áreas, das quais dois são graduados em Ciências Biológicas e que atuam nos componentes Biologia e NTTPS; um graduado, mestre e doutor em História e que atua no componente de História e Projeto integrador; um graduado em Geografia e atua nos componentes curriculares de NTTPS, Formação Cidadã, Cultura digital e desenvolvimento das competências socioemocionais; uma graduada em História e Pedagogia e que atua nos componentes Formação Cidadão e desenvolvimento das competências socioemocionais e estudo orientado. Ressalto também que ao ler em diante, optei por usar pseudônimo para se referir aos dados professores/as.

A imagem anterior é a evidência do processo formativo, diálogo e apresentação do material didático aos/as professores/as foi possível também realizar a previsão da aplicação e o retorno de tal ação. Nesse sentindo, ficou acordando um prazo de vinte dias para que os/as professores/as tivessem condições de realizar tal feito, indo, inclusive, de acordo com suas

³ Registro feito da apresentação do material didático aos professores/as pelo google meet.

A imagem está desfocada para fins de preservar a identificação dos/das professores/as

possibilidades (aula, tempo, metas, etc), priorizando a utilização do material como possibilidade de enriquecer o leque possível com os/as estudantes. Foi possível perceber, de antemão, que tais professores reconheceram o material como uma agregação e ampliação do que se já vem sendo realizado.

Neste terceiro momento, vou me deter a discutir sobre as impressões dos professores e das professoras sobre o material, um dos professores, o professor A (denominação fictícia), que aplicou menciona: *“O conteúdo do material é muito bom. Os textos despertam reflexões entre os adolescentes e eles conseguem se perceber dentro das discussões.”*. Nesse depoimento, é notório como a formulação do material (conteúdo e informações) foram assertivas e conseguem atingir os estudantes, como também os professores. Diante deste fato, fica, portanto, evidente que o material se torna acessível e permite uma usabilidade não comprometida, mas possível e fácil com os estudantes e a utilização por parte dos docentes.

Ao pensar a sequência didática, fundamentada não apenas com um plano de aula, mas com o arcabouço metodológico e o conteúdo a ser aplicado, percebemos uma possibilidade de que os jovens pudessem ver um reconhecimento com a abordagem, para que tal material não caiasse no conteudismo, mas tivesse significado com a realidade e vivência desses grupos juvenis que ocupam o espaço escolar. Além disso, há a preocupação com o entendimento dos docentes, ao ponto que os esses compreendem esse material como modelo usual e acessível a discussão. Assim, o procedimento didático-pedagógico se torna mais amplo e significativo, o que denomina-se de “aprendizagem significativa” conceito que norteia e embasa os documentos norteadores e reguladores dos sistemas de ensino nacional, conforme descrito pelo professor: *“é um material muito rico e que com grande potência de aplicabilidade e formação integral dos jovens do Ensino Médio.”*

Outro professor, que denomino de forma fictícia “professor B”, aplicou no componente curricular de projeto integrador e usou o resumo do material com os estudantes, por meio de tópicos e mapa mental. Em seu relato de aplicação, ele ressalta que reconheceu como pertinente e proveitoso o material. Nesse sentindo, o professor descreve em seu relato que usou das informações fomentadas pela sequência didática, aplicando de forma resumida na lousa e que, a partir deste recorte (resumo) retirado da sequência didática, construiu uma discussão com os estudantes sobre o tema, na qual ele afirma que foi possível pensar, com base os dados do material, os motivos pelo quais o recorte da juventude no Brasil é maior do que em outros países. Ademais, evidencio essa narrativa do professor B para elucidar que o material didático proposto é usual, no momento em que ele pode ser base de uma interpretação que ultrapassa o que se foi pedido em tal produto, ou seja, ele torna-se um arcabouço metodológico e didático

amplo que traz aos atores: professor e estudante, um subsidio forte que permite a ele imaginar os contextos mais simples (próximos) até os mais distantes como este descrito.

O mesmo professor ainda reafirma em seu relato que usou as atividades e deu notoriedade a atividade do percurso 1. Segundo o professor, as perguntas estavam conexas diretamente com o conteúdo dos percursos, o que deu a eles uma interpretação do imaginário sobre o que é juventude: símbolos, movimentos, performances e os levou a realizarem uma imaginação do seu cotidiano e perceber os marcos (momentos, rituais, feitos, objetos) que codificam o que foi discutido no percurso e o que foi pedido nas perguntas da atividade, fazendo jus ao título “colocando em prática o que discutimos”.

O “professor C” também fez seu relato sobre a aplicação do recurso didático-metodológico, usando o componente de NTPPS, ele ressalta *“apliquei a sequência didática usando apenas os textos e as atividades que ela fornece, veio agregar a proposta do componente curricular do componente NTPPS que esta no eixo: engajamento com outros, usei as três aulas, conforme orientado no material, por meio de leitura silenciosa e coletiva, debate e resolução das atividades”*. Nesse relato, é perceptível compreender o quanto a estrutura e as orientações inseridas na formulação do material didático foi possível ser compreendido facilmente, ou seja, teve uma linguagem e uma exequibilidade comprovada, na qual não saiu da realidade do espaço escolar e se torna usual no cotidiano de sala de aula. Além disso, o professor afirma que foi possível usar o material em formato digital (PDF) disponibilizado aos estudantes via grupo de WhatssAp e outros mecanismo no momento da aula, fez procedimento usando as três aulas, duas delas para a discussão teórica, leitura e debate, e outra para resolução das atividades.

O professor C também menciona que o material teve uma boa aceitabilidade dos/das estudantes, pois muito deles debateram, discutiram, expressaram suas opiniões com base no texto e fez de forma viva às interpretações propostas a luz do material da sequência didática. Ele também percebeu que os estudantes não tiveram tanto interesse em responder ou se sentiram instigados a debater, ficando um pouco retraído, segundo relato do professor, contudo, os demais que participaram ativamente conseguiram se apropriar do material e das discussões a ponto de travar uma relação de interação com os colegas dos quais não conseguiram se expressar tanto, ressaltando que foi possível a aplicação das atividades e tempo suficiente para consumo dos recursos.

O mesmo professor ainda em seu relato elucida que o material o ajudou a perceber seus estudantes, como esses se manifestam ou se reconhecem, segundo professor, levará como premissa, a partir de agora, para adequar ou repensar as próximas ações dentro do componente

curricular, ou seja, o material além de fins didáticos em sala de aula, foi também útil para que o professor consiga perceber os conceitos descritos na sequência e os aplique para melhor enxergar suas turmas e perceber as múltiplas formas de manifestações dos estudantes que compõe uma sala de aula. Essa fala, portanto, torna-se fundamental para mim, ela dá fundamento real da utilidade do material produzido e, acima de tudo, conforme pensando no objetivo desta pesquisa, levar os estudantes e professores a darem ao seu fazer um significado ao que utiliza em sala de aula, no caso a sequência didática.

O professor também disse que o material ficará como subsidio contínuo em suas aulas, pois é possível ser material complementar para os eixos que norteia o procedimento do seu componente curricular. Ele também apresentou algumas atividades propostas da sequência didática, apresentadas a seguir. As atividades se torna elemento de comprovação de que os estudantes conseguiram compreender a abordagem feita no material didático e se utilizarem de forma significativa. As respostas evidenciam a apropriação das discussões e o quanto os estudantes conseguiram, por meio do material, usarem como recurso de pesquisa e embasamento para responder as atividades. Isso também comprova a relação didática e a conexão lógica entre o que se discute na sequência (textos e demais recursos) com as atividades propostas.

Imagem 9 – atividade proposta pela sequência didática

Nome: Mônica Santos da Costa
 R.E.m + 1 Maria Celeste de Aguiar Porto
Série: 2º C

Idade: 16 anos
 Série: 2º C

01- A juventude abrange pessoas que tenham idade mínima de 15 anos, contendo, há outros documentos normativos (exigência que estabeleça normas e regras). A juventude, além de ser um grande grupo nacional e também um grupo que contempla grupos e diversos, inclusive, grupos que historicamente foram anelados pela sociedade, e que atualmente, buscam plena organização e visibilidade, como demonstrado no quadro a população LGBTQIAP+.

02- O jovem precisa definir seus parâmetros: etária-idade conforme diretrizes de agências (exemplos: OMS); biológico-relacionado ao aspecto físico do corpo, e o rito de passagem da vida humana.

03- Como se vive, gênero e a identidade

04- O 1866

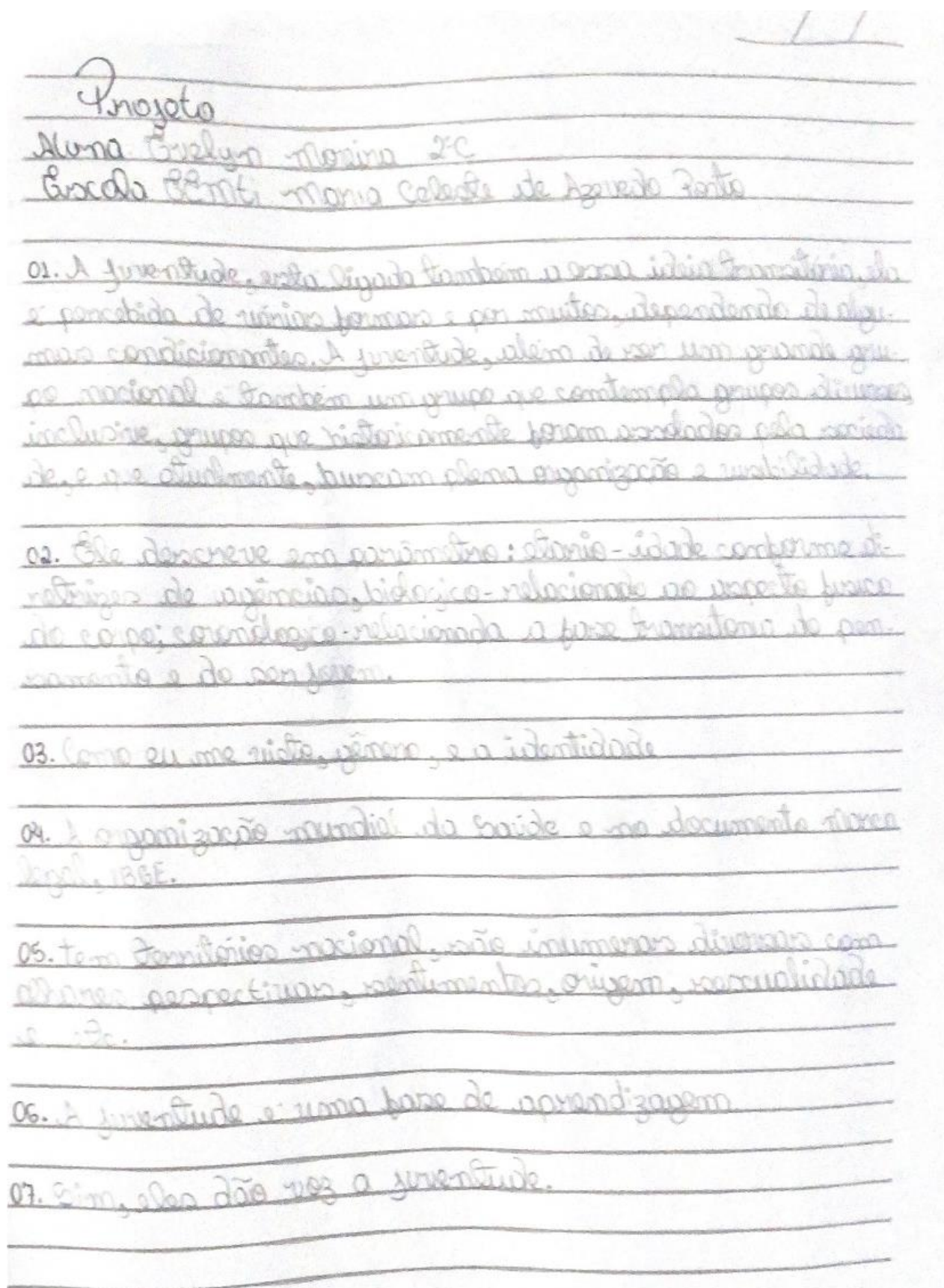
05- São anáguas discursos, sentimentos, resoluções, origens, identidade, e sem território nacional

06- A juventude passa por uma fase de aprendizagem, e em vez alguns é mais que imatura e precisa aprender várias coisas

07- Sem, mas dá a oportunidade da vez a juventude

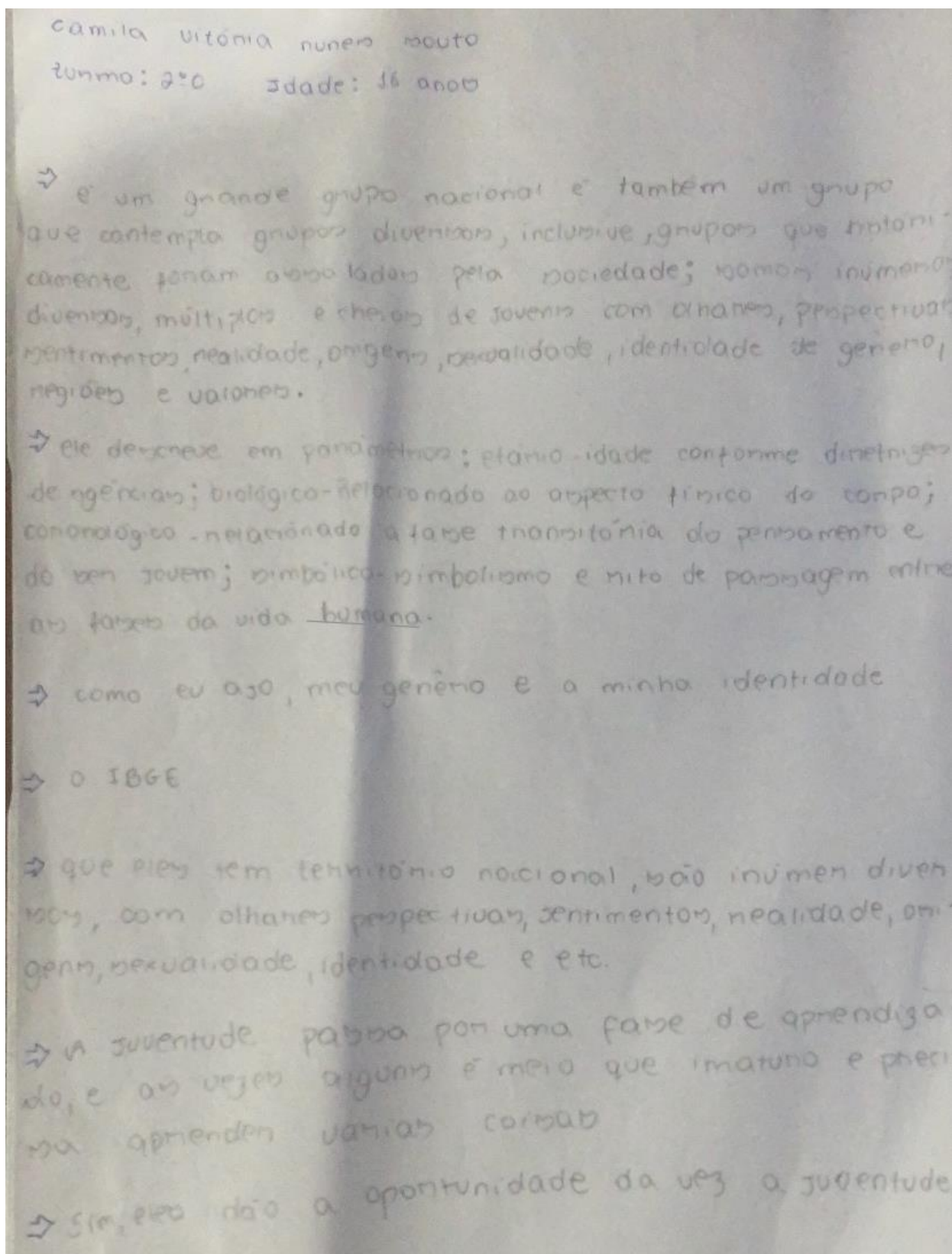
Fonte: próprio autor.

Imagem 10 – atividade proposta pela sequência didática



Fonte: próprio autor.

Imagem 11 – atividade proposta pela sequência didática



Fonte: próprio autor.

O material, portanto, não se torna inválido ou fica no plano das ideias (analogia como o filósofo Platão), mas se constitui como um produto metodológico, didático, pedagógico e formativo sobre os conceitos bases desta pesquisa: escola e juventudes. Assim, as escolas, seja elas quais forem, podem se utilizar deste recurso e implantarem em suas realidades como processo e meio didático de facilitar a discussão sobre os temas de uma maneira acessível, didática, plural, dinâmica e formativa.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho propôs discutir sobre escola, juventude e sociedade, sobretudo a relação direta entre juventude e a escola e todas as variantes que constroem esse espaço como também esses grupos descritos. Isso após essa abordagem teórica, na qual tentou por diversas vezes estabelecer uma análise construtiva e analítica entre os grupos e categorias sociológicas para respaldar sobre o tema em específico. Ademais, como intervenção, houve a construção de um material didático que permita subsidiar a escola, professores e os próprios jovens a se pensarem, refletirem e perceberem no seu cotidiano.

Começo essas considerações, traçando os elementos constitutivos desta escrita e desenhando o arranjo final do que se entendeu ou tentou se estabelecer de compreensão nesta pesquisa, o que se estabelece como primeiro tópico sobre juventude e sociedade e segundo tópico escola e sociedade, finalizando assim, as dadas observações.

1. Considerações sobre o conceito de escola e juventudes:

Finalizo ressaltando que a escola como espaço de significados tem consigo uma reformulação histórica, tal significado é ampliado para o plural na medida em que as sociedades e suas modificações dão novos sentidos a esse espaço. A escola, ao longo do tempo, tem agregado a sua imagem infinitos adjetivos ou conceituações, contudo, a algo atemporal que está intimamente ligado ao seu sentido primário: um local fundado pela pluralidade de ideias, perspectivas, concepções, manifestações e ideologias, que se manifestam de forma infinita, variável e diversificada na escola, na qual atravessam décadas e décadas junto delas, o que ressignificam suas maneiras de se tornarem visíveis como também reorganizam a escola como espaço social.

As juventudes, por sua vez, como grupo e categoria sociológica deve, portanto, ser pensada de forma sensível e perceptível as múltiplas formas de compreendê-las e reconhecê-las na sociedade, seja por um recorte como pelo contexto atual, também percebe o espaço como local estratégico de encontro desta grande massa popular. Além disso, considero, por meio desta pesquisa, a concepção de que as juventudes, como grupo social vivo e vital da sociedade, atribuíam a escola uma conotação de movimento e vida. Assim, sem eles, a escola passaria a ser um espaço de preenchimento, mas ao ser ocupado por eles a relação se torna quase intrínseca e a junção de ambas categorias sociais fazem com que elas vivam, convivam e se tornam esse símbolo forte, vital, necessário e energético da sociedade.

Portanto, é preciso entender também as juventudes, conforme descrito por autores e por meio da pesquisa, pois elas carregam consigo elementos que as compõe, seja campos, nortes, marcadores ou características que conversam com suas formas: psíquicas, sociais, culturais, educacionais, físicas e geográficas, na qual a equação de todos estes elementos elaboram as juventudes que sabemos, e que um dia vivemos e lembraremos.

2. E o que se pode estabelecer sobre esses dois conceitos?

Com base na pesquisa e para mim, enquanto pesquisador, elucido ao leitor uma possibilidade de perceber o espaço escolar e as juventudes como atores e agentes sociais que bebem e sofrem das ações e relações da sociedade, mas que também conseguem serem agentes de produção de ações, relações, reflexões, sentimentos e ideias que a sociedade, por sua vez, recebe e injeta no seio social, a fim de atribuir importância no sentido de vida do ser em sociedade. Ademais, a relação entre escola e juventude perpassa as nuances da vida em sociedade, na qual os interesses, grupos, performances, formas, materialização e estilos são feitos e formulados a partir de uma lógica externa da escola, que encontram meios e mecanismos (professores, profissionais, espaços, projetos, conhecimento, aulas, etc) para se inserir e ocuparem o espaço vivo da escola.

Esses objetos de estudos, escola e juventudes, são, para mim, conceitos caros para sociedade, que estarão diariamente em disputa pela sociedade, seja pelos grupos políticos, movimentos sociais, agências e agentes, pois, por meio destes dois objetos (grupos), fazem palco de sobressaírem e terem maior força e referência no contexto social. Não categorias, também caras, pelo fato de que não são lineares ou estáticas, mas que tem modelos dinâmicos, frenéticos, adaptáveis, modificáveis e mutáveis ao longo da história. Por isso, vivem na relação paradoxal: sociedade as constrói e a escola e as juventudes transformam a tal sociedade que um dia as formulou.

Por fim, é preciso tentar escutar tais juventudes que compõem o espaço escolar para fins de formular uma escola cheia de significados, mesmo com as inúmeras atribuições que são conferidas as escolas e aos professores e professoras. Esses, por sua vez, não devem esquecer de conjugar em seus projetos políticos pedagógicos a união entre o saber científico, social, cultural e, especificamente, voltado para pensar as juventudes que compõe tais espaços escolares. Os jovens são como agentes, que também constrói os imaginários sociais, seja na escola, seja em casa, seja na família, seja na praça, seja o lazer, seja no grupo de amizade, seja em qualquer lugar, juventudes é algo vivo e latente.

Nesse sentido, finalizo ressaltando que a escola, como espaço de significados, tem consigo uma reformulação histórica, tal significado é ampliado para o plural na maneira em que as sociedades e suas modificações dão novos sentidos a esse espaço. Além disso, a juventude como grupo e categoria sociológica deve, portanto, ser pensada de forma sensível e perceptível as múltiplas formas de compreendê-la e reconhece-la na sociedade, seja por um recorte ou por contexto atual, como também reconhecer a relação direta entre as sociedades, modelos, instituições, escola e juventude como algo contínuo, mutáveis e dotados de sentidos e reflexões. Por fim, tentei escutar, observar e atentar-se ao que gira sobre os mundos que pesquisei, percebendo tais juventudes que compõem o espaço escolar, deixando como colaboração um material didático que apoie ou permita a inserção efetiva de discussões sobre o tema na educação básica.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Organizado por Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. (Ciências Sociais da Educação).
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas sobre a teoria da ação**. 9. ed. São Paulo: Papirus, 2008.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Dispõe sobre o documento legalizador da educação básica. Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 10 maio 2022.
- CEARÁ. Governo do Estado. **Documento Curricular Referencial do Ceará (DCRC)**. Dispõe sobre o documento legalizador da educação básica: etapa final (ensino médio). Fortaleza: Governo do Estado do Ceará, 2019. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/curriculos_estados/documento_curricular_ce.pdf. Acesso: 5 maio 2023.
- CEARÁ. Secretaria de Educação. **Secretaria de Educação do Estado do Ceará: publicações sobre as escolas**. Dispõe sobre as leis que regem o sistema de ensino estadual. Fortaleza: SEDUC, 2018. Disponível em: https://www.seduc.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/37/2018/09/lei_16.287.pdf. Acesso em: 5 maio 2023.
- CPSMIT. **Trairi**. Trairi: CPSMIT, 2019. Disponível em: <https://www.cpsmitapipoca.ce.gov.br/paginas/trairi#:~:text=Segundo%20a%20historiadora%20Maria%20Pia,que%20se%20estabeleceram%2C%20constituindo%20fam%C3%ADlias..> Acesso em: 27. jun. 2023.
- DAYRREL, Juarez; CARRANO, Paulo. **Juventude e ensino médio: quem é este aluno que chega à escola**. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 103-105.
- DAYRELL, Juarez; GOMES, Nilma Lino; LEÃO, Geraldo. Escola e participação juvenil: é possível esse diálogo? 2010. **Educar em Revista**, Paraná, v.38, p. 1, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/3rBtV9HvsS3RhdQRgTXV67S/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 26 nov. 2022.
- DOULA, Maria Sheila. Família, escola e juventudes nos debates sobre a cultura contemporânea. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 29, p. 306-308, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/zSnw9g5s7r5PcgrhwRNmY8n/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 26 nov. 2022.
- FACUNDES, Tatiana Bezerra. Os conceitos do professor pesquisador e o professor reflexivo. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 21, p. 290-291, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/RmXYydFLRBqmvYtK5vNGVCq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 out. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2002.

GIDDENS, Anthony. **Política, sociologia e teoria social**: encontros com o pensamento social clássico e contemporâneo. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

GIL, Carlos Antônio. **Métodos e técnicas da pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas editora, 2008.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 1997.

IVÁN, G. Silva Miguel; TOMZETTI, M Elisete. As competências no sistema educativo contemporâneo: estratégias da governamentalidade neoliberal. 2013. **Políticas Educativas**, Porto Alegre, v. 7, p. 48, 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/elice/Downloads/andretich,+Dossi%C3%AA+4+Miguel+Formatado.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2022.

LESSA, Cristiano Oliveira. Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. 2010. **Revista Travessias**, Cascavel, v. 4, p. 7-10, 2010. Artigo Doutorado em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3122/2459>. Acesso em: 10 nov. 2022.

LIMA FILHO, I. P. Culturas Juvenis e agrupamentos na escola: entre adesões e conflitos. **Revista de Ciências Sociais (UFC)**, Fortaleza, v. 45, p. 103-118, 2014. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/2421> Acesso em 29. ago. 2021.

LOPES, Amliz Ferreira; MENDONÇA, Érika de Sousa. Ser jovem, ser belo: a juventude sob holofotes na sociedade contemporânea. **Revistas Subjetividades**, Fortaleza, v. 16, p. 3, 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692016000200002. Acesso em: 6 maio 2023.

MAIA, Antonio Glaudenir Brasil; NASCIMENTO, Ermínio de Sousa. **Iniciação à docência**: concepções e práticas no PIBID/UVA. Sobral: Expressão Gráfica e Editora, 2010. Fórum Brasileiro do Semiárido, Fortaleza, v. 4. Disponível em: https://siteadmin.uvanet.br/apps/common/documentos_proex/publica_8d918fb7270eb3e7cdafd0.pdf. Acesso em: 4 abr. 2023.

MARQUES, Janones, Pires. **A “observação participante” na pesquisa em educação**. 2016. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3152710/mod_resource/content/1/Observacao%20participante.pdf#:~:text=A%20%E2%80%9Cobserva%C3%A7%C3%A3o%20participante%E2%80%9D%20n%C3%A3o%20significa,buscar%20articular%20teoria%20e%20pr%C3%A1tica. Acesso em: 6 maio 2023.

MARTINS, Carlos Henrique dos Santos; CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. A escola diante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar. **Educação**, Santa Maria, v. 36, p. 43-46, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reveducacao/article/view/2910/1664>. Acesso em: 5 maio 23.

MATTOS, Amanda Rocha; CASTRO, Lucia Rabello. **Jovens e a liberdade**: reflexões sobre autonomia, responsabilidade e independência. [S. l.], 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/ThPn5ch7dv6xXpnJvJm87CL/?lang=pt>. Acesso em: 5 maio 23.

MEUCCI, Simone. Juventude e ensino médio: quem é este aluno que chega à escola. livro: ensino e sociologia. In: DAYRREL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares (org.). **Juventude e ensino médio**: sujeitos e currículos de diálogo. 1. ed. Minas Gerais: Editora UFMG, 2014. p. 104-105.

MEUCCI, Simone. Os livros didáticos da perspectiva da sociologia do conhecimento: uma proposição teórico-metodológica. 2020. **Revista Brasileira de História da Educação**. Paraná, v. 20, p. 255, 2020. Disponível: <https://www.scielo.br/j/rbhe/a/CV7vnC7HvkhQjBRj4YsK9Dc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30. ago. 2023.

MEUCCI, Simone. Sociologia na educação básica no Brasil: um balanço da experiência remota e recente. **Revista Ciências Sociais Unisinos**, São Paulo, v. 3, p. 259, 2015. Disponível em: https://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/csu.2015.51.3.02. Acesso em: 10 jun. 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza *et al.* (org.) **pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

NASCIMENTO, Caroline Gonçalves; WASKOW, Milena Holz; STREY, Marlene Neves; COSTA, Ângelo Brandelli. **Todo mundo é igual?**: construções de gênero sob o olhar da juventude. Campo Grande: Interações, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/inter/a/QvVNyVqj9yddSQvkcnxTMhM/?format=pdf>. Acesso em: 10. ago. 2023.

NERY, Vanderlei Elias. Currículo como processo vivenciado na escola. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, v. 96, p. 5, 2009. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/096/96nery.pdf>. Acesso em: 1 jun. 2023.

NÓVOA, A. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, A. (org.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

NÓVOA, Antônio. **Relação escola/sociedade**: novas respostas para um velho problema. Porto Alegre, Educação & realidade, vol. 44, 2019. Disponível em: novoa.relaçoescolasociedadedenovasrespostasparaumvelhoproblema.pdf. Acesso em: 26. nov. 2022.

PIOTTO, Cristina Debora. A escola e o sucesso escolar: algumas reflexões à luz de Pierre Bourdieu. Ribeirão Preto: UFSJ, 2009. Disponível em:

https://ufsj.edu.br/portalrepositorio/File/vertentes/debora_piotto.pdf. Acesso em: 20 out. 2022.

REGIÃO Metropolitana de Fortaleza. *in*: WILKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [San Francisco, CA: Wikimédia Foundation], 2015. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Regi%C3%A3o_Metropolitana_de_Fortaleza. Acesso em: 23. nov. 2023.

SACRISTÁN, J. Cimeno. **O currículo uma reflexão sobre a prática**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SANTOS, Vinicius Silva; SANTOS, Jacques Fernandes; SCHNEIDER, Henrique Nou. **Culturas juvenis, socialidade e educação**: elementos para (re) pensar a formação humana na cibercultura. Aracaju: Interfaces Científicas, vol. 10, p. 13, 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/download/8646/4317/27571>. Acesso em: 5 maio 2023.

SILVA, Fernando Gomes; SILVA, Edineide Gomes da Silva; QUEIROZ, Jhony Carlos. **A importância do professor pesquisador**. Campina Grande: Realiza, 2016. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2016/TRABALHO_EV056_MD4_SA4_ID4198_14082016195123.pdf. Acesso em: 27 jun. 2023.

SILVA, I. F. A sociologia no ensino médio: os desafios institucionais e epistemológicos para a consolidação da disciplina. **Revista Cronos**, [s. l.], v. 8, n. 2, p. 405, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/1844>. Acesso em: 29 jan. 2025.

SILVA, Ileize Luciana Fiorelli; ALVES NETO, Henrique Fernandes; VICENTE, Daniel Vitor. **A proposta da Base Nacional Comum Curricular e o debate entre 1988 e 2015**. São Leopoldo: Ciências Sociais Unisinos, 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/938/93843711011.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2023.

SILVA, Ribeiro Monica da. A BNCC da reforma do ensino médio: o resgate de um empoeirado discurso. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 34, p. 13, 2018. Disponível em: https://siteal.iiiep.unesco.org/sites/default/files/sit_investigacion_pdf/2214.pdf. Acesso em: 10. jul. 2022.

WACQUANT, L. Dossiê Pierre Bourdieu no campo: seguindo Pierre Bourdieu no campo. 2006. **Revista Sociologia Política**, Curitiba, v. 26, p. 13-14, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/QqSpL9VfNby87GKdSNrLn8G/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10. ago. 2023.